

A presente pesquisa situa-se na área da História da Educação. Tem por objetivo precípuo revelar a implantação do projeto "Educação para o Pensar" o caminho trilhado, os planos, as práticas realizadas nas series iniciais do Ensino Fundamental da cidade de São José-SC, tendo como fio condutor o projeto idealizado pela rede "Educação para o Pensar", que inclui o ensino de Filosofia para crianças na matriz curricular, base diversificada dos anos iniciais, conforme Parecer nº 022-2007. Trata-se de um movimento planejado pela Secretaria da Educação para desenvolver a cultura do pensar na rede municipal de São José, vinculado ao slogan político "Educar para vencer, educar para a vida, educar para o pensar".

Palavras-chave: Filosofia. Anos iniciais. Educação para o Pensar

Florianópolis, 2015

ANO
2015

KARINE RODRIGUES RAMOS | FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: O PROJETO "EDUCAR PARA O PENSAR" NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ/SC (2000-2010)



UDESC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**FILOSOFIA PARA CRIANÇAS:
O PROJETO "EDUCAR PARA O
PENSAR" NA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO DE SÃO JOSÉ/SC (2000-
2010)**

KARINE RODRIGUES RAMOS

FLORIANÓPOLIS, 2015

KARINE RODRIGUES RAMOS

**FILOSOFIA PARA CRIANÇAS:
O PROJETO “EDUCAR PARA O PENSAR” NA REDE MUNICIPAL
DE ENSINO DE SÃO JOSÉ/SC (2000-2010)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Celso João Carminati.

**FLORIANÓPOLIS, SC
2015**

R175f

Ramos, Karine Rodrigues

Filosofia para crianças: o projeto educar para o pensar na Rede Municipal de Ensino de São José/SC (2000-2010) / Karine Rodrigues Ramos. - 2015.

209 p. : il. color ; 21 cm

Orientador: Celso João Carminati

Bibliografia: p. 177-182

Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2015.

1. Filosofia. 2. Educação - Santa Catarina. 3. Educação elementar - Ensino Fundamental. I. Carminati, Celso João. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD: 100 - 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

KARINE RODRIGUES RAMOS

**FILOSOFIA PARA CRIANÇAS:
O PROJETO “EDUCAR PARA O PENSAR” NA REDE MUNICIPAL
DE ENSINO DE SÃO JOSÉ/ SC (2000-2010)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGC, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Banca Examinadora

Orientador: _____
(Prof. Dr. Celso João Carminati)
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membro: _____
(Prof. Dr. Alex Sander da Silva)
Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina (UNESC)

Membro: _____
(Prof.^a Dr.^a Gladys Mari Ghizoni Teive)
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membro: _____
(Prof.^a Dr.^a Gisela Eggert Steindel)
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Florianópolis, SC
2015

A todos os professores que dedicam seus dias e horas de vida na escola. A todos que por motivos sociais nunca terão a possibilidade de se tornarem mestres.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador professor Dr. Celso João Carminati, meu respeito e minha gratidão pela oportunidade dada e pelo conhecimento compartilhado, pela orientação, dedicação e compreensão na caminhada empreendida. Destacando o desafio por ele ter aceitado orientar uma pesquisa histórica no campo da implantação de um projeto de filosofia para crianças, acreditando na importância de revelar o projeto e incentivando-a.

À professora Dr.^a Gladys Mary Ghizoni Teive, que me inspirou com sua experiência e conhecimento em cultura escolar, contribuindo de maneira fundamental na qualificação pelas indicações no encaminhamento da pesquisa.

À professora Dr.^a Gisela Eggert Steindel, que trouxe importantes contribuições na qualificação sobre a organização do texto e, como professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UDESC), me incentivou com seu olhar de credibilidade quando nem eu mesma pensava ser possível, nos corredores da FAED, nas suas perguntas sobre meu trabalho e então “Como anda o texto?”.

Ao professor Dr. Alex Sander da Silva, pela sua objetiva contribuição na qualificação.

À coordenação, aos funcionários e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC, pela oportunidade de aprendizado, crescimento e realização profissional e pessoal.

Ao Centro Educacional Maria Luíza de Mello, na cidade de São José, pela política de incentivo à pesquisa, por possibilitar os documentos e o contato com os arquivos do projeto. Ao diretor Msc. Odimar Lorenzetti, às professoras, às orientadoras e às supervisoras do CEMIA, pela socialização do vivido no Ensino Fundamental.

Aos profissionais da área, que prestaram grande contribuição à pesquisa, seja em suas narrativas, seja nos documentos colocados à disposição. Aos professores Alberto Thomal e Fernando Elias, meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, Jorge Fernando Ramos e Rosi Elaine Rodrigues Ramos, e avós, motivo da minha vida e de tudo que faço, pelo exemplo de persistência, valor, amor à vida e à família.

Aos meus irmãos Vinicius, Fernando, Thalita, Jadir, Berenice, Lidiane e Alexandre e a toda a minha grande família, pelo incentivo e apoio.

Ao meu filho amado, Luan Ramos de Mello, que desde seu nascimento divide minha atenção com os estudos, criança extraordinária que ilumina meus dias. À flor mais linda e perfumada do meu jardim chamada Larissa.

Ao meu marido, companheiro Elemar de Mello, por sua paciência e dedicação nos dias e madrugadas de empenho, pelo incentivo de vida e de persistência.

Aos amigos de turma do mestrado, pelas trocas e reflexões sobre educação, vida acadêmica e profissional nos encontros de aula e de confraternização.

Às minhas alunas e aos meus alunos, aos colegas de trabalho e em especial ao Jonata Bassani e à Joseane Stalbaum, pela ajuda nos dias em que se conformar era uma atitude muito difícil.

Aos meus amigos e às minhas amigas, em especial à Fernanda Alves, companheira, amiga e incentivadora dos meus caminhos, pelo carinho e apoio nas dificuldades intelectuais dessa caminhada.

Enfim, a todos que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes nesse desafio.

Meus agradecimentos!

Temos, também, de estar preparados para o fato de que abordagens pseudofilosóficas de toda espécie irão disputar a entrada nas escolas. Depende de nós nos devotarmos energeticamente a distinguir o filosófico do pseudofilosófico, bem como o filosófico do não filosófico. (LIPMAN, 1990, p. 46).

RESUMO

A presente pesquisa situa-se na área da História da Educação. Tem por objetivo precípuo revelar a implantação do projeto "Educação para o Pensar" o caminho trilhado, os planos, as práticas realizadas nas series iniciais do Ensino Fundamental da cidade de São José-SC, tendo como fio condutor o projeto idealizado pela rede "Educação para o Pensar", que inclui o ensino de Filosofia para crianças na matriz curricular, base diversificada dos anos iniciais, conforme Parecer nº 022-2007. O projeto idealizado no ano 2000 pelo então professor Alberto Thomal trouxe a filosofia como disciplina para os anos iniciais, cuja inspiração foi a metodologia de Matthew Lipman e Ann Margaret Sharp, chamada "Filosofia para crianças". A rede de ensino do município de São José introduziu a proposta com a Assessoria do Centro de Filosofia "Educação para o Pensar" e adquiriu recursos materiais, como livros teóricos e didáticos do S.E.R - Sistema Reflexivo de Ensino -, publicados pela editora do mesmo Centro e realizou formações com professores que desejaram participar da implantação do projeto. Trata-se de um movimento planejado pela Secretaria da Educação para desenvolver a cultura do pensar na rede municipal de São José, vinculado ao slogan político "Educar para vencer, educar para a vida, e". O projeto proposto é marcado pelo caráter metodológico do ensino de filosofia, deixando para segundo plano os conteúdos e a história da filosofia. A pesquisa foi desenvolvida pelo caminho metodológico da análise documental e da história oral. Como referencial teórico, optou-se: a) pelas teorizações de Renê José Trentin Silveira (2001), sobre a contribuição para a crítica do Programa de Filosofia para crianças de Mathew Lipman; b) pelo conceito de Cultura Escolar de Dominique Julia, que propõe a análise do ensino de uma disciplina levando em conta os elementos que a constituem. A pesquisa

possibilitou compreender que o projeto implantado pela rede teve como objetivo inserir a cultura do pensar, e para isto apostou em recursos metodológicos sistematizados que não atenderam aos ensinamentos básicos indicados para o ensino de filosofia. O conflito de ideias fez então surgir nestes 10 anos uma produção bibliográfica, a reformulação da Proposta Curricular do Município de São José, a elaboração do material teórico “Caderno pedagógico de Filosofia - 2008” e o investimento em uma proposta de prática interdisciplinar revelada nas **Séries Pedagógicas** (revista de socialização dos projetos pedagógicos realizados nas escolas, em especial a escola pesquisada, o CEMIA). No que se referem às práticas planejadas e realizadas, a pesquisa traz como fontes de análise os livros, as novelas, as atividades adotadas e utilizadas como práticas do projeto, e revelam em que medida contribuiu para construir a cultura do pensar idealizada no slogan e na base político partidária do projeto em questão.

Palavras-chave: Filosofia. Anos iniciais. Educação para o pensar.

ABSTRACT

This research is situated in the area of History of Education. Main objective is to reveal the implementation of the project "Education for thinking" trodden path, plans, practices performed in the early grades of elementary school in São José-SC, with the thread design conceived by network "Education to think ", which includes the teaching of Philosophy for children in the curriculum, diverse base of early years as Opinion No. 022-2007. The project created in 2000 by the then Professor Alberto Thomal brought philosophy as a discipline for the initial years, who was inspired by the methodology of Matthew Lipman and Ann Margaret Sharp, called "Philosophy for Children". The school system in São José introduced the proposal to the Advisory Centre for Education Philosophy thinking and acquired material resources such as textbooks and theoretical SER - Reflective Learning System - published by the same publisher Centre and conducted trainings with teachers who wished to participate in the project implementation. It is a planned by the Department of Education to develop a culture of thinking in the city of São José, linked to the political slogan "Educate to win, educating for life, nurture thinking" movement. The proposed project is marked by methodological nature of teaching philosophy, leaving the background content and the history of philosophy. The research was conducted by way of methodological document analysis and oral history. As a theoretical framework, it was decided: a) the concept of ownership as inventive as the production of meaning and practice of reframing as proposed by Roger Chartier (1988); b) the theories of Rene Jose Silveira Trentin (2001), its contribution to the critique of the Philosophy for Children Program Mathew Lipman; c) the concept of School Culture

Dominique Julia, who proposes the analysis of the teaching of a course taking into account the elements that constitute it. This research allowed us to understand that the project implemented by the network aimed to put the culture of thinking, and for that bet on systematic methodological features that did not meet the basic teachings given to the teaching of philosophy. The conflict of ideas did arise then these ten years a literature production, recast proposal Course in São José, the elaboration of the theoretical material "pedagogical Notebook Philosophy - 2008" and investment in a proposed interdisciplinary practice revealed the Pedagogical Series (revised socialization of educational projects undertaken in schools, especially school studied, the CEMIA). In referring to planned and conducted practices, research brings as sources of analysis books, novels, activities adopted and used as design practices, and reveal to what extent contributed to building a culture of thinking in slogans and idealized partisan political basis of the project in question.

Keywords: Philosophy. Earliest years. Education to think

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ACT	Admissão em Caráter Temporário
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CATIS	Centro de Atendimento Tecnológico para a Inclusão Social
CENFEP	Centro de Filosofia "Educação para o Pensar"
CEMIA	Centro Educacional Municipal Maria Iracema Martins de Andrade
CME	Conselho Municipal de Educação
COEPRE	Coordenação de Educação Pré-Escolar
CRIA	Criatividade e Reflexão para a Infância Açoriana
DNCr	Departamento Nacional da Criança
EaD	Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMC	Educação Moral e Cívica
FAED	Centro de Ciências Humanas e da Educação
FEBE	Departamento de Filosofia da Fundação Educacional de Brusque
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica de Valorização dos Profissionais da Educação
IAPC	Institute for the Advancement of Philosophy for Children (Instituto para o Desenvolvimento de Filosofia para Crianças)
IEE	Instituto Estadual de Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério Da Educação
PCNEM	Parâmetros Nacionais para o Ensino Médio

PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPT	Preparação para o Trabalho
SOPHOS	Editora do Centro de Filosofia "Educação para o Pensar"
S.E.R	Sistema Reflexivo de Ensino
SMESJ	Secretaria Municipal de Educação de São José
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Formação com prof. Silvio Wonsovicz	65
Figura 2 - Entrega dos livros de formação	66
Figura 3 - Livros paradidáticos utilizados nas turmas de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental	123
Figura 4 - Livro utilizado como recurso metodológico do 1º ao 5º ano	125
Figura 5 - Prédio da Escola CEM Maria Iracema Martins de Andrade.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 6 - Apresentação 2010 – IV Festa da Família	139
Figura 7 - Aulas de capoeira no recreio escolar	139
Figura 8 - Alunas do CEMIA ensaiando no recreio para a mostra de Dança	140
Figura 9 - Fanfarras da escola CEMIA 2010 – Apresentação no pátio coberto da Escola – Ensaio para o 7 de setembro	141
Figura 10 - Aula de flauta doce – recreio do CEMIA	141
Figura 11 - Fotos das apresentações da Gincana cultural unindo todas as disciplinas	143
Figura 12 - Eco do Avencal	144
Figura 13 - Atendimento Educacional Especializado AEE- do Polo CEMIA	144
Figura 14 - Alunas explorando a tecnologia do CATIS	145
Figura 15 - Sala informatizada	146
Figura 16 - Aluna brincando com os brinquedos pedagógicos da sala AAE	146
Figura 17 - Especialistas atendendo os alunos do CEMIA	147
Figura 18 - Alunos apresentando o teatro "Emília no país das maravilhas"	148
Figura 19 - Crianças atuando	148
Figura 20 –Programação de evento no CEMIA	150

Figura 21 - Comunidades de Aprendizagem - Professora socializando suas práticas	151
Figura 22 - Equipe organizadora do evento.....	151
Figura 23 - Exposição dos trabalhos 2010.....	152
Figura 24 - Exposição das diferentes fases dos projetos, pesquisas e produções do decorrer do processo de aprendizagem	153
Figura 25 - Caderno Pedagógico – Filosofia	154
Figura 26 - Processo de Renovação da Autorização de Funcionamento de Instituição de Ensino Centro Educacional Maria Iracema Martins de Andrade	154
Figura 27 - Novo Espaço Filosófico Criativo.....	156
Figura 28 - Novo Espaço Filosófico Criativo.....	156
Figura 29 - Espaço Filosófico Criativo 1, 2, 3, 4.....	157
Figura 30 - Pensando logicamente: aprender a fazer.	158
Figura 31 - O desafio de Pensar sobre o Pensar: investigando sobre Teoria do Conhecimento.	158
Figura 32 - Cantar é filosofar: songbook filosófica.....	159
Figura 33 - Aprendendo a viver juntos: investigando sobre Ética.....	159
Figura 34 - Somos filhos da Pólis: investigando sobre Política e Estética.....	160

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estratégias Pedagógicas (Continua).....	53
Quadro 2 - Relatório de visitação às unidades (Continua).....	71
Quadro 3 - Quantidade de aulas distribuídas nas unidades escolares	91
Quadro 4 - Orientação do Centro de Filosofia "Educação para o Pensar" para o desenvolvimento dos currículos da disciplina.....	97
Quadro 5 - Poesia da aluna Cameron Lima Ventura da Silva.....	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO 1 - A PESQUISA NO CONTEXTO HISTÓRICO DO PROJETO "EDUCAR PARA O PENSAR" E ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS	31
1.1 PANORAMA DA PESQUISA	31
1.2 ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA	35
1.3 O CENTRO EDUCACIONAL MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE E O PROJETO "EDUCAR PARA O PENSAR"	45
CAPÍTULO 2 – MATTHEW LIPMAN – O PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS E O PROJETO “EDUCAR PARA O PENSAR”	49
2.1 O PROGRAMA "FILOSOFIA PARA CRIANÇAS" E SUA CHEGADA AO BRASIL.....	49
2.2 O CENTRO DE FILOSOFIA "EDUCAÇÃO PARA O PENSAR"	55
2.3 "EDUCAR PARA O PENSAR": A INICIATIVA E A CONFIGURAÇÃO DO PROJETO	57
2.4 O ENSINO DE FILOSOFIA – ENTRE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA	59
2.5 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E OS MATERIAIS PEDAGÓGICOS DO PROJETO.....	63
CAPÍTULO 3 – ESTUDO DE CASO CEMIA – A “CULTURA ESCOLAR” COMO PRESCRIÇÃO DOS DESEJOS	85

3.1	O PLANEJAMENTO DA DISCIPLINA “FILOSOFIA” E A CULTURA ESCOLAR	85
3.2	APOIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA AS AULAS DE FILOSOFIA	98
3.3	UMA AVALIAÇÃO SOBRE A CULTURA ESCOLAR NO ÂMBITO DO PROJETO "EDUCAR PARA O PENSAR"	113
3.4	A ESCOLA E SUA CULTURA: ATIVIDADES PEDAGÓGICAS REALIZADAS NO CEMIA.....	137
3.5	FONTES DOCUMENTAIS.....	153
3.5.1	Prefeitura Municipal de São José.....	153
3.6	FONTES TEÓRICAS (UTILIZADOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO PROJETO EDUCAÇÃO PARA O PENSAR).....	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		167
REFERÊNCIAS.....		177
ANEXOS.....		183
ANEXO A - PARECER Nº 0022/2007.....		183
ANEXO B - PARECER Nº 0039/2008		195
ANEXO C – PROJETO CAFÉ COM IDEIAS		199
ANEXO D - PROGRAMA "EDUCAR PARA O PENSAR"		203
ANEXO E – APROVAÇÃO PELO CME SÃO JOSÉ – INCLUSÃO DA DISCIPLINA FILOSOFIA (FEV. 2009)		205
ANEXO F - ALTERAÇÃO DA MATRIZ CURRICULAR - DISCIPLINA FILOSOFIA		207
ANEXO G - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS		209

ANEXO H - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DO FIEL GUARDIÃO – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ.....	211
ANEXO I - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DO FIEL GUARDIÃO – DIRETOR DA ESCOLA CEMIA	213
ANEXO J - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DO FIEL GUARDIÃO – SECRETARIA DA ESCOLA CEMIA	215
ANEXO K - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	217
ANEXO L - FOLHA DE ROSTO – COMITÊ DE ÉTICA – PLATAFORMA BRASIL.....	219

INTRODUÇÃO

De acordo com Chartier (1989), um mesmo texto pode ser lido, interpretado, ressignificado e apropriado de diferentes modos, por diferentes leitores e em diferentes conjunturas.

Com esta pesquisa, queremos apresentar em perspectiva historiográfica os aspectos que a constituem e discutir as práticas escolares decorrentes da implantação do projeto "Educar para o Pensar" na rede municipal de ensino de São José/SC. Distanciando-nos do modelo de história da cultura e das instituições, meramente descritivo o projeto que introduziu a disciplina Filosofia no currículo das escolas de Ensino Fundamental vem sendo uma nova modalidade de trabalhar os conhecimentos junto aos seus alunos, acreditando que a cultura e os valores possam ser pensados como um conjunto de significados partilhados e construídos para explicar e melhor viver no mundo.

A história que pesquisamos e pretendemos aqui comunicar parece articular aspectos de uma história das disciplinas, da cultura escolar ou pretensões políticas de seus agentes, no âmbito da sua construção pela via da Secretaria de Educação do município de São José/SC. E, neste sentido, analisaremos a produção literária e documental, investigaremos o objeto cultural produzido no decorrer do projeto por seus protagonistas.

Diante disto, cabe ressaltar que nossa pesquisa, "Filosofia para crianças: o projeto 'Educar para o pensar' na rede municipal de ensino de São José/SC (2000-2010)", quer compreender e analisar os sentidos da implantação do projeto e seus discursos pedagógicos. Como escreve Norbert Elias, "um intelectual produz interpretações sobre a sociedade e a cultura, que não são isentas de uma dimensão política". (ELIAS, 2003, p. 37).

O projeto "Educar para o Pensar", implantado no município de São José/SC, teve seu início no ano de 2000 e foi construído com práticas inspiradas no projeto "Filosofia para crianças", de Matthew Lipman¹, seguindo os princípios educativos como: "Pensar bem", "Questionar", "Comunidade de investigação" e "Incentivar a pesquisa nos alunos e professores". A iniciativa submetida à aprovação e análise do secretário de educação, trazia em seu texto o desejo de inserir a filosofia para crianças:

A filosofia através da sua milenar metodologia (diálogo, reflexão e ação) quer neste contexto contribuir de uma forma efetiva e inovadora, procurando atender não só aos alunos de Segundo Grau, mas, antecedendo esta prática, desde as primeiras Séries do Ensino Fundamental. Isto foi possível porque a filosofia, nestas últimas décadas, está se adaptando a uma linguagem mais vivencial, acessível e mais prática na sua sistematização acadêmica, sem deixar de lado a riqueza de seu conteúdo. Esta nova sistematização possibilitou maior aproximação da filosofia com a nova clientela - os jovens e crianças -, sobretudo estes últimos. (THOMAL, 2004, p. 32).

¹ Filosofia para crianças foi uma iniciativa pioneira de Matthew Lipman. O programa, desenvolvido e institucionalizado por ele e Ann Sharp, ambos do Instituto para o Desenvolvimento de Filosofia para Crianças (IAPC), tinha como principal objetivo organizar e coordenar a difusão e a implantação do programa filosofia para crianças, não apenas nos Estados Unidos, mas também em outros países. O programa consiste na adaptação das ideias filosóficas básicas ao universo das crianças, para que lhes permitam desenvolver a habilidade de pensar criticamente e relacionar os sentidos das coisas.

Após sua aprovação do projeto², deu-se início à implantação da proposta com a assessoria do Centro Catarinense Educação para o pensar, responsável por disseminar em escolas privadas, sobretudo as da rede católica, a introdução e orientação para a disciplina de filosofia no ensino fundamental. Entre os vários aspectos inseridos para que contasse com a assessoria do Centro, foi fundamental formar os professores e construir um currículo inicial para as aulas de Filosofia nas séries iniciais da Rede Municipal de São José, tomando por base a metodologia desenvolvida por Matthew Lipman.

Neste processo, entre as possibilidades de análise e reflexão, uma particularmente chamamos a atenção e colocamos como objeto do presente estudo: quais as contribuições do projeto “Educar para pensar” na Rede Municipal de São José? Por que um projeto de Filosofia na rede municipal de São José? Por que a Filosofia foi incluída na parte diversificada do currículo, conforme aprovação no Parecer nº 022/2007? O que, efetivamente, mudou na prática escolar com este projeto? Quais as influências e interesses políticos neste projeto?

Essas indagações compõem um conjunto de questões que, em última instância, orienta a problemática deste trabalho. Assim, estabelecemos como objetivos específicos:

- 1) Apresentar um memorial do Programa Filosofia para crianças e os caminhos trilhados até a rede municipal de ensino de São José.
- 2) Compreender as orientações do projeto "Educar para o Pensar" e as estratégias de implantação nas Escolas.

² Aprovação pelo Conselho Municipal de Educação de São José/SC, na sessão Plenária Ordinária nº 1, conforme Parecer nº 0039/2008.

- 3) Avaliar a cultura escolar imbricada neste processo de implantação em um estudo de caso.

Para responder a estes objetivos, as fontes documentais servirão de caminho para compreender esta história, o projeto aprovado em 2000, o primeiro currículo produzido para delinear a inserção da Filosofia nas escolas; o histórico do projeto; o caderno pedagógico de Filosofia; o parecer de autorização para implantação da disciplina de Filosofia na rede municipal; as diretrizes indicadas para a ampliação do ensino de nove anos e a nova organização curricular exigida pela LDB.

Tratamos, pois, de uma pesquisa de cunho qualitativo e dialético, focada na investigação de uma prática social que ocorreu na rede pública municipal de São José/SC e que se relaciona com outras práticas sociais. Pretendemos que seja um instrumento para captar o próprio movimento do real, pronto, em que “o fim de um processo é sempre o começo do outro” (LAKATOS, 2010, p. 83) e de percebermos as influências políticas e educacionais como um movimento de contradição que busca alternativas para construir uma nova realidade educacional.

Além disto, focaremos também nas produções bibliográficas, tanto em relação ao projeto em foco quanto em relação às análises realizadas por pesquisadores em torno do tema no país, como bem enfocamos no diálogo com as fontes, das quais todo documento é um monumento que, de acordo com Le Goff (2003), é ao mesmo tempo verdadeiro e falso. Assim, importa-nos não isolar os documentos do conjunto de monumentos de que fazem parte, que auxiliarão na análise dos dados coletados por meio dos documentos que formam a base desta cultura e as vozes dos servidores envolvidos em sua implantação.

Como pesquisadores, temos procurado exercitar a postura de quem ouve acolhendo; de quem, pensando criticamente a prática de hoje e de ontem, mantém um distanciamento epistemológico enquanto objeto de análise; de quem garimpa nas entrevistas, na memória, os vestígios que ao mesmo tempo são verdadeiros e falsos para transferi-los para uma nova erudição, “do campo da memória para o da ciência”. (LE GOFF, 2003, p. 539).

Desta maneira, o trabalho segue estruturado da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, apresentaremos a pesquisa e o contexto histórico do projeto. Delinearemos os contornos da problemática, do contexto histórico da rede municipal de São José no âmbito educacional e sua expansão no contexto político/social desse município, a apresentação do caso que será estudado, os objetivos e os caminhos teóricos e metodológicos seguidos.

No segundo capítulo, apresentaremos as ideias gerais do programa Filosofia da Crianças de Matthew Lipman por meio de um breve histórico, com ênfase nas metodologias indicadas, nos conteúdos e nos principais discursos selecionados nos livros de orientação para as atividades. Também analisaremos as produções da rede municipal de São José após a implantação do projeto. Privilegiaremos, nessa análise, as práticas realizadas, os planejamentos e atividades gráficas produzidas nas aulas de Filosofia, os investimentos da direção e do corpo docente em efetivá-las, a participação das crianças e as atividades desenvolvidas. Neste sentido, indicaremos reflexões e perspectivas de análise nos documentos em torno da cultura do “Pensar” que foi instituída e resultante em práticas escolares do Ensino Fundamental I com o projeto "Educar para o Pensar".

No terceiro e último capítulo, apresentaremos algumas avaliações e contribuições do Projeto "Educar para o Pensar", respondendo aos questionamentos e às hipóteses levantados no

decorrer da pesquisa, ou seja, verificaremos se o projeto "Educar para o Pensar" de fato conduziu a um pensar verdadeiramente crítico e se resultou enquanto uma cultura escolar. Analisaremos os vestígios das práticas, o apoio didático, planejamentos e práticas escolares especialmente produzidos na década estudada reveladas no estudo de caso CEM Professora Maria Iracema Martins de Andrade e como esta Cultura do Pensar se sedimentou com o tempo no interior desta Escola.

CAPÍTULO 1 - A PESQUISA NO CONTEXTO HISTÓRICO DO PROJETO "EDUCAR PARA O PENSAR" E ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS

1.1 PANORAMA DA PESQUISA

Após eu ter me formado, comecei a intensificar os estudos e a “namorar” as disciplinas disponíveis para alunos especiais, tendo sido selecionada para a disciplina da professora Gladys Mary Ghizoni Teive, intitulada “Cultura Escolar: produção/reprodução do *habitus*”. A participação na disciplina direcionou meu olhar para a História Cultural e as suas possibilidades de pesquisa. No mês de dezembro de 2011, ao receber a notícia de que havia sido aprovada para o curso de Mestrado na UDESC, uma superação foi marcada em minha vida.

Muitos colegas do PPGE me deram força e conselhos. Destaco, entre eles, uma frase comum a todos, que carinhosamente destacavam: "achou difícil entrar, verás que o difícil é sair". Estas palavras me fortaleceram, pois, tendo-me induzido a avaliar minha trajetória profissional, constatei que minhas experiências nunca foram fáceis. Verifiquei que o difícil sempre me impulsiona para o melhor ainda.

No Ensino Médio, fui aluna do Instituto Estadual de Educação (IEE), mas mudei de escola porque não havia professores de Língua Portuguesa e História. Logo no começo do ano, pedi transferência para uma escola que tivesse estes professores. Fui para a Escola Estadual Getúlio Vargas que oferecia o curso de magistério e isto provocou meu encontro com a Educação. O que me preparou para o desafio foram a graduação, a especialização e a minha atuação como supervisora-coordenadora de um berçário, que, na época, atendia a 68 crianças de zero a dois anos. Pensando em tudo isto, senti-me forte e pronta para enfrentar o desafio.

Agora, já aluna do curso de Mestrado da UDESC, vou me permitir contar este novo capítulo da minha vida, pois lá as disciplinas me desequilibraram de tanto que encheram minha “mala” de capital cultural. Mas iniciei leituras acerca das propostas educativas e seus currículos, por vezes me perguntava: "O que se está oferecendo para receber estes resultados ou que tipo de cultura escolar se está produzindo?".

Trabalhando há 13 anos com a educação escolar, iniciei como professora da educação infantil; depois, fui supervisora e tutora no curso de Pedagogia a Distância (EaD), orientadora do Ensino Fundamental e Médio; hoje sou coordenadora pedagógica. Em cada uma dessas funções, a inquietação tem sido sempre a mesma: por que o pensar não é valorizado se o objetivo do ensino e da formação é este?

O poema de Carlos Drummond de Andrade revela poeticamente minha indagação: "Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem". (ANDRADE, s.d.)

Diante de minhas experiências profissionais como professora, minhas reflexões se encaminham especialmente para a escolha das escolas e em suas seleções de conteúdos para a elaboração do currículo, perguntando-me: afinal, o que leva as escolas a escolher um programa, um currículo e/ou um projeto?

A busca por respostas a estas perguntas despertaram-me o interesse em conhecer o que estava acontecendo na rede municipal de ensino de São José, pois recebi o convite para participar de uma formação que estava sendo oferecida aos professores da rede e a estudantes interessados. Participei deste encontro e fiquei curiosa com o desafio lançado, o de conhecer, estudar e pesquisar sobre a experiência do projeto Filosofia para crianças intitulado "Educar para o Pensar".

Seria a Filosofia agente da mudança? Poderia o pensar reflexivo transformar a realidade da escola? O que está prescrito nos programas e nos currículos de Filosofia é apropriado a alunos e professores e aplicável na vida real? Por que e para que as instituições adotam um programa de Filosofia para crianças? E que Filosofia seria essa?

Em 2011, com todas essas inquietações, encontrei um antigo colega de graduação, supervisor da rede municipal de São José, que prontamente se propôs a me ajudar com documentos e o que mais fosse preciso para uma investigação mais aprofundada do projeto de pesquisa a realizar no mestrado. Vislumbrei no projeto possíveis respostas às minhas perguntas e ainda a possibilidade de registrar uma experiência no mínimo corajosa no quesito “Nova práticas - Mudanças”.

Assim, aos poucos, a escolha do objeto de pesquisa nasceu justamente a partir da ideia de Dominique Julia (2001), que ajudou a formular melhor meu questionamento sobre a natureza da cultura que propunha implantar esse projeto e sobre o que pretendia com ele à Secretaria de Educação. Para o autor, o termo “cultura escolar” significa:

O conjunto de normas que definem os saberes a ensinar e as condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão destes saberes e a incorporação destes comportamentos: normas e práticas ordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas, finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. (JULIA, 2001, p. 36).

Conhecendo o aparato da “cultura escolar” e as possibilidades da história cultural, o desafio de realizar a pesquisa e “sair”, como me haviam prevenido os colegas, foi ficando mais próximo, mas não menos fácil.

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forja. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos preferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1988, p. 17).

Do mesmo modo que este autor, tenho me perguntado sobre o sentido das representações evidenciadas nesse projeto; questiono sobre qual é o sentido dos discursos e a quem se destinam, já que a escola é uma instituição social, e não apenas um órgão de uma secretaria, e quais seriam as práticas mais apropriadas para legitimar as escolhas.

Tenho consciência de que meus questionamentos acerca destas questões não são, no momento, suficientes para solucionar questões históricas; porém, conforme indica Bencostta (2007), se a curiosidade for conduzida de acordo com os rigores da pesquisa, poderão resultar em “interpretações acadêmicas pertinentes, ao transformar o mero interesse em uma reflexão sobre a experiência humana, conforme as especificidades de cada realidade”. (BENCOSTTA, 2007, p. 123).

Articulado a isto, minha curiosidade se vincula também ao fato de no Brasil, segundo dados do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC), ter o maior número de crianças praticando a Filosofia. Entretanto, somente 30% destas crianças estudam em redes públicas.

Como a rede pública de ensino de São José estava implantando um projeto de Filosofia para crianças na esfera da “educação pública” e isto era um diferencial, foquei aí minha curiosidade, articulando assim minhas preocupações com a investigação sobre os movimentos e articulações necessários para que a rede aderisse a este projeto como uma prática escolar, já que é o primeiro implantado em Santa Catarina na rede pública de ensino.

1.2 ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

O recorte temporal que escolhemos compreende o período de 2000 a 2010, tendo como razão determinante o início do projeto até sua regulamentação na rede. Assim, buscamos evidenciar nos documentos de base para a pesquisa, em sua composição, as orientações elaboradas pela Secretaria, por meio de normatizações, currículos e caderno pedagógico, com os quais estipulavam-se as práticas do projeto "Educar para o Pensar".

A escola Centro de Educação Maria Iracema Martins de Andrade (CEMIA), vulgo Barreirão, foi escolhida sobretudo por ter sido inaugurada em 2002 e ter iniciado seu funcionamento já com o projeto "Educar para o Pensar", tendo incorporado em seu currículo, desde a fundação, a disciplina Filosofia para crianças.

Quando, ainda timidamente, no início do curso de mestrado em 2012 fiz a entrevista com o idealizador do projeto, professor Alberto Thomal, percebi sua forte ligação com as ideias de Lipman, em especial na forma como eram organizados os temas de trabalho em cada turma e os materiais propostos à rede. Cada vez mais crescia meu interesse em seguir vestígios históricos que pudessem ajudar a decifrar o momento em que tais mudanças foram crescendo dentro da rede, transformando-se em novas práticas.

Tais reflexões me remeteram a alguns questionamentos que, com o auxílio da literatura especializada da área e demais fontes, tiveram suas respostas descortinadas à medida que a pesquisa ia se desenvolvendo. Dentre as questões que começava a levantar, as mais específicas eram: os motivos que haviam levado a rede a investir no projeto; as estratégias utilizadas para implantá-lo nas escolas e de como os profissionais deram conta dos conteúdos filosóficos propostos.

Refletindo sobre cada um desses aspectos, cheguei a estabelecer pus-me a estudar as práticas escolares e os discursos produzidos pela rede acerca das ideias e metodologias indicadas no caderno pedagógico para o Ensino Fundamental I. Porém, como desdobramento, pretendo também estabelecer interfaces com outras pesquisas ou intelectuais brasileiros que discutem o tema que estou pesquisando, a fim de fazer uma análise e crítica, sobretudo, em comentar reflexivamente as práticas da instituição investigada, buscando, na perspectiva da cultura escolar, indícios do que efetivamente o CEMIA tenha se apropriado da metodologia indicada pelo Centro de Filosofia "Educação para o Pensar".

Minhas pesquisas partiram de duas hipóteses, que procurarei desenvolver ao longo da dissertação: a primeira era a de que o projeto estaria vinculado a uma campanha político eleitoral com o lema "Educar para vencer, educar para a vida, educar para o pensar", nas eleições municipais dos anos 2000. A segunda era de que o Centro de Filosofia "Educação para o Pensar", em parceria com a proposta política e em consonância com o lema "Educar para o Pensar", tinha vislumbrado sua participação político partidária, ao destacar o pioneirismo da ideia Filosofia para crianças na rede pública de ensino, enquanto um estímulo às demais secretarias a adotarem esta nova prática, o que poderia legitimar uma modalidade de fornecimento de materiais didáticos e um pretexto para a formação específica dos professores da rede.

Assim, as discussões e a fundamentação teórica de tais estudos têm por base as conceituações presentes nas pesquisas acerca da cultura escolar do historiador Dominique Julia (2001), que relaciona a cultura escolar a eventos de seu tempo, descortinando as normas que definiram os conhecimentos, as condutas nas aulas de Filosofia e as práticas que transmitiriam tal conhecimento e provocariam um consequente comportamento. De Roger Chartier articularei a análise para explicar a realidade compartilhada pelas pessoas que participaram deste projeto e para as fundamentações metodológicas em torno do projeto Filosofia para crianças baseadas nos escritos do fundador do projeto e nas análises críticas reveladas nas pesquisas do professor Renê Trentin da Silveira.

Para abrir a “caixa preta” deste projeto e analisar as singularidades da cultura escolar do CEMIA, evidenciarei na pesquisa as contribuições dos professores e supervisores que nele atuaram e vivenciaram a implantação do projeto. Como documentos que utilizarei para descrever os vestígios do projeto, elenco os seguintes: os cadernos pedagógicos, os planejamentos bimestrais e anuais dos professores de Filosofia, os currículos e a Proposta Curricular da rede de ensino de São José. Trata-se, pois, de um processo multifacetado, fortemente estribado nas relações estabelecidas entre os sujeitos escolares, nem sempre tão pacíficas (TEIVE, 2008).

Para compreender de que forma o projeto foi entendido pelos professores e supervisores da rede municipal de São José, usarei neste trabalho o conceito de apropriação, no sentido que confere Roger Chartier (1989), centrado “nos empregos diferenciados, nos usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas ideias” (CHARTIER, 1989, p. 136). Este movimento será pesquisado na mesma direção utilizada pela historiadora Marta Maria Chagas de Carvalho (2003), quando afirma que trabalhar com a apropriação “implica critérios de tratamento do arquivo que exigem o

cruzamento de fontes de extração diversa, pondo-as em relação, de modo que seja possível configurar situações de produção e de uso dos modelos estudados”. (CARVALHO, 2003, p. 344-345)

O programa Filosofia para crianças prescreve práticas e interpretação de materiais, propõe uma concepção de professor, aluno e uma escola cheia de particularidades. O conceito de apropriação é fundamental para compreender como tais prescrições foram traduzidas na rede municipal de ensino de São José.

Isso tudo posto, a pergunta consequente é se a intenção de educar para o pensar ficou somente no prescrito, velando de alguma forma uma descontextualização em relação ao programa indicado por Lipman e/ou uma apropriação inadequada, confundindo-se na carona de um marketing que pudesse proporcionar vantagens financeiras e de divulgação para o Centro de Filosofia "Educação para o Pensar".

Diante destes aspectos, julguei necessário refletir novamente sobre a pergunta central da pesquisa: criou-se uma cultura do pensar nas escolas a partir do projeto "Educar para o Pensar"? Que pensar foi este?

Por este motivo, a perspectiva histórica que permearei nesta investigação se pautará na história cultural, em virtude da nova disposição que esta vertente oferece a este campo de conhecimento, que abandona as concepções ditas economicistas e positivistas, segundo as quais a história é formulada apenas por fatos ordenados por objetivos exclusivamente voltados ao progresso.

Esta forma de contemplar a ciência me tira dos ombros a responsabilidade de verificar as verdades e opinar sobre elas. A obrigação de trabalhar apenas com as fontes oficiais ou eruditas, segundo as quais os fatos são apresentados em contorno único, que não pode ser alterado, também é repensada. Em contrapartida, esta nova maneira de ver a história não me isenta dos princípios teórico-metodológicos

que devem ser perseguidos pela ciência, incumbindo-me da intenção de verdade, que “se abandonada, pode deixar o campo livre a todas as falsificações, a todas as falsidades que, por traírem o conhecimento, ferem a memória” (CHARTIER, 1994, p. 112). O ideal, nesta nova perspectiva, é que eu seja intérprete, com capacidade de transformar, promover mudanças na atualidade a partir dos estudos históricos dos próprios agentes que deles fizeram ou fazem parte.

A pesquisa conta com um *corpus* composto por documentos materializados em fontes oficiais, manuscritas e entrevistas, e aprovação no comite de ética tendo como suporte teórico o entendimento de que não existe documento neutro, como escreveu Le Goff (1984):

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado; é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e, ao historiador, usá-lo cientificamente, isto é, em pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1984, p. 102).

Além do projeto inicial escrito pela rede municipal e do currículo elaborado para a sua implantação, levarei em conta os pareceres emitidos pela Secretaria de Educação de São José e suas alterações até o reconhecimento e a inserção da Filosofia para crianças como disciplina da base diversificada com o nome Filosofia, parecer emitido em 2007, elaborado a partir da ampliação do currículo dos nove anos para o Ensino Fundamental.

Ressalto, ainda, em relação às fontes mencionadas, que darei ênfase especial aos cadernos pedagógicos de Filosofia e as revistas pedagógicas elaboradas pelo CEMIA.

A pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas – porque tradicionalmente relacionados apenas a indivíduos –, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano [...]. (FERREIRA; AMADO, 2005, p. 14).

No levantamento que realizamos dos principais eventos na área da História da Educação, do projeto Filosofia para crianças, constatamos ser este um tema a ser mais pesquisado e discutido em nosso estado. Posso citar, como exemplo, o Congresso Brasileiro de História da Educação, em 2013, na cidade de Cuiabá. Entre os dez eixos que compunham a programação do evento, encontramos o de “História da educação das crianças - jovens e adultos no Brasil” (no qual se inscreveram 38 trabalhos, dos quais apenas um tratava da história de um projeto de inclusão da Filosofia no Ensino Fundamental). Porém, requer que este levantamento ainda venha a ser mais detalhado.

Em pesquisa realizada em Programas de Pós-Graduação de diferentes universidades investiguei junto ao banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) os seguintes descritores: Filosofia para crianças a ideia foi identificar ou procurar observar a contribuição de cada uma, mas selecionar primeiramente pelo título e, posteriormente, por seus resumos as pesquisas específicas.

Sobre "Filosofia para crianças" e "Educação para o Pensar", encontrei apenas quatro produções. Dentre estas, mereceu minha atenção a dissertação de Mestrado do professor Alberto Thomal (2004), intitulada "A produção de conhecimento na Educação Básica através do ensino de filosofia na escola pública municipal", e foi a única pesquisa

que trouxe vestígios das práticas realizadas na rede municipal de São José. O trabalho foi desenvolvido junto à Área da Inteligência Aplicada com a Temática História, Filosofia e Educação, no Grupo de Estudos e Pesquisas da Engenharia de Produção, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sua pesquisa busca constituir uma reflexão sobre as condições históricas, as situações práticas, os determinantes legais e institucionais do ofício de ensinar Filosofia no sistema educacional fundamental no Brasil e, a partir do programa Filosofia para crianças, de Matthew Lipman, resgatar a história e os avanços filosófico-pedagógicos do programa organizado junto à escola pública municipal.

Dessa forma, apresenta uma análise histórica, institucional e educacional dessa experiência curricular e social e, também, uma experiência de educação filosófica especialmente desenvolvida com crianças, adolescentes e jovens em busca de uma educação emancipatória, entendida como um conceito de autonomia, de crescimento cultural e de enriquecimento pedagógico, dos cidadãos, dos educadores e de todos os sujeitos envolvidos. O tema é a Filosofia, o campo é a Educação e a intenção é investigar a possibilidade viável de uma educação reflexiva emancipatória.

Thomal (2004) traz em seu texto recortes de práticas realizadas com a experiência institucional, educacional e pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de São José, sobretudo no Ensino Fundamental I (antigo 1º Grau). Faz uma contextualização histórica da importância de ensinar Filosofia dentro da estrutura de ensino oficial e investiga criticamente os fundamentos essenciais da proposta Filosofia para crianças de Matthew Lipman, educador norte-americano, fazendo a aproximação de sua proposta com a realidade da educação brasileira.

É uma pesquisa bibliográfico-histórica com um aporte de campo, o estudo de caso, de uma instituição social organizadora da "Educação para o Pensar". Apresenta, ao final,

propostas e ampliações, adaptações e criações, caminhos que se abrem numa perspectiva de uma educação filosófica emancipatória, designada de "Educação para o pensar: Filosofia no Ensino Fundamental".

Carina Tonieto (2010), em sua pesquisa intitulada "Educação para o pensar como política educacional para a educação básica" coincidentemente é marcada pela mesma inquietação inicial da minha pesquisa, que teve como hipótese o vínculo político partidário entre as iniciativas da Secretaria de educação com o Centro de Filosofia.

A tese defendida por Nirvanda França Araújo Santos Souza, em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Mato Grosso, trouxe uma contribuição sobre uma perspectiva reflexiva do programa em diferentes escolas do município de Cuiabá. Sob o título "O ensino de Filosofia para crianças em escolas de Cuiabá - Mato Grosso: uma análise reflexiva", a autora investiga como se apresenta o ensino de Filosofia para crianças no cotidiano de quatro escolas de Cuiabá/MT (duas da rede pública e duas da rede particular), utilizando como critério projetos político-pedagógicos ou propostas pedagógicas que contemplassem em seus pressupostos o ensino da Filosofia para crianças.

Neste sentido, para compreender os múltiplos aspectos da prática escolar realizada no exercício do projeto "Educar para o Pensar" e evidenciar a trama entre os elementos históricos, filosóficos e ideológicos que instituem a cultura escolar do projeto, o diagnóstico deve considerar uma análise interna e externa, bem como interrogar a relação da escola com seu entorno.

Assim enfatiza Julia (2000):

la cultura escolar sería, en síntese, algo que permanece y que dura; algo que las sucesivas reformas no logran. Más que arañar superficialmente, que sobrevive a ellas, y que constituye un sedimento formado a lo largo del

tiempo. Un sedimento configurado, eso sí, por capas más entremezcladas que superpuestas que, al modo arqueológico, es posible desenterrar y separar. Esta sería la tarea del historiador: hacer la arqueología de la escuela.³

A rede municipal, em seu caderno pedagógico **Filosofia**, elaborado em 2006 e distribuído para circulação em 2008, destaca, neste trecho, sua expectativa em relação à disciplina nas escolas da rede:

O programa “Educação para o Pensar: Filosofia com Crianças, Adolescentes e Jovens” quer que os alunos e professores pensem nas diferentes falas e entendimentos que as diversas disciplinas representam. Portanto, não basta aprender o que acontece na história; devemos desenvolver um pensar histórico; nem somente saber os conhecimentos da ciência, da matemática..., mas desenvolver um pensar científico, um pensar matemático e assim por diante, para o melhor entendimento da realidade. Busca também desencadear um autêntico diálogo, e este ocorre quando cada um dos participantes realmente tem em mente o outro, em sua existência presente e específica e volta-se para estes com a intenção de estabelecer uma relação mútua e estimulante, respeitando o momento do outro e também de si mesmo. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2008, p. 34-35).

³ A cultura escolar seria, em síntese, algo que permanece e dura; algo que as sucessivas reformas não conseguirão afetar senão superficialmente, sobrevivendo a elas, porque segmento sedimentado ao longo do tempo: configurado por camadas mescladas e sobrepostas da mesma maneira que as camadas arqueológicas, sendo possível cavar e separar. Esta seria a tarefa do historiador: fazer a arqueologia da escola. (tradução nossa)

Neste caderno, é explícita a educação reflexiva em todos os segmentos da escola, inspirada na proposta de Matthew Lipman. O educador acredita e defende em seu programa Filosofia para crianças o pensar bem, o pensar por si mesmo, capaz de fazer seus próprios julgamentos e transformar. A análise histórica desta disciplina possibilitará identificar as permanências, as regularidades, bem como as alterações, as escolhas e as abrangências que todas elas acarretaram nas práticas escolares e na produção destes saberes.

A pesquisa **Filosofia para Crianças: o Projeto “Educar Para o Pensar” na rede municipal de ensino de São José/SC (2000-2010)** obriga-se a recolher um leque variado de fontes materiais e a lhe prestar atenção, constituindo, desse modo, para uma rede de dados mais larga e consistente, que modelará, relativizará a realidade discursiva no confronto com as circunstâncias de apropriação e implementação do projeto "Educar para o Pensar" com a proposta Filosofia para crianças, oferecida em Santa Catarina pelo Centro de Filosofia "Educação para o Pensar".

Assim, este levantamento serviu de fonte para definição de meu problema de pesquisa que o intitulo de caráter qualitativo, seguindo os princípios do estudo de caso. Para Ponte (1994), a abordagem metodológica de estudo de caso é possível e recomendada em situações em que haja:

[...] um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um curso, uma disciplina, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e sua identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de

mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global do fenômeno de interesse. (PONTE, 1994, p. 4).

Tenho utilizado fontes iconográficas, documentais e orais, que me permitiram construir o leque variado de fontes sugerido por Margarida Louro (2002). No que referimos à análise iconográfica, recolhi as fotos pessoais cedidos pelo professor Alberto Thomal e as do acervo da prefeitura no setor de arquivo. Também utilizei imagens utilizadas nos jornais para divulgação do projeto. Neste processo, tive particular interesse em compreender as relações do projeto com as questões políticas que implicavam e impactavam na rede de ensino. A pergunta que alicerçou esta etapa da pesquisa e a qual procuro responder no seu decorrer foi a seguinte: o projeto "Educar para o Pensar" estava vinculado ao *slogan* da campanha política "educar para vencer, educar para a vida, educar para o pensar"?

Para a pesquisa documental, analisei inicialmente o projeto piloto "Educar para o Pensar", os cadernos pedagógicos e os documentos produzidos na escola CEMIA (planejamentos, cadernos, atividades avaliativas, relatórios, entre outros), além das propostas pedagógicas produzidas pela Secretaria Municipal de Educação de São José (SMESJ).

1.3 O CENTRO EDUCACIONAL MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE E O PROJETO "EDUCAR PARA O PENSAR"

O Centro Educacional Maria Iracema Martins de Andrade, localizado no município de São José, oferece o Ensino Fundamental regular (1º ao 9º ano) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos níveis Fundamental e Médio. A escola foi construída em 2001, amparada pela Lei de nº 3.772, de 17 de dezembro de 2000.

Deu início às suas atividades em 11 de março de 2002 e inicialmente ganhou o nome de Centro Educacional Municipal Barreiros, em homenagem ao bairro da qual está localizado. Em 6 de junho de 2005, por meio da Lei nº 4.309-06, a Escola passou a ser chamada Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade, em homenagem à educadora, política e eminente cidadã josefense. Isso ocorreu devido à duplicidade de nomes em duas escolas do mesmo bairro, e a outra escola teve o direito de ficar com aquele nome anterior por ser mais antiga no bairro.

A Escola foi construída para atender à grande demanda de crianças, adolescentes e jovens das diversas comunidades e bairros: Barreiros, Bela Vista, Ipiranga, Dona Adélia, Jardim Florianópolis, Jardim das Acácias, Jardim Santiago e outras localidades.

Em 2002, teve como matrículas iniciais 1.843 alunos e como matrícula final 2.800, com seis turmas de pré-escola, 35 turmas de séries iniciais (1ª a 4ª séries), 16 turmas de séries finais (5ª a 8ª séries) e 306 alunos no ensino supletivo (5ª a 8ª séries, no período noturno). A escola conta com 150 funcionários e professores, entre estes dois professores de Filosofia.

A concepção filosófica da escola está vinculada à proposta pedagógica do município de São José e às bases dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação.

Cabe ressaltar que os planejamentos e os recursos didáticos utilizados pelos professores de Filosofia e/ou professores que desenvolveram o projeto "Educar para o Pensar" são focados como elementos específicos da cultura escolar da escola da pesquisa.

Do mesmo modo, é significativo tê-los como portadores de sentidos, ligados ao sistema de valores e significações sociais indicados pelo projeto "Educar para o Pensar", implantado na rede a partir de 2001, que teve dentre seus materiais a utilização de recursos metodológicos (livros

paradidáticos, material do professor e orientações do Centro de Filosofia Educação para o pensar e as obras da editora Sophos), enquanto material de apoio dos professores.

Nas últimas décadas, os arquivos escolares têm emergido como temática recorrente no campo da história da educação. Tais interesses sobre o campo de pesquisa escolar voltaram o olhar para a organização e o funcionamento das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo, o fazer de professores e alunos, suscitando, assim, novas categorias de análise como: gênero, etnia, profissão docente, formação de professores, tempos e espaços escolares, práticas de leitura e escrita.

Podemos considerar que, a partir de então, a pesquisa em história da educação se deslocou da história das ideias para as práticas educacionais. Essa nova abordagem na maneira de interrogar as fontes ressaltando a materialidade do “saber-fazer” e do “como fazer” consolidou um território profícuo para a pesquisa da cultura e dos saberes escolares.

Contudo, há uma tentativa de compreender a cultura escolar considerando práticas escolares pelo processo de problematização de aspectos peculiares ao cotidiano escolar. No estudo de caso realizado no Centro Educacional Professora Maria Iracema Martins de Andrade, analisaremos os livros e as atividades didáticas dos materiais adquiridos pela Secretaria da Educação de São José para práticas do projeto com as turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental, questionando de que forma estes influenciaram a “cultura do pensar” e se estes permitiram a transmissão dos conhecimentos indicados conforme formação e suporte de práticas indicadas na coleção Espaço Filosófico Criativo e as orientações teóricas da coleção “Filosofia o início de uma mudança” adquiridas pelo município como suporte didático do projeto “Educar para o Pensar”.

Desse modo, os aspectos que ressaltam as ações dos sujeitos buscando identificar tanto as ações passivas de reprodução quanto as relações de conflitos, as transgressões e

as resistências são relevantes na constituição destes conceitos, demonstrando o valor das práticas cotidianas, os acontecimentos silenciosos ou mesmo silenciados, os registros não oficiais e procurar evitar a ilusão de um total poder da escola, priorizando a observação de seu funcionamento interno, buscando dessa maneira abrir sua caixa preta e compreender o que ocorre nesse espaço particular (JULIA, 2001).

CAPÍTULO 2 – MATTHEW LIPMAN – O PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS E O PROJETO EDUCAR PARA O PENSAR

2.1 O PROGRAMA "FILOSOFIA PARA CRIANÇAS" E SUA CHEGADA AO BRASIL

O programa "Filosofia para crianças" foi criado pelo estudioso norte-americano Matthew Lipman. Surgiu no cenário da educação dos anos de 1970, com a colaboração de Ann Margaret Sharp, e logo depois se espalhou por vários países, chegando ao Brasil por intermédio de Catherine Young Silva em 1984, a partir de um grupo de professores que se dispôs a difundir o diálogo e a prática da Filosofia para crianças inspirados pelos materiais e os métodos de Lipman e de seus colaboradores.

Aluna de Mestrado de Lipman, Catherine retornou ao Brasil autorizada a traduzir, adaptar, divulgar e capacitar professores para desenvolver o programa em escolas brasileiras. Proprietária do Yázigi, em São Paulo, começou a divulgar a proposta dentro da rede, nas escolas e em universidades da capital paulista junto a professores da PUC/SP, que começaram a implantar o programa em escolas públicas da zona leste. Em janeiro de 1985, este grupo criou o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC).

No mesmo ano, o professor Lipman vem pela primeira vez ao Brasil para ministrar palestras e seminários com a discussão: "Filosofia para crianças, isto é possível?". A Filosofia para crianças se constituiu originariamente como um programa educacional "que cultiva o desenvolvimento das habilidades de raciocínio através da discussão de tópicos filosóficos". (CBFC, 1985, p. 1).

O currículo do programa incluía inicialmente seis livros-texto com seus respectivos manuais de exercícios

abrangendo lógica, ética, estética, metafísica, epistemologia, filosofia social e filosofia das ciências.

Na “aplicação” do programa, a sala de aula era considerada como uma “comunidade de investigação”, na qual o professor era considerado um coordenador das discussões sobre as ideias filosóficas contidas no livro-texto.

As propostas de Matthew encontram-se respaldadas no construtivismo piagetiano. Jean Piaget (1896-1980) nos sugere a imagem de uma criança ativa no seu processo de construção do conhecimento, uma vez que ela organiza o real por intermédio da ação sobre o objeto do seu conhecimento, na medida em que constrói hipóteses explicativas para si mesma – e para quem a questionar. Todo esse propósito evidencia a maneira pela qual as crianças raciocinam sob uma lógica diferente da lógica do adulto.

Em busca de como a lógica infantil transforma-se em lógica adulta, pesquisas piagetianas revelaram que a infância é um período importante da constituição do pensamento, que por sua vez tem sua completude na vida adulta. Contudo, é válido ressaltar que o interesse inicial deste pensador não foram as especificidades infantis. Na verdade, suas investigações não visam conhecer melhor a criança, mas sim a gênese do pensamento do homem, sua formação e a elaboração do conhecimento.

Entendemos a filosofia, seu exercício, sua prática como uma experiência intersubjetiva do pensar. Nessa dimensão, a filosofia é um pensar questionador, único e intrasferível. Como experiência de pensar, a filosofia não pode normalizar-se, uniformizar-se, standardizar-se. Ninguém pode fazer filosofia por outro, ninguém pode pensar por outro, ninguém pode perguntar por outro. (TRENTIM, 2001, p. 240)

No Brasil, o Programa oferece cinco romances: **Rebecca** (educação infantil), **Issau**, **Guga** e **Pimpa** (considerados básicos e destinados às series iniciais do Ensino Fundamental), **A descoberta de Ari dos Telles** (Ensino Fundamental II, 5ª e 6ª séries) e **Luíza** (7ª e 8ª séries).

Na prática, a proposta do Programa de “Filosofia para crianças” consiste em dispor as crianças em círculo alternando leituras em voz alta do episódio da novela filosófica que estiver sendo usada. Após a leitura, as próprias crianças, com ajuda do professor, elegem os temas de seu interesse e se inicia o debate na forma de uma comunidade de investigação: todos são estimulados a se expressarem com liberdade, a se posicionar em face das opiniões dos colegas, procurando sempre justificar suas concordâncias e/ou discordância, de modo que o diálogo seja logicamente organizado e disciplinado. Seguem com o pressuposto básico, aparentemente ancorado em algumas teorias do desenvolvimento cognitivo, que é o da interação entre pensamento e linguagem. Daí ser o diálogo a espinha dorsal da metodologia do programa.

Além dos livros, novelas e textos filosóficos, o material do programa inclui, ainda, manuais de instrução para os professores para garantir que os objetivos do programa sejam alcançados.

Esses manuais e todos os materiais pedagógicos servem de apoio para o projeto "Educação para o Pensar" pois os professores na sua maioria não possuem formação em Filosofia.

Tal concepção consiste e, na realidade, numa transposição para o âmbito pedagógico da divisão social do trabalho que institui, de um lado, o trabalho intelectual dos que, na condição de especialistas, arvoram-se em competentes para conceber, planejar, organizar, traçar metas, definir princípios e decidir o que, quando e como vai ser ensinado e, de outro lado, o trabalho manual daqueles que, não

sendo especialistas, são considerados incapazes de exercer as funções acima e de controlar o processo pedagógico em seu todo, devendo, portanto contentar-se com uma compreensão parcial desse processo que os habilite apenas a executar satisfatoriamente as tarefas concebidas e planejadas pelos primeiros. (TRENTIM, 2001, p. 153).

Tais características e práticas escolares construídas pelo programa “Filosofia para crianças” ressalta suas regras, normas e práticas e constituem a base epistemológica do projeto "Educar para o Pensar" da rede municipal de São José. Identificamos semelhanças em tais características e cruzamos os itens em comum do programa “Filosofia para crianças” de Matthew Lipmann e o projeto de filosofia "Educar para o Pensar" da rede municipal de São José na tabela abaixo:

Quadro 1 - Estratégias Pedagógicas (Continua)

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS – PRÁTICAS ESCOLARES							
Instituição	Exercícios preparados e planos de discussão	Manuais de instruções para os professores	Novela - texto específicos para cada faixa etária	Acompanhamento da prática pedagógica garantindo que os objetivos do programa sejam cumpridos	Bases pedagógicas nas teorias do desenvolvimento cognitivo	Treinamento e Formação de professores	Professores com formação técnica (em sua maioria não possuem formação em filosofia)
1. Programa “Filosofia para crianças” Mathew Lipmann	Estão presentes e são fundamentais para garantir os objetivos do programa, uma vez que os professores executam as tarefas sem participar dos planos e exercícios	É ponto principal do programa, pois a partir deste os professores tornam-se aptos a executar as práticas orientadas. Sem estas não seria possível, uma vez que os professores não possuem habilitação em filosofia, portanto, não dominam a proposta intelectualmente.	O programa elaborou uma sequência didática e prática para cada faixa etária, que vai desde educação infantil até a 8ª série. Para cada atividade prática, um manual de orientações didáticas	O IAPC – instituto para o desenvolvimento de Filosofia para crianças é encarregado de realizar a difusão e acompanhamento do programa para os que aderem ao programa. Realizam eventos internacionais com o objetivo de formação e acompanhamento das práticas realizadas	Tem em sua espinha dorsal a proposta da interação entre pensamento e linguagem. (aparentemente) Propõe debate e participação com o objetivo de fazer circular a prática de debate, participação e reflexão	Dispõe de um Instituto e realiza sua difusão por meio de cursos e seminários.	O programa vê no papel do professor um ser alienado que apenas executa as atividades conforme as orientações, pois ao mediar a comunidade de investigação este não deve ser visto como “ autoridade de conhecimento” devem submeter-se a autoridade dos intelectuais que escrevem orientações. Subestimados intelectualmente.

Quadro 1 - Estratégias Pedagógicas (Conclusão)

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS – PRÁTICAS ESCOLARES							
Instituição	Exercícios preparados e planos de discussão	Manuais de instruções para os professores	Novela - texto específicos para cada faixa etária	Acompanhamento da prática pedagógica garantindo que os objetivos do programa sejam cumpridos	Bases pedagógicas nas teorias do desenvolvimento cognitivo	Treinamento e Formação de professores	Professores com formação técnica (em sua maioria não possuem formação em filosofia)
2. Projeto "Educar para o Pensar" Prefeitura Municipal de São José	Estão presentes e são adquiridos através da SOPHOS editora do Centro de Filosofia Catarinense Educação para o pensar	O projeto "Educar para o Pensar" trás em sua versão inicial orientações acerca dos temas e assuntos e antes de colocar em prática realiza um curso de formação especifica aos professores interessados a partir do curso de formação contratado o Centro de Filosofia Catarinense Educação para o pensar . Entre eles os títulos em anexo nesta dissertação	O projeto adquiriu as coleções "O menino e a caboré"; "Espaço filosófico criativo e Novo espaço filosófico criativo. Além dos textos de orientações para os professores entre eles Pensando logicamente, O desafio do pensar sobre o pensar, Somos filhos da Pólis, Aprendendo a viver juntos, comunidade de aprendizagem investigativa.	A rede municipal de São José criou um departamento específico para acompanhar as práticas do projeto. No ano 2000 o professor Alberto Thomal idealizador do projeto assume o departamento como coordenador.	Em sua proposta curricular e também em seu caderno pedagógico de orientações referente a proposta pedagógica – caderno de filosofia é dado ênfase ao processo de interação e participação coletiva acerca das atividades realizadas com os aluno.	Dispõe de um programa de formação com calendário mensal chamado pela rede por "Cafê com ideias". A Rede também conta com a formação continuada ministrada pelo Centro de Filosofia Educação para o pensar.	O Projeto inicialmente realiza a formação dos professores que desejam aderir ao programa e demais profissionais que desejam aprender sobre o programa Filosofia para crianças. Nos anos seguintes a Rede faz concurso para professores de Filosofia e atualmente conta com professores de filosofia ministrando a disciplina de Filosofia.

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível identificarmos que as concepções filosóficas e toda a organização do trabalho planejado no e para o projeto "Educar para o Pensar" derivam das práticas e orientações do Programa Filosofia para crianças.

O desejo de Lipmann ao planejar este programa era de substituir o paradigma tradicional da educação como transmissão de conhecimentos para um modelo de educação baseado no diálogo, na reflexão que tem em sua base as comunidades de investigação.

No Brasil, a sua divulgação e implantação em Escolas se tornou uma resposta às supostas deficiências da educação convencional em desenvolver as habilidades cognitivas e de raciocínio lógico e atitudes comportamentais. Com esta observação, percebemos a estreita relação desta proposta pedagógica com a proposta do projeto "Educar para o Pensar" e até com seu desdobramento quando a Filosofia se integra a base diversificada do currículo oficial em 2007.

2.2 O CENTRO DE FILOSOFIA "EDUCAÇÃO PARA O PENSAR"

Em 1994, o Centro Brasileiro de Filosofia realizou, em parceria com o Centro de Filosofia "Educação para o Pensar", o Encontro Nacional de Educação para o Pensar, em Florianópolis-SC e reuniu mais de 400 participantes de todo o país, transmitido via Embratel para os demais países e estados.

A proposta despertava interesse junto a educadores e profissionais em geral, porém muitos filósofos brasileiros demonstravam reservas em relação ao programa. Em Santa Catarina, o programa existe desde o ano 1988 e foi coordenado pelo professor Silvio Wonsovicz e seu colaborador, Abrão Iuskow. Em 1990, transformou-se em Centro Catarinense de Filosofia, voltado ao Ensino Fundamental.

A entidade, sem fins lucrativos, esteve por muito tempo ligada ao Colégio Coração de Jesus, no Centro de

Florianópolis, hoje pertencente a rede Franciscana de ensino católico.

Atualmente o Centro Catarinense de Filosofia mantém sua sede fora da rede católica e está situado na Rua Cristóvão Nunes Pires, 161 – Centro de Florianópolis - SC com o nome “Centro de Filosofia Educação para o pensar”. O Centro organizou muitas parcerias e conseguiu para sua proposta muitos adeptos, como é possível verificar nos dados da Coleção Filosofia e Crianças, organizada por Walter Omar Kohan (1998):

Esta opção foi para eles a mais acertada, e hoje existe um grupo de 37 escolas envolvidas na REDE educação para o pensar, coordenada pelo Centro Catarinense, das quais 23 escolas estão no estado de Santa Catarina (11 religiosas, 11 leigas e 1 escola pública estadual), 7 escolas no estado do Rio Grande do Sul (todas religiosas) e 7 escolas no norte do estado do Paraná (1 religiosa e 6 leigas). Em torno de 2.000 professores já fizeram pelo menos 40 horas de formação no programa filosofia para crianças, sendo que o Centro Catarinense costuma desenvolver, em média, 200 horas de formação, divididas em várias etapas, com os professores que aplicam o programa em sala de aula. Já foram preparados 37 monitores, formados regionalmente, que auxiliam no trabalho de formação de professores e fazem acompanhamento do trabalho nas escolas. São, em média, 15.550 alunos em todas as escolas da rede, tendo a Filosofia no primeiro grau: da pré-escola à quarta série: 8.730 alunos; da quinta à oitava série: 6.438 alunos. (KOHAN, 1998, p. 63).

O Centro de Filosofia "Educação para o Pensar" mantém parcerias com instituições de ensino médio visando à capacitação de professores e em 1997 fez uma importante

parceria com o Departamento de Filosofia da Fundação Educacional de Brusque (FEBE) para oferta de cursos de Pós-Graduação em nível de especialização voltada para "Educação para o Pensar".

Apesar da resistência de muitos professores de cursos de graduação em Filosofia, o Centro realizou diversos seminários e encontros regionais em Santa Catarina e solidificou o projeto REDE – “Educar para o pensar”, pois, em sua fundação, havia definido como objetivo maior organizar um grupo de educadores para divulgar as práticas e o programa criados por Matthew Lipman. Atualmente, o Centro presta serviços de apoio às escolas que desejam ter essa disciplina sob a ótica de uma educação para o pensar. Além disso, atribui a função de criar, solidificar teoricamente e buscar novos caminhos dentro da proposta da filosofia no Ensino Fundamental, criando, para isto, materiais de divulgação, como o jornal **Corujinha**, a revista **Philos**, a editora Sophos e cinco documentários sobre o trabalho nas escolas.

2.3 "EDUCAR PARA O PENSAR": A INICIATIVA E A CONFIGURAÇÃO DO PROJETO

O professor Alberto Thomal, é graduado em Filosofia, começou sua atuação como professor na rede municipal de São José no ano de 1987, ministrando a disciplina de Preparação Para o Trabalho (PPT). Esta foi instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/71, para que, além de promover alterações na estrutura organizacional, estabelecia que o currículo proporcionasse ao aluno a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente de cidadania.

Na prática, a realidade é diferente: o currículo da disciplina incentivava a trabalhar com horta; porém, o espaço escolar não possuía espaço adequado, pois estava na área

urbana de São José. Então o professor começou a perceber que não tinha lógica trabalhar assuntos sobre a horta de forma textual, pois não era condizente com a realidade dos alunos e nem com as mudanças sugeridas pela Lei nº 5.692/71, que era a de desenvolver as potencialidades. Outra sugestão da disciplina era trabalhar com marcenaria; porém, não havia material nem salas disponíveis, já que o prédio da escola não contava com espaços apropriados à sua prática.

Frente à problemática criada com a disciplina e à distante realidade das proposições do currículo indicado, surgiu a proposta de dar outro foco à disciplina. Com isto, o professor sugeriu que a disciplina de PPT oferecesse uma orientação metodológica que estimulasse a pesquisa e a realização dos trabalhos das demais disciplinas com um pensamento mais estruturado, que fizesse refletir sobre os trabalhos e pesquisas de outras disciplinas, utilizando os conceitos da Filosofia. Os demais professores aprovaram a ideia. Durante o ano letivo, segundo ele, foi observado um crescimento dos alunos em relação à produção textual, à organização e à reflexão de seus trabalhos.

O desejo de novas práticas e soluções fez com que o professor vislumbrasse na proposta interdisciplinar uma resposta para a sua problemática, coincidindo com a necessidade sinalizada por Edgar Morin em seu livro **Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da Universidade e do Ensino Fundamental** (1999), quando afirma ser necessário reformar a universidade em decorrência da reforma do pensamento. Esta precede aquela e compreende o contexto e o complexo numa rede relacional. A reforma institucional surge da problematização que ocorre no seu interior e considera a inseparabilidade do múltiplo e do diverso para a ampliação do nível real de consciência do real.

Ao refletir sobre o início desta mudança, percebemos que o projeto "Educar para o Pensar" teve a essência de mudança na expectativa do professor Alberto Thomal, que

vislumbrou esta prática filosófica e interdisciplinar como uma estratégia de ensinar e fazer seus alunos avançarem intelectualmente. Para isto, organizou um projeto e esperou para que fosse implantado de maneira institucional, pois, assim, beneficiaria todas as séries e todos os alunos.

Ao ter o projeto aprovado pelo Conselho Municipal de Educação, o professor Alberto Thomal ficou responsável em organizar a formação dos professores, em coordenar o mais novo Departamento de Filosofia, criado dentro da Secretaria de Educação, e tinha como função essencial coordenar a implantação do Projeto “Educar para o pensar” nas Escolas da rede municipal de São José, adquirir recursos metodológicos e difundir as práticas realizadas, a fim de incentivar outras redes educativas, influenciando e socializando novas práticas.

Percebemos aqui um duplo sentido deste departamento e também do coordenador, uma vez que fica evidente o vínculo profissional do professor com o município e também com o Centro, tendo em vista suas publicações em parceria com Silvio Wonsovicz e a editora Sophos.

2.4 O ENSINO DE FILOSOFIA – ENTRE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA

Os filósofos sempre tentaram se apropriar da filosofia, delimitando-a a partir de sua própria atividade. Platão determinou para ela uma relação memorável com a realidade não sensível; Descartes marcou seu território nas ideias claras e distintas; Kant exigiu a crítica da razão teórica e prática; Husserl pretendeu que a filosofia fosse ciência de rigor. Embora cada um deles e outros filósofos tenham contribuído para o desenvolvimento da própria filosofia, nenhum deles conseguiu conter a atividade filosófica no limite de suas definições. Parece haver algo na filosofia que rejeita qualquer tentativa de apropriar-se dela. Afirmando-se

pelo pensamento, a filosofia abre as portas ao invés de fechá-las. (KOHAN, 1999, p. 9).

Com esta citação de que a filosofia não pode ser aprisionada de acordo com os mais variados interesses e procurando aproximar o ensino de Filosofia ao campo de problematizações socioculturais que se expressam nas indagações das crianças e adolescentes e considerando que a reflexão filosófica exige, para seu exercício, um tempo distinto do cronológico, os conceitos filosóficos listados pelo projeto piloto demonstram interesse em propiciar a internalização do hábito do pensamento reflexivo e, principalmente, o seu grande objetivo que é o de preparar os alunos da rede municipal de São José a pensar bem, a serem capazes de pensar por si próprios, isto é, com as próprias cabeças, e não induzidos por aqueles que, autoritariamente, lhes usurpam esta função.

A abordagem desse ensino indica ter sua origem no pensamento de Matthew Lipman, que não aceita a posição dos filósofos que fecham suas portas às crianças, considerando este impedimento insensível e injusto. Por isto, lançou a ideia de que as crianças podem e merecem ter acesso à filosofia, e assim criou uma instituição e desenvolveu materiais e metodologia para viabilizar a ideia.

Com essas bases, o Centro de Filosofia "Educação para o Pensar" assessorou e idealizou com Alberto Thomal a implantação do projeto "Educar para o Pensar". Assim como Matthew Lipman, o professor Alberto Thomal, entusiasta do projeto, não fechou suas portas e o conhecimento filosófico às crianças. Persistiu em inserir o ensino de Filosofia na formação das crianças e adolescentes da rede municipal de ensino, fazendo do projeto um suporte interdisciplinar, que poderia até mesmo ser realizado em qualquer outra disciplina da grade curricular e não necessariamente na Filosofia. Mas, optou por um programa próprio.

Analisando relatos de práticas do projeto na rede, destacamos a reportagem da revista **Cidade Nova** (novembro de 2003, na seção Testemunhos) na qual conta o depoimento do professor de Filosofia José Emílio de Medeiros Filho, que revela a dificuldade do projeto em desenvolver uma consciência crítica sobre o mundo que os cerca. No relato, José Emílio traz a religião e o conceito de manutenção social, além de rotular os alunos por sua condição social.

Logo que entrei na sala de aula percebi que uma dificuldade que poderia encontrar era a grande diferença cultural entre nós. Precisava-me “desculturar” para estar com eles, pois somente com a disposição de perder toda a minha bagagem de conhecimentos e ideais que queria passar para eles seria possível entendê-los e entrar no pensamento e no coração de cada um. (REVISTA CIDADE NOVA, 2003, p. 35).

Este exemplo se traduz numa das maiores críticas ao projeto Filosofia para crianças: a de que o professor de Filosofia sofre uma descaracterização de sua função docente, deixando livre o caminho para a doutrinação exercida pelo material didático e pela metodologia do programa e, em última instância, pela ideologia dominante.

Nesta atividade também é revelado o diretivismo pedagógico do qual aparentemente o programa é contra: o professor prescreve o conteúdo “amor”, escolhe o texto e após a sua leitura “religiosa e fraterna” do mundo violento que segundo ele as crianças vivem, dá as respostas, sugere o caminho do amor recíproco, amar o inimigo, reconhecer Jesus no outro. O professor afirma que a experiência está sendo feita com mais de 300 crianças e isto está alterando a rotina das famílias. Ao falar do dado do amor, o professor exemplifica que no início das aulas as crianças são consultadas e aquelas que escreveram sobre o dado do amor são chamadas a contar

ou a ler aos colegas os seus relatos. Segundo José Emílio, houve uma mudança muito grande no comportamento dos alunos, pois as crianças se veem com espontaneidade na realização daquela tarefa.

Inferese que a “comunidade de investigação”, como sugere Lipman, está presente, demonstrando a dissimulação por meio desta comunidade onde as crianças têm a ilusão de realizar descobertas sobre si mesmas e opções próprias de ação social, quando na verdade está somente internalizando os valores da ideologia dominante.

O ensino de Filosofia parece ficar comprometido na medida em que os seus professores são formados apenas pelo programa, pois devem seguir a cartilha proposta em textos, conteúdos e novelas prontas para a sua execução. Assim, o professor passa a ser um técnico que deve se guiar nos manuais para executar as orientações já prontas e participar dos seminários de formações.

A rede municipal de São José pautou-se pelo princípio geral do programa de de Lipman que não exigia a condição e formação filosófica para dar aulas de Filosofia, e sim participar das formações previstas no projeto para lidar com os conteúdos a serem ensinados. “O professor não precisa ser formado em Filosofia. Ele deixa de ser o professor que ensina um conteúdo para trabalhar junto às crianças e ajudá-las a filosofar”. (CARVALHO, 1994, p. 63). Por este motivo, o investimento na assessoria do Centro de Filosofia "Educação para o Pensar".

Em paralelo, a rede de ensino, em parceria com o Centro de Filosofia "Educação para o Pensar", lança junto a implantação do projeto, o movimento “Café com Ideias”, um local de formação permanente para os professores.

2.5 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E OS MATERIAIS PEDAGÓGICOS DO PROJETO

A formação de professores orientados para a reflexão filosófica se inicia em 1999, quando acontece o grande curso de capacitação de 80 horas para a área de Filosofia, do primeiro ano à oitava série. Neste encontro, os professores começaram a perceber a necessidade de uma reflexão sobre as práticas interdisciplinares nas escolas e a possibilidade do ensino de Filosofia surgiu como o primeiro esboço coletivo de uma Proposta Curricular da nova disciplina.

Nos anos de 2000 e 2001, foi oferecido outro curso de 100 horas aos professores que se interessassem em participar do projeto "Educar para o Pensar". Para esta formação, o Departamento de Filosofia contou com a assessoria do Centro de Filosofia "Educação para pensar", que ministrou-o com base no programa "Filosofia para crianças" e no terceiro ano consecutivo de formação, a demanda foi seguindo as orientações do Centro Catarinense de Filosofia "Educação para o Pensar".

Neste momento, o quadro de professores da rede municipal de ensino contava com filósofos, professores de história e professoras do Ensino Fundamental que participavam da formação, totalizando oito professores envolvidos com a implantação do projeto: Alberto Thomal, Arlindo Giacomelli, Arnaldo Debiase Raldi, Ivonete Maria Rodrigues da Rosa, Jandir Françozi, Lucas da Silva, Marize Geviski Ouriques e Tarcísio Davila Andrade, além de mais dois professores de História, que completavam suas cargas horárias ministrando uma aula de Filosofia em suas unidades escolares. Ocorreram também os primeiros encontros com os diretores e especialistas do Primário (Ensino Fundamental I), para aplicar o projeto nas turmas de primeiro, segundo, terceiro e quarto ano das séries iniciais. Para isto, mais três professores foram contratados.

A formação continuada também se realizava no projeto Café com Ideias. Em parceria com o Centro, o coordenador Alberto Thomal justificava junto à Secretaria a importância desse projeto paralelo. Do texto, destacamos o seguinte extrato:

Tanto o Centro de Filosofia, que existe há mais de treze anos e desenvolve trabalhos pelo Brasil todo como o município de São José, que se destaca em nível nacional e estadual sendo um polo de desenvolvimento industrial, econômico, educacional e cultural, estão aptos para desenvolver este projeto que acontecerá de abril até dezembro de 2001. O Projeto “Café de Ideias - Um Momento Filosófico” deverá proporcionar um espaço onde democraticamente as ideias serão expostas. Haverá debates e proposição de ações que envolvem em melhorias na perspectiva de vida das pessoas, das comunidades. Por que a filosofia promoverá o Café com Ideias? A filosofia desde os primeiros filósofos tem contribuído para com a sociedade através de questionamentos e debates procurando respostas aos problemas levantados em sua época. Através das ágoras, filósofos e seus discípulos passeavam, discorriam e dissertavam sobre as ideias, o homem e o universo. A nós também falta este espaço para discutirmos, dissertarmos e levantarmos as questões e fazermos propostas para o desenvolvimento da cidadania e do espírito crítico e criativo. Outro aspecto importante que deve ser salientado é que a Filosofia é uma das únicas disciplinas que procura oferecer suporte às demais. Por este motivo cremos que o “Café de Ideias - Um Momento Filosófico” poderá contribuir muito para as perspectivas de reflexão e ação. (THOMAL, 2001, p. 4)

O projeto Café com Ideias surgiu para formar e orientar os professores da rede municipal com objetivo de formação continuada aos professores e diretores de escolas da Grande Florianópolis e também oportunizava este momento para toda a comunidade escolar, incluindo pais, estudantes universitários, alunos do magistério, administradores de escolas, jornalistas e grande público em geral.

Os encontros eram ministrados mensalmente e continuam sendo oferecidos, reúnem pensadores das diversas áreas da educação que trazem questões relacionadas ao tema, atendendo às orientações de Lipman. Os debates são organizados por temas que estão em evidência nas escolas.

Os professores são incentivados pelo Departamento de Filosofia a pesquisar os temas de interesse dos alunos, a investir na leitura e na formação por meio de literaturas filosóficas e produção intelectual da área educativa.

Figura 1 - Formação com prof. Silvio Wonsovicz



Fonte: Centro de Filosofia "Educação para o Pensar". Créditos: Alberto Thomal.

Figura 2 - Entrega dos livros de formação



Fonte: Centro de Filosofia "Educação para o Pensar". Créditos: Alberto Thomal.

Os materiais pedagógicos utilizados conforme orientações do Centro são discutidos nas oficinas de formação, conforme destaca relatório do Departamento de Filosofia, que acompanha individualmente a implantação do projeto e suas ações metodológicas.

Conforme relato do coordenador do projeto realizado em 2002, os professores eram avaliados conforme sua atuação técnica, pois a sua função passa a ser de acompanhar e vigiar o desempenho lógico dos alunos, atuando como facilitador e orientador das discussões. Segundo o programa, é neste raciocínio que ocorre a aprendizagem do pensar e para isto precisa desempenhar funções práticas, e não teóricas. Isso fica evidenciado nos relatos nos quais a doutrinação é ainda mais eficiente, pois, uma vez internalizada esta ideologia, apaga-se a exterioridade e a função de ser professor, dificultando senão impossibilitando sua crítica, obrigando-o a seguir o modelo de atuação esperado. É muito curiosa a avaliação a que foram

submetidos os professores para serem considerados aptos ministrarem a disciplina de filosofia. Entre seus critérios, o de ter participado da formação e de ter uma conduta na carreira que não o desabone, foram destacadas. Senão vejamos as avaliações.

Professor I (filósofo). Administra as aulas em várias unidades escolares: E. V. Albertina K. Maciel; C. E. M. Solemar; C. E. M José Nitro; C. E. M. Renascer; C. M. Maria Luiza de Melo. Fez o curso de capacitação. Há de se elogiar sua pontualidade e disponibilidade em aceitar uma distribuição tão esfacelada de aulas. Não se tem registro de faltas ou de conduta que a desabonem. Apresenta-se bem entre os colegas. Teve, porém, um registro pelo setor pedagógico de que sua avaliação bimestral foi cópia de computador, trocando apenas as turmas. Na mesma avaliação, ainda foi feita uma consideração de deixar transparecer um tom atentamente autoritário que destoava da que se propõe a "Educação para o Pensar".

Professor II (filósofo). Ministra aulas em cinco unidades escolares: E. B. Altino Corsino Flores; C. E. M. Barreiros; C. E. M. Araucária; C. M. Maria Luiza de Melo; C. E. M. Maria Hortência Pereira Furtado. Fez o curso de capacitação. Desposou a ideia e está disponível para trabalhar o projeto. Não há registro de que desabone sua conduta profissional. Todas as unidades escolares dão boas referências.

Professor III (filósofo). Ministra aulas na unidade escolar C. M. Maria Luiza de Melo. Participou do curso de capacitação. Sua avaliação deste ano não tem registro que o desabone. Deu aulas em outra unidade escolar e não se tem registro de que tem faltado ou de atitude que o desabonasse. Porém, durante o ano, houve uma série de reclamações a seu respeito, seja pela direção, seja pela orientação e supervisão da unidade escolar. Entre estas

reclamações, foi citado: falta de domínio de classe e por isso as aulas se tornam uma bagunça; falta de domínio de conteúdo; não tem uma organização do conteúdo programático; faz exigências descabidas; tem denúncias de brincadeiras indecentes; várias vezes foi advertido pelo coordenador do projeto quanto ao desempenho pedagógico e de conteúdo. A sugestão é que se dê uma unidade escolar menor e menos exigente ou então que se demita.

Professora IV (professora de ciências religiosas). Ministra aulas nas unidades escolares: E. B. V. Albertina K. Maciel; C. E. M. Solemar; C. M. Maria Luiza de Melo. Participou do curso de capacitação. Desposou a ideia do projeto. Não há nenhum registro que a desabone; a sua conduta foi sempre elogiada, como também sua criatividade e atenção para com alunos e amigos professores.

Professor V (filósofo). Ministra aulas nas unidades escolares: E. B. Altino Corsino Flores; C. M. Maria Luiza de Melo; C. E. M. Maria Hortência Pereira Furtado. Não fez o curso de capacitação, mas procurou atualização e muitas conversas. Nada consta nos registros de avaliação, a não ser elogios e pedido de permanência nas unidades escolares em que atua.

Professor VI (filósofo). Dá aula nas unidades escolares: Cidade da Criança; C. E. M. Luar; C. E. M. José Nitro. Não fez o curso de capacitação e, por isso, de todos, é o que mais caminha independente. Não há registro de nada que o desabone.

Professora VII (filósofa). Ministra aulas nas unidades escolares: E. B. Domício Vieira da Luz; C. E. M. Maria Luísa de Melo. Fez o curso de capacitação tempos atrás. Houve comentários das direções onde antes trabalhou que tinha muitas faltas, mas justificadas. Não há registro que a desabone.

Professora VIII (professora de séries iniciais e de ciências religiosas). Ministra aula nas unidades escolares: E. B. Altino Corsino Flores; E. B. Docilício Vieira da Luz. Fez o curso de capacitação. Desposou a ideia do projeto e tem dado provas de criatividade e assiduidade. Não existe registro que a desabone.

Professor IX (filósofo). Fez o curso de capacitação. Trabalha na Secretaria de Desenvolvimento Social na Cidade da Criança e não se tem registro de nada daquela Secretaria. (Relatório do departamento de Filosofia “Avaliação do projeto e dos professores nas unidades escolares, 2003).

Em conversa com o coordenador Alberto Thomal no início da investigação do projeto, a grande dificuldade desde o início do projeto "Educar para o Pensar", mesmo com todo o investimento feito, o “calcanhar de Aquiles” (expressão também utilizada por Lipman) é a formação de professores. De acordo com Lipman, a forma como em geral os professores são formados atualmente é o grande problema, pois os cursos atuais de formação não produzem professores com o perfil adequado para o ensino de Filosofia, que exige disponibilidade para “examinar ideais”, para “comprometer-se com a investigação dialógica” e para respeitar as crianças. (LIPMAN, 1990, p. 173).

O acompanhamento realizado pelo coordenador tinha como objetivo principal verificar as estratégias pedagógicas que validam o programa e oferecer suporte metodológico para possíveis alterações da proposta. Acompanham as relações, as dificuldades e as facilidades de inserir a nova proposta de trabalho.

Tal prática de avaliação continua após a saída do professor Thomal. O então coordenador Adão de Souza no documento “Relatório de visitação às unidades Educacionais” (ano) avalia diferentes pontos das práticas realizadas, e entre

eles destacamos: **I-** planejamento do professor; **II-** metodologia utilizada pelo professor; **III-** procedimentos de avaliação; **IV-** parecer do professor e/ou especialista sobre o processo de ensino aprendizagem na unidade pontuada; **V-** observações e considerações finais de aspectos gerais da disciplina Filosofia. O relatório revela a realidade, as dificuldades e os pontos que, segundo o Departamento de Filosofia, deveriam ser acompanhados.

Conduzir um estudo que tome a cultura escolar como objeto de investigação e se sensibilize pela análise das práticas escolares, enquanto práticas culturais, impõe duplo investimento. Por um lado, ocupar-se do mapeamento dos lugares de poder constituídos, inventariando estratégias. (SOUZA).

Para analisar o Quadro 2, a seguir, é possível percebermos como o coordenador organiza em pontos de análise a produção e as práticas do projeto "Educar para o Pensar" realizado na disciplina de Filosofia. Foi realizado um mapeamento dos pontos que citamos anteriormente, por outro lado confere atenção as ações dos indivíduos, nas relações que estabelecem com os objetos culturais que circulam dentro das escolas.

Quadro 2 - Relatório de visitação às unidades (Continua)

ESCOLAS	PONTO I	PONTO II	PONTO III	PONTO IV	PONTO V
CEM Santa Terezinha	O professor entrega os planejamentos de sondagem e anual.	Utiliza diversas metodologias.	Professor tranquilo, sala numerosa.	O processo flui de modo equilibrado com a disposição do professor.	Por conta da sala, o professor teve dificuldades de atendimento individualizado.
CEM Renascer⁴	Ainda não entregou, por conta das trocas que estão sendo feitas com as especialistas e também por ter assumido o cargo agora.	O professor � atencioso, assíduo, aceita as orientações, tem domínio de turma. As crianç�as externam o carinho por ele.	Existe uma diversidade de espaç�os, materiais e estratégias que podem ser utilizados no processo, nos conteúdos explorados na Filosofia (espaço social), �tica, educação, família e respeito. Aqui, a turma é bem questionadora.	Os temas família, respeito, valores, amizade e solidariedade.	O professor está em fase de conclusão com os planejamentos, mas está demorando a entregar o planejamento por ter d�vidas e dificuldades em se desligar do emprego anterior.

⁴ O CEM Renascer tem em sua proposta pedagógica a inclusão de crianç as com necessidades especiais e   a Escola da rede que conta com especialistas que atuam com os professores de forma interdisciplinar.   a unidade que atende o maior número de crianç as com necessidades especiais.

Quadro 2 - Relatório de visitação às unidades (Continuação)

ESCOLAS	PONTO I	PONTO II	PONTO III	PONTO IV	PONTO V
EB Docilício Vieira da Luz	Entregou o planejamento no tempo previsto.	Produção de apostila, utiliza vídeo e suas aulas são diversificadas.	Faz trabalhos de pesquisa e utiliza o debate (comunidade de investigação).	O mérito do trabalho � de todos: uma equipe que participa do processo. A versatilidade do processo em função de situações que criam condições que faz diferença no processo. A disciplina trouxe mudanças comportamentais, temáticas de interesse na sala (eixos diversidade e educação inclusiva).	A unidade manifesta a sua satisfação com o referido professor, porém permanece na expectativa de mais resultados ao longo do processo, considerando o conjunto das ações pedagógicas neste princípio de identidade.

Quadro 2 - Relatório de visitação às unidades (Conclusão)

ESCOLAS	PONTO I	PONTO II	PONTO III	PONTO IV	PONTO V
CEMIA ⁵	Paralelamente ao planejamento, o professor está trabalhando o projeto com base nos conceitos de sustentabilidade, voltado para um contexto global e local. A sustentabilidade é uma questão local, mas também global e é uma questão econômica.	Metodologia utilizada: discutir o interesse do grupo e a partir disto desenvolver os temas e assuntos referentes à disciplina, assistir a sessões da Câmara (comunidade de investigação).	Uma avaliação objetiva, trabalhos de pesquisa, apresentações e trabalhos. O desdobramento da pesquisa se deu na forma de apresentação e trabalho e também na participação de atividades extracurriculares.	Uso constante de filmes, leitura dos interesses da turma e escolha dos assuntos.	A experiência no Barreirão é maravilhosa, tem uma troca excelente, os alunos são participativos, diferente de outras unidades educativas que atua. Segue as apostilas da professora anterior.

Fonte: (SOUZA).

⁵ CEMIA - Escola escolhida para o estudo de caso desta pesquisa.

Com o objetivo de formalizar tais práticas reforçando que os professores encarnam as representações que se produziram nas situações concretas do fazer ordinário da Escola, a Secretaria Municipal de São José investiu na produção e difusão de informações sobre o projeto a partir de diferentes veículos. Destacamos os seguintes: **Jornal Oi São José** - Deu ênfase ao desenvolvimento e continuidade do projeto; **Informativo** - O primeiro informativo, "Educar para o Pensar", é lançado de forma artesanal; com rápida divulgação, a tiragem foi de 500 exemplares; **Jornal O Corujinha** - Em 2001, pela primeira vez, o projeto de Filosofia de São José é citado no jornal "**O Corujinha**", com uma tiragem de 30.000 cópias, distribuída em todo o Brasil.

Logo após a divulgação e apresentação do projeto, três escolas aderiram ao programa: Albertina K. Maciel, José Nitro e Docilício. Nas duas últimas, os professores tiveram dois encontros de capacitação. Os professores da escola José Nitro aplicaram nas suas aulas o método do "Educar para o pensar". Na escola Albertina K. Maciel, foi realizada uma apresentação do projeto para toda a comunidade escolar.

Com o objetivo de divulgar o projeto e torná-lo aceito na comunidade escolar, a rede municipal organizou diferentes estratégias e ações para tornar o programa e os demais projetos uma cultura escolar. Para isto, impõe na medida em que divulga somente o que deseja e regula o que investe em projetos associados ao programa.

O desejo de implantar tais práticas é evidenciado na dissertação do então coordenador do programa que ressalta sua convicção:

A certeza de que uma equipe disposta e preparada para tal seria grande promotora do sucesso do projeto. E foi isto que aos poucos aconteceu, iniciando primeiramente na metade do segundo semestre, aos poucos cada ano foi antecedendo o seu início. Em 2001 iniciou-se

em outubro, este início foi perturbado pelas atividades da semana da criança e no final pelas provas de fim de semestre. Em 2002 iniciou em julho, a reclamação da maioria da escola era de que iniciava bem tarde. E precisava de mais tempo para avaliação. Em 2003 as aulas de Filosofia já iniciaram no começo do ano com o calendário da escola. A expectativa tanto dos professores como da direção das escolas foram grandes, muitos não só queriam as aulas de Filosofia nas três primeiras séries como em todas as séries. (THOMAL, 2004, p. 43).

A escola, ao se constituir historicamente, constrói uma cultura que lhe é bastante peculiar. Ela, no seu processo de constituição, “sofre e adapta-se ao exterior, mas também ordena, organiza-se e gera a sua própria exterioridade”, como bem afirma Magalhães (1996, p. 15).

Concebido como produção histórica, o modelo escolar que se delineia vai se constituindo a partir de uma cultura e, também, de uma forma escolar própria, caracterizada por dispositivos de normatização pedagógica e de práticas dos agentes que se apropriam deles por meio de estratégias e de táticas reveladoras de saberes socialmente acumulados que permitem que a identidade escolar seja construída e que os seus valores e comportamentos sejam difundidos.

Segundo Carvalho (1998), ao se operar com os conceitos de forma e cultura escolares, “são postas em foco as práticas constitutivas de uma sociabilidade escolar e de um modo, também escolar, de transmissão cultural”. (CARVALHO, 1998, p. 33) Acrescenta-se, ainda, a partir desses conceitos “são focalizados quatro dispositivos que normatizam tais práticas”, que são “os dispositivos de organização do tempo e do espaço escolar; dispositivos de normatização dos saberes a ensinar e das condutas a inculcar”. (Idem, Ibidem)

A cultura incentivada pelo projeto "Educar para o Pensar" foi se resignificando com o passar dos anos: mudanças de governo, discussões teóricas e chegada de diferentes profissionais que deram origem ao caderno **Pedagógico de Filosofia**, que traz como proposta pedagógica para a rede uma filosofia crítica para todos os níveis da educação básica, conforme ressalta o parágrafo deste documento:

É preciso levar em conta os procedimentos metodológicos adequados, os instrumentos e a visão de avaliação condizentes com as aprendizagens filosóficas das crianças e jovens. Um ensino filosófico com as crianças, com os adolescentes e jovens, portanto, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Médio deve contribuir para a formação de uma consciência crítica, abrir o entendimento para as formas atuais de dominação e opressão que estão presentes em todas as relações sociais diárias, manifestas sob ideologias, convenções e alienações. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2008, p. 10).

O título "Educar para o Pensar" está vivo no título do Caderno Pedagógico (2008), dando indícios da origem, da introdução desta disciplina na rede municipal, porém em seu conteúdo elaborado como orientação para os professores manterem os princípios da proposta de Lipman:

Hoje, com muito mais intensidade, faz-se necessário um bom ensinamento da filosofia, de uma filosofia que seja viva, atual e presente na realidade de cada um. O professor Lipman tem méritos ao organizar o seu programa que vem de encontro com essa necessidade, porque sistematizou a reflexão filosófica em uma metodologia que, mesmo não sendo nova, é útil; além de estar sempre aberto e dizendo que

se faz necessária a busca e construção de programas condizentes com as diversas realidades. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2008, p. 109).

Desse modo, o que ocorre na realidade não é o abandono do programa de Lipman, e sim a construção de uma apropriação diferente de tais ideias do programa "Filosofia para crianças", revelando uma cultura do pensar que foi influenciada por tais ideias e que deseja incluir no seu texto uma proposta que não consegue se aprofundar nas bases da Teoria Crítica. Isso porque encontramos na construção do texto do caderno incoerências teóricas, por exemplo: ao mesmo tempo em que ressalta a importância do pensar, oferece respostas prontas e idealizadas de uma sociedade culpada, ou seja, desloca para os alunos e professores as críticas que deveriam ser direcionadas à estrutura social que, desse modo, permanece inocentada e justificada.

Após muitos anos, precisamente no dia 9 de dezembro de 2008, o Conselho Municipal de Educação de São José se reuniu na Sessão Plenária Ordinária nº 81 para apreciação e aprovação do Parecer nº 0039/2008 - "Autorização para a implantação da disciplina de Filosofia na rede municipal de São José",⁶ a iniciar no ano letivo de 2009. O Centro de Filosofia "Educação para o Pensar" comemorou e divulgou a sua satisfação com o parecer, vislumbrando implantar o programa em outras redes municipais e relata ao jornal digital **O Corujinha**

⁶ Dispomos no Anexo H a solicitação encaminhada pela Comissão de Educação Básica ao Conselho Municipal de Educação de São José, aprovando a Filosofia como disciplina da matriz curricular. No texto produzido para análise do Conselho, o Departamento de Filosofia indica a intenção de desenvolver a cultura do pensar na rede.

que [é por meio] [d]este parecer a possibilidade e o caminho para os demais municípios que acreditam na possibilidade de mudar as práticas educativas e construir uma cultura do pensar em suas escolas, conforme relatos enviados para o e-mail⁷ do Departamento de Filosofia.

Em comentário do Centro Brasileiro de Filosofia "Educação para o Pensar", evidenciamos a intensa participação no processo de implantação do projeto e da inclusão da disciplina. Escreve a seus parceiros:

A decisão histórica da SME em apresentar o parecer favorável do Conselho Municipal de São José vem coroar um trabalho sério de muitos professores de Filosofia da rede, do Departamento de Filosofia da SME e do Centro de Filosofia "Educação para o Pensar", que sempre esteve junto nas lutas para essa vitória. (E-mail enviado por Silvio Wonsowicz aos colaboradores do Centro de Filosofia para crianças e arquivado nos documentos da Secretaria Municipal de São José/2008).

Esta parceria, conforme mencionamos no depoimento acima feito pelo professor Silvio Wonsowicz após a aprovação da disciplina de Filosofia na base diversificada explicita sua participação intensa e sua dedicação para impulsionar o projeto na rede, uma vez que este foi um dos atores principais incentivando, formando e divulgando as práticas do Centro de Filosofia Educação para o pensar.

O Centro foi responsável por solidificar teoricamente o projeto buscando novos caminhos e novas propostas de trabalho, inclusive divulgando e socializando práticas, como

⁷ No Anexo I, compartilhamos e-mails de satisfação dos membros e colaboradores do projeto, adeptos da inclusão da Filosofia no Ensino Fundamental.

mostra a reportagem do jornal **O Corujinha** (2007), na qual a Secretaria da Educação de São José já participava divulgando sua parceria na matéria: “Prefeitura Municipal de São José-SC de braços abertos para o futuro”. A então secretária professora Meri Terezinha de Melo Hang divulgou a foto da sua equipe apoiando o programa e o trabalho que fazem na rede com a disciplina de Filosofia.

A seguir, disponibilizamos o depoimento que deu ao jornal:

Na Secretaria Municipal de Educação de São José, o ensino da filosofia acontece a alguns anos. No setor pedagógico, foi criado um departamento de filosofia com o objetivo de implantar e coordenar os trabalhos nas escolas da rede. Iniciou-se esse departamento com total apoio do então secretário de educação Fernando Elias (atual prefeito) e coordenação do Professor Alberto Thomal. Nos oito anos como Secretário de Educação, Fernando Elias deu total apoio e incentivo, e o ensino de Filosofia acontece em todas as Escolas Municipais do Ensino Fundamental 1ª à 4ª séries, 7ª e 8ª séries e na EJA. A Secretaria Municipal de Educação de São José, entendendo como sendo seu maior objetivo, oportunizar o acesso e a permanência, do aluno, de forma qualificada, dentro do convívio escolar, não tem medido esforços para garantir o meio e a condição para a formação, desenvolvimento, integração social e realização pessoal dos alunos e professores. (Meri Terezinha de Melo Hang, 2007, Jornal O Corujinha, p. 4).

As primeiras tentativas de melhoria de ensino na rede municipal aconteceram em meados de 1994, com a organização de concurso público para ingresso de profissionais com formação específica nas diferentes áreas do currículo. No ano de 1995, paralelo ao ingresso destes profissionais na rede, a

equipe pedagógica administrativa, preocupada em construir uma fundamentação pedagógica para a educação no município, foi buscar para o Ensino Fundamental e Médio, junto à Editora Módulo, orientações teórico- metodológicas para a capacitação dos profissionais da educação.

No ano de 2000, teve início com o aprofundamento da concepção filosófica e social da educação, das teorias de aprendizagem e do desenvolvimento, por meio de seminários específicos para os especialistas do setor pedagógico. A partir destas discussões, os grupos específicos por área, organizaram-se em torno dos estudos e reflexões acumuladas e buscando a sistematização e elaboração das primeiras sínteses.

Conforme reelaboração do Plano Diretor do município de São José ano 2000, a prefeitura prevê ampliação do atendimento escolar, tendo em vista a carência destas em muitos bairros: no Ensino Fundamental, a distribuição das escolas é mais equânime e adequada à faixa mais desfavorecida da população, além de atender às maiores densidades de crianças. Contudo, notamos a falta de cobertura na área de Flor de Nápolis, Picadas do Sul e em uma grande área que envolve os bairros Bela Vista, Jardim Cidade de Florianópolis, Nossa Senhora do Rosário e Ipiranga.

Cabe ressaltarmos que a política educacional do município conta com programas e projetos inovadores, como:

Programas: - Formação continuada dos professores; - Bolsa-escola; - Olho no olho; - Escola de pais; - Habilitação para o magistério (séries iniciais e educação infantil para todos os professores da rede municipal de ensino); - Triagem auditiva; - Atendimento psicológico; - Ação Zé cidadão; - Educação de jovens e adultos. **Projetos inovadores:** - Escola do futuro; - Esporte escolar; - Educação para o pensar; - Capoeira; - Dança na escola. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2004, p. 176, grifos nossos).

Seguindo as orientações da LDB que determina como área de competência do município a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, a prefeitura investe construindo novas Escolas e realizando concurso público para ingresso de professores. O município dá prioridade para ampliar o atendimento incentivado pela Federação (artigo 11, parágrafo V), que diz:

o município que cumprir plenamente as demandas sob sua competência, além de possuir recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino, é permitida a atuação em outros níveis. (LDB, art. 11, § V).

Conforme dados do Centro de Filosofia Educação para o pensar no ano da aprovação (2009) da inclusão da Filosofia como disciplina na base diversificada, o projeto contava com 20 professores de filosofia que ministravam aulas semanais em 23 escolas, atendendo a 13.139 alunos, uma vez por semana.

Em 2003, 21 novos professores foram contratados e neste ano foi realizado o segundo concurso público de Filosofia, com oferta de três vagas.

Ainda, em 2003 120 Professores da Rede Municipal de São José participam do 2º Congresso de Filosofia “Educação para o pensar e educação sexual”, realizado e organizado pelo Centro Brasileiro de Filosofia, em Florianópolis.

O Departamento naquele ano contava com cinco professores. O curso de capacitação continuou. Para elaborar os conteúdos, os alunos participaram ativamente, sugerindo temas e assuntos a serem trabalhados. No mês de julho, o Departamento apresentou uma síntese de conteúdos, que viria a constituir o fio condutor da Proposta Curricular. O coordenador expôs aos diretores e especialistas a proposta do projeto piloto.

Em 2005, foi enviada ao Conselho de Educação do município de São José a proposta de inclusão da Filosofia como disciplina curricular no Ensino Fundamental. Em 2007, devido a problemas de saúde, o professor Alberto Thomal se afastou do cargo de coordenador, sendo substituído pelo professor José Emilio de Medeiros Filho, à frente do Departamento de Filosofia.

Diante deste histórico, é importante destacarmos os caminhos percorridos para que o projeto fosse aceito pela comunidade escolar. Ao longo dos anos se construíram, no contexto escolar da rede municipal e das relações políticas, os trâmites legais. Os professores participaram ativamente do projeto que deu origem à mudança curricular.

De acordo com Julia (2002, p. 34),

as finalidades das disciplinas nunca são unívocas. Procedem, normalmente, de arquiteturas complexas, nas quais estratos sucessivos, que se sobrepuseram a partir de elementos contraditórios, se mesclam.

Os conteúdos não estão numa linha ascendente ou retilínea de determinado tema. O projeto visa um conteúdo livre, mas que levem em conta os temas trabalhados em classe. A preocupação é de que a filosofia não fique distante das atividades dos alunos. Os temas que podem ser levados em consideração para início de conversa podem ser: 1^a e 2^a séries: nome e sobrenome; o que faz eu ser eu; morar e habitar; orgulho; leitura; interpretar; sonho e realidade; imaginação e criatividade; maravilhar-se, orgulhar-se; animais de estimação; os sentidos; ser e representar; 3^a série: analogia; pensar com relações; a história de cada um; ambiguidade; decidir; interpretar os fatos; metáfora; pensando hipoteticamente; ser crítico; mistério; o que sei fazer sozinho; invenção e descoberta; ausência; perda de

peçoas queridas; habilidades de raciocínio; comparar; classificar; buscar suposições; definir; ponderar; interpretar; esclarecer ideias; observação; obtenção de dados; organização; imaginar; calcular; ler e interpretar. (THOMAL, 2000, p. 17).

Na sua estrutura, o projeto "Educar para o Pensar" foi dividido nesta década de sua trajetória em três grandes momentos: I- Dedicção à preparação e ao planejamento, chegando ao objetivo geral do projeto (fazer com que o aluno, levando em consideração a sua idade, fosse introduzido na prática do diálogo e da conceituação); II- Os objetivos práticos consistiram em introduzir na escola a Educação para o pensar pelo exercício de conceituação aplicado aos conceitos do dia a dia, tal como criar uma cultura da sensibilidade e de respeito pela opinião dos outros; III- A valorização de cada ideia proposta e o resgate da autoestima.

O projeto visou a uma gradual e progressiva implantação por meio de uma metodologia que respeitasse a caminhada histórica e pedagógica de cada unidade, seguindo um planejamento de inserção do projeto nas unidades com os seus diretores.

Seguimos com as ações registradas pelo Departamento de filosofia "Educação para o Pensar": em 2001, houve a designação de professores para trabalhar com as séries iniciais. As ações do Departamento foram: conversar e preparar com os professores a respeito dos objetivos e das dinâmicas de aplicação do programa de Filosofia; conversar com diretores, especialistas das unidades escolares (proposta do projeto nas unidades escolares); conversar com os pais das unidades escolares das séries envolvidas; implantar efetivamente o projeto em sala de aula em três unidades escolares. Em 2002, houve a implantação nas demais unidades escolares, com aulas para as primeiras e segundas séries do Ensino Fundamental. Nesta etapa, devido às dificuldades de encontrar professores

preparados na área de Filosofia e de realizar o curso de capacitação, resultou a demora na implantação do projeto. O curso de capacitação dos professores ocorreu em julho, foi ministrado pelo consultor Silvio Wonzovicz e recebeu elogios dos participantes. Em 2003, o projeto foi ampliado para o terceiro ano do Ensino Fundamental, com aulas de Filosofia oferecidas desde o início do ano.

CAPÍTULO 3 – ESTUDO DE CASO CEMIA – A “CULTURA ESCOLAR” COMO PRESCRIÇÃO DOS DESEJOS

3.1 O PLANEJAMENTO DA DISCIPLINA “FILOSOFIA” E A CULTURA ESCOLAR

Em 1998, São José atendia a aproximadamente quatro mil alunos; no ano seguinte, após a inauguração das novas escolas, começou a atender um número cinco vezes maior de alunos. A expansão e a construção de novas escolas são favorecidas pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), verba do Governo Federal que vincula os valores que cada prefeitura recebe ao número de alunos atendidos, ou seja, quanto mais alunos, mais dinheiro para a prefeitura.

Jovens e crianças precisando de escola pública era o que não faltava em São José; porém a cidade não oferecia vagas nos bairros e muitos alunos ficavam sem atendimento escolar. Os que tinham uma condição melhor frequentavam as escolas particulares e/ou se deslocavam para escolas do estado ou até mesmo para as da cidade vizinha, Florianópolis.

Em 1999, a Prefeitura de São José teve como secretário da educação Fernando Melquíades Elias⁸ e com o então prefeito Dário Berger⁹ representou a ampliação de ofertas de vagas nas escolas do município.

⁸ Fernando Melquíades Elias foi secretário da educação de São José em 1998, mas deixou o cargo para assumir a prefeitura em 2005 na mesma cidade, permanecendo até 2008.

⁹ Dário Elias Berger foi prefeito em Florianópolis. Ingressou na vida pública em 1989, exercendo os cargos de diretor de pessoal e de presidente da Comissão Municipal de Esportes. Na Prefeitura de São José, ocupou a direção geral da Secretaria de Administração, em 1991. Depois, elegeu-se vereador pelo PFL e, em 1994, foi presidente da Câmara de Vereadores. Em 1996, Dário foi eleito prefeito no município e presidiu a Associação

A Secretaria Municipal de São José publicou em 2000 a sua primeira síntese da Proposta Curricular e buscou uma prática pedagógica inovadora, transformadora e democrática que mobilizou muitos educadores, que participaram ativamente para elaborar documentos e orientar sua prática no município, os chamados cadernos pedagógicos. Portanto, abrir espaço para uma educação filosófica foi uma forma de buscar um novo posicionamento diante do tradicional. A rede apostou na ideia kantiana de *aufklärung*, do esclarecimento, da maioridade. As crianças e os jovens devem aprender a pensar, e não depender do outro para fazer um ensino dinâmico, dialógico e interdisciplinar. Com isto, a rede almejava dar um salto qualitativo.

A Secretaria seguiu as orientações das Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental (DCN), que estabelece:

Em todas as escolas, deverá ser garantida a igualdade de acesso dos alunos a uma base nacional comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional; a base nacional comum e sua parte diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que visa estabelecer a relação entre a educação fundamental com: a) a vida cidadã, através da articulação entre vários dos seus aspectos como: a saúde, a sexualidade; a vida familiar e social, o meio ambiente, o trabalho; a ciência e a tecnologia; a cultura; as linguagens; b) as áreas de conhecimento de: Língua Portuguesa; Língua Materna (para populações indígenas e migrantes); Matemática, Ciências, Geografia; Língua Estrangeira, Educação Artística,

dos Prefeitos do PFL no biênio 1997-1998. No ano 2000, foi reeleito e ocupou a prefeitura durante mais de sete anos, cumprindo dois mandatos em São José.

Educação Física, Educação Religiosa, na forma do art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (BRASIL, 1998).

Com isto, o projeto "Educar para o pensar - Ensino de Filosofia para crianças" entra no currículo inicialmente como "base diversificada".

É possível percebermos nos documentos e nas escolhas de formação e de materiais didáticos que o projeto elaborado pelo professor Alberto Thomal foi influenciado pelo movimento impulsionado no Brasil na década de 1990 com a descoberta do programa "Educação para o Pensar", defendido por Lipman, tendo despertado interesse junto aos professores de Filosofia que simpatizavam com uma filosofia prática, que não estivesse tão distante da realidade das crianças.

Matthew Lipman concebe a escola como um centro de preparação para uma vida cidadã. Herdeiro da tradição pragmática, Lipman é influenciado principalmente por John Dewey, tanto na concepção política e, conseqüentemente, em relação aos fins da educação (*Democracy and Education*, ano) quanto na formulação do programa de Filosofia para crianças / Educação para o pensar, incluindo os da dimensão estética.

Para Lipman, o pensar é um processo natural, algo que todos fazemos e, ao mesmo tempo, um processo densamente estruturado e textualizado. Como tal, é uma habilidade que pode ser aperfeiçoada.

A trajetória histórica do projeto "Educar para o Pensar" permite afirmarmos que as relações e as produções de significados na escola foram impulsionadoras da mudança, dos conflitos e dos sucessos do projeto.

As dificuldades para sua implantação se dão de uma forma bastante árdua em várias frentes: a justificativa de sua presença com pressupostos filosóficos e pedagógicos; a inclusão da filosofia em um currículo com muitas matérias; a mentalidade do senso comum imediatista e utilitarista da filosofia, com o intuito de solucionar problemas de disciplina

na escola; a matéria auxiliar ou substituta da antiga Educação Moral e Cívica (EMC) ou Organização Social e Política Brasileira (OSPB); o comprometimento partidário (se implantado por um partido, não pode ser continuado na nova administração); caso outro partido ganhasse as eleições, excluía-se o plano pedagógico ou se daria outra conotação ou encaminhamento; a falta de professores pedagogicamente preparados para este novo desafio na educação (os filósofos têm dificuldades para ministrar aulas nas series iniciais); como é um projeto novo, muitos estudos e capacitações precisam ser realizados; os profissionais para realizar pesquisas e produzir um currículo básico para as diferentes turmas e níveis de ensino.

A ênfase dada à Filosofia no projeto "Educar para o Pensar" é, pois, baseada no pressuposto filosófico de Kant (1724 – 1804): "Não se ensina a filosofia; ensina-se a filosofar".

Em virtude do não ensinar filosofia e sim do aprender a filosofar, muitos programas de filosofia acabam reunindo uma diversidade de textos, cuja abordagem, não obstante a melhor dedicação do professor, só pode ser algo superficial, quase sempre aborrecido para o estudante, frustrante para o professor e questionável do ponto de vista pedagógico, quanto a seus resultados educacionais (CARMINATI, 1997, p. 160).

Contudo, devemos avaliar o grande desafio deste projeto como sinaliza Carminati (2004, p. 11) o que é o de evitar a separação entre “ensinar Filosofia” e “aprender a filosofar”, pois, ao tomar em consideração apenas um desses aspectos, poderemos incorrer no risco, de um lado, de minimizar a importância do conteúdo e o papel do professor, e, de outro, sobrepor métodos e técnicas de ensino como respostas aos desafios da sala de aula. Entretanto, não se trata

de menosprezar um aspecto em detrimento do outro, mas que tanto o aluno que estuda na universidade, quanto aquele do ensino médio possam ser levados a aprender a filosofar mediante o estudo da própria Filosofia. Contudo, não devemos nos iludir com o adágio “não se aprende Filosofia”. Isto pode nos levar a um comodismo ou a uma descaracterização da disciplina.

O aluno que a aprende, aprende a filosofar, e, na medida em que se esforça pessoalmente, se apropria do conteúdo racional da realidade.

Podemos afirmar que a partir de 2001 a rede municipal incluiu na educação um espaço para a Filosofia, pois este projeto contempla o curso de capacitação para professores de Filosofia, supervisores e orientadores educacionais, além das aulas de Filosofia desde as séries iniciais até a oitava série.

Articulando e aproximando estas discussões como debate em torno da cultura escola, recorremos a Rosa Fátima de Souza (2000) que bem explicita isto:

[...] a escola está sempre vinculada à formação de pessoas, à produção de indivíduos e subjetividades. Por isso, o que se ensina e como se ensina nela não é uma questão menor, mas se encontra no centro de uma compreensão mais acurada, sobre as relações entre educação, cultura e poder. (SOUZA, 2000, p. 5).

A rede municipal de São José vinculou o desenvolvimento do seu projeto à formação de uma nova prática escolar a partir de um olhar investigativo que trouxe a Filosofia para as crianças dentro da escola oferecendo suporte para esta mediação, suscitando novas relações com o pensar. O ano 2000 foi marcado por expressivos avanços educativos no município. O secretário da educação, Fernando Melquíades Elias, inaugurou unidades escolares nos bairros onde o número populacional havia aumentado consideravelmente. Dentre

estas, destacamos as escolas em que as diretoras aceitaram incluir a Filosofia no Ensino Fundamental.

Assim, o município de São José contava com sete unidades educativas em 1999 e em 2000 este número cresceu para 16 como mostra o Quadro 3, a seguir, que foi elaborado pelo coordenador Alberto Thomal (2002) para distribuir as aulas de Filosofia, conforme consta no projeto original:

Conforme ampliação das unidades educativas, haverá uma necessidade de professores que estarão trabalhando para a execução do projeto em sala de aula. A opção é de que haja professores preparados para ministrar aulas de Filosofia. Devido ao aumento de mais turmas, será necessário contratar pelo menos mais dois ou duas professores(as), além dos já contratados, que aumentarão sua carga horária. Para que conheçam o programa, é necessário que estes dois professores acompanhem os encontros ou as orientações do Projeto "Educação para o Pensar".

Assim, distribuiremos a quantidade de aulas nas unidades escolares:

Quadro 3 - Quantidade de aulas distribuídas nas unidades escolares

UNIDADES ESCOLARES EM 2000	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	5º ANO	6º ANO	7º ANO	8º ANO	9º ANO
1. EBM Altino Corsino da Silva Flores									
2. C. Cidade da Criança									
3. CEM Araucária									
4. CEM Barreiros									
5. CEM Forquilha									
6. CEM Gov. Wilson Kleinubing	3	2	3	1	3	1			13
7. CEM Interativo Floresta	1	2	1	2	1	1			8
8. CEM José Nitro	1	1	1	1	1	1			6
9. CEM Luar	-	3	-	3	-	3			9
10. CEM Maria Hortência Pereira Furtado	2	1	2	1	2	-			8
11. CEM Renascer		3		3		2			8
12. CEM Vila Formosa	1	1	2	-	1	-			5
13. CEM Docilício Vieira da Luz	1	1	2	2	1	1			8
14. EBM Ver. Albertina Krummel Maciel	3	1	3	1	3	1			12
15. CEM Jardim Solemar	1	1	1	1	1	1			6
16. CM Maria Luisa de Melo	1	7	2	5	2	6			23
TOTAL	23	38	26	32	21	29	1	1	171

Fonte: (THOMAL, 2002).

Em seu discurso, o secretário enfatizou que “São José, uma cidade dinâmica administrativamente, está investindo em educação e desenvolvimento humano” (ELIAS, 2002).

Com isso, aprovou diversos projetos que colocam em destaque esta dinamicidade e este investimento em educação, cultura e lazer. Entre eles, destacamos os projetos:

- Esportes na escola - Não só a educação física é símbolo de esportes na escola, mas a capoeira, a dança, o resgate dos folguedos e as brincadeiras açorianas.
- Artes na escola - Incentiva a produção artística em todo o universo escolar. Há um investimento em construção de teatro, ginásios para as gincanas escolares e um estímulo a mostras artísticas nas escolas. O incentivo à cultura local, com investimentos da Escola de Oleiros (Portugal), a única em todo o Brasil, tendo como enfoque a preservação da cultura açoriana a partir da arte.
- A Escola do Mar e a Escola Ambiental - Tinham como foco aproveitar a localização geográfica de São José para despertar o culto e o respeito pela natureza.
- O projeto "Educar para o Pensar" - Criação de mais um espaço para que os alunos pudessem desenvolver reflexões sobre si mesmos e, com isto, desenvolver suas habilidades de raciocínio, o que resultaria em avanço escolar.

O ex-secretário afirmou em nossa entrevista em seu escritório em São José, no mês de julho de 2012: "Eu tinha um barco que era a escola, os projetos, mas de nada adiantaria se este meu aluno não soubesse pensar; pensar bem a Filosofia foi na minha gestão; o condutor, a cabeça que orientava este barco para a mudança, para o avanço".

A importância da reflexão e do pensar indicada pelo secretário se expandiu para a formação e qualificação dos professores e profissionais da rede, criando encontros mensais com enfoque teórico, troca de experiências e cursos que visavam à capacitação constante dos profissionais envolvidos, surgindo no mesmo ano o Café com Ideias, que foi considerado o espaço de encontro, reflexão e formação dos professores.

Com tantas mudanças e indicativos de crescimento acelerado na área educativa do município, foi criado o Departamento de Filosofia e iniciou-se a implantação do projeto nas escolas. Dando suporte à nova configuração educativa que então se instaurava, a Secretaria além de parceria com o Centro de Filosofia "Educação para o Pensar", foca na formação continuada dos professores nos encontros denominados Café com Ideias. A assessoria é justificada em um trecho dos relatórios enviados pelo coordenador Alberto Thomal (2002), em que ele destaca:

Um dos pontos altos do projeto de filosofia está sendo, entre os professores, o curso de capacitação ministrado pelo professor Silvio Wonsovicz. A assessoria está se destacando pela riqueza dos materiais oferecidos para a reflexão, bem como a dinâmica usada: reflexão, trocas de experiências, atividades de vídeos, debates [...]. (THOMAL, 2002).

Destacamos neste trecho a assessoria do Centro de Filosofia Catarinense "Educação para o Pensar" (Ceficep) desde o início da implantação do projeto "Educar para o Pensar", bem como a sua participação intensa na elaboração e construção de planejamentos, nas orientações didáticas e no fornecimento de recursos pedagógicos.

É possível identificarmos no discurso e na maneira de conduzir as prioridades referentes ao ensino e à aprendizagem da rede que este projeto deveria articular de maneira

interdisciplinar saberes e conceitos filosóficos, beneficiando este aluno no desenvolvimento do pensar bem, aumentando inclusive seu desempenho nas demais áreas do ensino. Ao que isto indica, como escreve Morin (2000),

a escola deve incentivar a comunicação entre as diversas áreas do conhecimento, desmoronando as fronteiras que inibem e reprimem a aprendizagem. Trata-se da transcendência do pensamento linear que, sozinho, é reducionista. (MORIN, 2000, p. 45).

Num tempo de urgência, em que a ciência é associada à exploração econômica, que por sua vez explora todos os setores da vida humana colocando em risco a própria sobrevivência do planeta, resta à educação e ao pensar a possibilidade de amenizar a barbárie gerar sujeitos capazes de atuar criticamente em relação ao sistema de produção, aos valores estabelecidos, à tecnocultura, às formas de sociabilidade e ao mercado simbólico estabelecido.

O pensamento filosófico, com a possibilidade de atuar criativamente e livre, deve assumir essa tarefa e atuar no exercício pedagógico e levar a refletir: "O que estamos fazendo enquanto escola, enquanto intelectuais, enquanto filósofos para mudar, avançar e transformar filosoficamente o que está posto?".

Todavia, as intenções iniciais revelaram a preocupação gradativa do projeto, demonstrando preocupação com a preparação da gestão quanto à formação e contratação do corpo docente, justificando assim o concurso público lançado para a contratação de professores de Filosofia no ano de 2003.

Tomando consciência da importância da filosofia no seu propósito principal de questionar, refletir, filosofar sobre as coisas, sobre nós e sobre o mundo, os professores do município realizaram uma pesquisa levando em conta "a realidade do

aluno” e organizaram os temas filosóficos a serem trabalhados no início do projeto e configuraram a proposta em quatro itens:

- 1) Ensino e História da Filosofia: universo dinâmico de onde se extraem textos que problematizarão conceitos filosóficos e que se tornarão ponto de estudo reflexivo.
- 2) Formação dos professores: refletir sobre a ideia de que no Ensino Fundamental o professor é o agente responsável pela reflexão de incentivar os alunos ao exercício do pensamento filosófico; não tratamos, neste nível, de formar filósofos. Exercitar o pensamento filosófico significa aqui desenvolver, demonstrar como, a partir de assuntos cotidianos, se constroem problemas e como, criticamente, operamos com conceitos para estabelecer os sentidos e as soluções destes, cabendo à filosofia a tarefa de procurar desenvolver no aluno a capacidade de lidar com o pensamento conceitual, de substituir as pré-concepções por processos de conceitualização.
- 3) Produção de materiais pedagógicos: ferramentas (jogos, brincadeiras e possibilidades de acordo com a faixa etária, gênero e nível de desenvolvimento).
- 4) Produção e difusão de informação: trocas e socialização de experiências entre todos os professores.

As orientações e a organização dos assuntos identificados nos documentos revelam que se operacionalizou o ensino denominado temático, conforme orientação do programa desenvolvido por Matthew Lipman. Ao indicarmos as temáticas para o Ensino Fundamental, fica evidenciado que, apesar da participação dos professores, a prescrição e o fio condutor estavam amarrados às temáticas de Lipman, conforme

descrevem o documento sobre a história da Filosofia em São José que antecede o quadro de indicações.

Embora o programa de Lipman não estabeleça um programa, o Centro de Filosofia "Educação para o Pensar", a partir das leituras das obras deste autor, delineou um fio condutor que pode ser uma orientação para o desenvolvimento dos currículos¹⁰.

Na trajetória do projeto "Educação para o Pensar", o Quadro 4, a seguir, traz a listagem dos conteúdos elencados como fio condutor a serem trabalhados da primeira à oitava séries, entre eles os assuntos: a natureza, a família, a amizade, a vida, a violência, a paz etc.

¹⁰ **A história da Filosofia em São José**, 2002.

Quadro 4 - Orientação do Centro de Filosofia "Educação para o Pensar" para o desenvolvimento dos currículos da disciplina

PRIMEIRA SÉRIE	SEGUNDA SÉRIE	TERCEIRA SÉRIE	QUARTA SÉRIE	QUINTA SÉRIE	SEXTA SÉRIE	SÉTIMA SÉRIE	OITAVA SÉRIE
A filosofia	A filosofia	A filosofia	A filosofia	A filosofia	A filosofia	A filosofia	A filosofia
A amizade	O namoro	A sexualidade	As drogas	A sexualidade	A sexualidade	A sexualidade	A sexualidade
A alegria	A violência	A amizade	A sexualidade	A violência	As drogas	A amizade	As drogas
A brincadeira	A sexualidade	O amor	O namoro	O amor	A violência	As drogas	A música
A verdade	A amizade	A família	A violência	A percepção	O amor	A violência	A violência
A violência	A paz	Os vícios	O amor	A vontade	A adolescência	O namoro	O aborto
A vida	A alegria	A razão	A amizade	A responsabilidade	O mundo	O amor	A felicidade
A natureza	A natureza	A consciência	As paixões	Os vícios	A música	A morte	O namoro
A família	As drogas	As paixões	A saúde	A ilusão	O espiritualismo	O preconceito	A adolescência
O amor	O preconceito	A verdade	A família	O preconceito	A existência	A democracia	A resposta
O namoro	A educação	O homem	A arte	A ignorância	A morte	O saber	A amizade
O medo	A máquina	A ecologia	O homem	A sabedoria	O poder	A juventude	O saber
A máquina	A música	A educação	O preconceito	As virtudes	O inconsciente	A arte	As paixões
A paz	A brincadeira		A ecologia	Os valores	A religião	A vida	O prazer
			A felicidade	A história	Hist. da filosofia	O medo	O desejo
				A cultura		A liberdade	A arte
				Hist. da filosofia		O trabalho	A ciência
						A linguagem	A tecnologia
						A sociedade	O trabalho
						A política	O lazer
						Hist. da filosofia	A justiça
							O estado
							Hist. da filosofia

Fonte: Relatório do Departamento de Filosofia da Secretaria Municipal de Educação após encontro com os professores e o Centro Brasileiro de Filosofia de Santa Catarina, 2002.

Este Quadro foi elaborado pelo Departamento de Filosofia com o intuito de construir um currículo básico a ser seguido como fio condutor das aulas de Filosofia, uma tentativa tanto do Centro de Filosofia como da prefeitura de responder às críticas de várias frentes ao projeto; entre estas, a necessidade de construir um currículo básico para orientar os professores e as escolas.

3.2 APOIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA AS AULAS DE FILOSOFIA

É urgente reconstruir conhecimento para desfazer os males do próprio conhecimento. (RIFKIN, 1996, p. 17).

Parece inegável o esforço do município de São José em atender às demandas sociais e educacionais seguindo as orientações da LDB vigentes na década desta pesquisa, mas igualmente a estas envolvem interesses orçamentários que influenciam as escolhas da rede.

O impacto causado nos educadores e especialistas educacionais acerca da orientação da LDB para o ensino de Filosofia que vinculou a disciplina ao conceito de Ética definiu que esta tem como função o “Aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (art. 35, Inciso III). Isto, segundo a lei, é possível por meio do preparo do aluno para a cidadania, a boa convivência, a solidariedade, o espírito de ajuda mútua, a criatividade, a qualificação para o trabalho e a adaptação para que ele consiga viver em um mundo de rápida e contínua transformação.

Com a publicação, vimos a necessidade da construção de um documento que pudesse subsidiar a organização dos currículos das escolas e orientar o ensino das áreas do conhecimento - campo das três grandes áreas, conforme os

princípios contidos na atual LDB. Para isso, foram elaborados e publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio, que tomaram como ponto de partida os valores do respeito ao bem comum, à ordem democrática e aos que reforçam os vínculos da família, de solidariedade humana e de tolerância às diferenças existentes na sociedade.

Consideramos que essa transformação é possível mediante um currículo que contemple o ensino de valores morais, atendendo, desse modo, aos princípios presentes no relatório de Jacques Delors¹¹. Cabe ao ensino de Filosofia, segundo a LDB e o PCNEM, contribuir para esse tipo de formação tornando possível aos sujeitos o pleno exercício da cidadania.

Assim, a Filosofia é apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio como tema transversal, e seu ensino é voltado às discussões

¹¹ O livro **Educação: um Tesouro a Descobrir**, sob a coordenação de Jacques Delors, aborda de forma bastante didática e com muita propriedade os quatro pilares de uma educação para o século XXI, associando-os e identificando-os com algumas máximas da Pedagogia prospectiva, e subsidia o trabalho de pessoas comprometidas a buscar uma educação de qualidade. Diz o texto na página 89: “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele”. Segundo Delors, a prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que serão para cada indivíduo os pilares do conhecimento: **aprender a conhecer** indica o interesse, a abertura para o conhecimento, que verdadeiramente liberta da ignorância; **aprender a fazer** mostra a coragem de executar, de correr riscos, de errar mesmo na busca de acertar; **aprender a conviver** traz o desafio da convivência que apresenta o respeito a todos e o exercício de fraternidade como caminho do entendimento; e, finalmente, **aprender a ser**, que, talvez, seja o mais importante por explicitar o papel do cidadão e o objetivo de viver.

referentes à Ética, devendo ser trabalhada por todas as áreas do conhecimento.

Frente a estas orientações, a rede municipal de São José vê no Projeto "Educar para o Pensar" uma alternativa para atender a estas exigências e assim como outros muitos municípios brasileiros.

Com isto, traz a discussão sobre uma Filosofia que contém dispositivos que servem para manter a sociedade tal como ela está.

Conforme nos traz Pedro Demo (1997),

A nova LDB, na verdade, não é inovadora, em termos do que seriam os desafios modernos da educação. Introduce componentes interessantes, alguns atualizados, mas, no todo, predomina a visão tradicional, para não dizer tradicionalista. A lei reflete, aí, nada mais do que a letargia nacional nesse campo, que impede perceber o quanto as oportunidades de desenvolvimento dependem da qualidade educativa da população, como tática de manutenção do *status quo*. (DEMO, 1997, p. 67).

Ao longo desta década, diversas experiências foram realizadas e de fato praticar o ensino de Filosofia, a partir de uma concepção teórico-crítica, não foi fácil e por este motivo o projeto "Educar para o Pensar" e a disciplina de Filosofia servem de vínculo epistemológico de uma proposta que traz em suas bases e práticas pedagógicas um movimento interdisciplinar de acordo com as indicações da LDB.

Uma disciplina com vínculo ativo deve ser uma prática de todos os professores, e não somente do professor de Filosofia. Portanto, podemos até dizer, sem o compromisso de fazer dessa afirmação uma verdade absoluta, que o projeto "Educação para o Pensar" influenciado pela LDB interpreta o ensino de Filosofia como base interdisciplinar e vê no projeto "Educar para o Pensar" uma dupla possibilidade de atender às

exigências da lei: a primeira de oferecer o ensino interdisciplinar e a segunda de oferecer a formação de professores com a Assessoria do Centro de Filosofia "Educação para o Pensar".

Assim afirma Edgar Morin (1995):

Saber pensar não é algo que se obtém por técnica, receita ou método. Saber pensar não é só aplicar a lógica e a verificação aos dados da experiência. Precisamos, pois, compreender que regras, que princípios regem o pensamento que nos faz organizar o real, isto é, selecionar, privilegiar certos dados, eliminar, subalternizar outros. Precisamos adivinhar a que impulsos obscuros, a que necessidades de nosso ser, a que idiosincrasia de nosso espírito obedece ou responde aquilo que consideramos como verdade. Em uma palavra, saber pensar significa, indissociavelmente, saber pensar o seu próprio pensamento. Precisamos pensar-nos ao pensar, conhecer-nos ao conhecer. É essa existência reflexiva fundamental, que não é só a do filósofo profissional e não deve estender-se apenas ao homem da ciência, mas deve ser a de cada um e de todos. (MORIN, 1995, p. 11).

Fica evidenciado nas escolhas e nos teóricos escolhido de que a uma ênfase ao social e o respeito as diferenças de classe e culturas. O projeto pode até abordar temas sobre a história da filosofia (ética, liberdade, cidadania etc.), mas deixa em segundo plano os conceitos filosóficos presentes nos textos clássicos da filosofia. Ou seja, o ensino avança no domínio de novos instrumentos, novas práticas, porém não ultrapassa a prática empírica.

O projeto implantado pela rede municipal de São José avançou no trabalho interdisciplinar realizado, como podemos conferir no relato de projetos realizados nas unidades educativas, mas sofreu o que podemos chamar de esvaziamento

dos conteúdos de Filosofia, mantendo o aluno nos limites de sua cotidianidade, tolerando, respeitando, obedecendo, mantendo a sua realidade sem que compreendam as origens deste comportamento, seus limites e as consequências que estes trazem para a sua realidade de vida e de pensamento.

Analisando o relato dos projetos realizados e os depoimentos dos alunos registrados nestes, notamos que a cultura do pensar está ligada ao eixo interdisciplinar e que o pensar filosófico está em segundo plano, seguindo as bases teóricas do projeto "Educar para o Pensar", as quais priorizam o método em detrimento dos conteúdos e não tem nem de longe o objetivo da transformação social. Tal cultura do pensar é revelada de forma distorcida e com uma teoria frágil a proposta de projetos interdisciplinares no Ensino Fundamental I.

Na escola que analisamos (o CEMIA), os projetos são socializados por meio da **Série Pedagógica**, revista organizada por algumas unidades escolares para socializar o relato dos professores acerca dos assuntos pesquisados e trabalhados nos projetos, utilizam um assunto norteador vinculado aos assuntos de ética, cidadania etc.

Na Introdução, podemos confirmar a crença pedagógica da unidade escolar, que traduz a cultura escolar produzida por meio do projeto institucional "Educar para o Pensar" e suas indicações na Proposta Curricular do município influenciada pela LDB:

Conhecer o espaço que o cerca e todas as peculiaridades que o compõem permite ao indivíduo clareza nas suas tomadas de decisões e postura diante dos problemas que por ventura possam surgir, além de uma consciência e um provável domínio na prevenção de dificuldades futuras, surgidas ou provocadas em virtude de atitudes mal planejadas. Saber que as partes compõem o todo e que cada planeta, sentindo-se parte dele, fazendo assim com que seja

possível desenvolver um comprometimento com a vida – biológica, social, cultural e econômica. Sendo assim, no início do ano, reuniram-se todos os professores, especialistas e equipe diretiva, definindo como eixo central o tema (Bio)diversidade – Paz e sustentabilidade do planeta que nortearam as ações dos projetos de 2009, dando continuidade em 2010. Os projetos foram organizados com a possibilidade de adequação temática com conteúdos programáticos de cada disciplina e série, buscando a fundamentação dos trabalhos nos conhecimentos científicos e formação social. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2010, p. 7).

Os relatos que analisamos foram produzidos para a revista **Socialização de Projetos Pedagógicos** (2010):

Projeto 1 (1º ano do Ensino Fundamental - Brinquedos e brincadeiras)

O desenvolvimento deste se fundamentou na metodologia sociointeracionista, preconizada pela Proposta Curricular de São José, por meio de atividades contextualizadas e interdisciplinares. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2010, p. 8).

As práticas deste projeto demonstram uma prática do brincar e orientar as crianças sobre as informações culturais produzidas acerca destes. Em nenhum momento é refletido sobre as concepções de gênero e a ideologia consumista como nos indica a teoria crítica e o manual teórico do município, em que a atividade com a boneca não avança para o pensar reflexivo serve somente como instrumento exploratório e lúdico. Registramos o relato:

Dentro do contexto do projeto, o primeiro ano B, contou com um novo elemento: a boneca Duda. A boneca veio para contribuir com a alfabetização e foi uma alegria quando chegou a sala. Logo foi escolhido o nome dela, entre os vários citados. Agora, Duda nos acompanha durante as aulas e no fim de semana passeia na casa de algum colega de sala [...]. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2010, p. 13).

Podemos avaliar que este projeto está de acordo com os ideais do Projeto “Educar para pensar” e também com bases em Lipman, valorizando o mundo lúdico e a infância mantendo viva esta dimensão na experiência humana entrando em diálogo com o seu mundo, o mundo do brincar, das brincadeiras infantis.

Ao elaborar e planejar este projeto, a professora e a equipe pedagógica tiveram em suas bases teóricas a valorização da infância, e a Filosofia contribuiu para este pensar tendo em vista que o projeto "Educar para o Pensar" ressalta a importância de que

A Filosofia pode contribuir para pensar a infância, para problematizar o seu espaço, para fazer-nos algumas perguntas sobre todas nossas obviedades em torno delas. A filosofia tem algo a dizer para nos relacionarmos de uma outra forma com esse outro que para nós, adultos, é a infância. (KOHAN, 1999, p. 12).

Projeto 2 (2º ano do Ensino Fundamental - Cantando também se aprende)

É possível percebermos o desejo interdisciplinar das professoras com a música, e a partir de diferentes canções realizam atividades que abordam os conteúdos do currículo como, alfabetização, letramento, dando ênfase a materiais

recicláveis, porém os questionamentos para além da música não aparecem. Desse modo, novamente, a *práxis* é orientada para a Ética, e não para uma reflexão filosófica transformadora como expresso na canção “A casa”, de Vinícius de Moraes.

Os questionamentos perpassam os tipos, o desenho e o que tem dentro da casa, ou seja, assuntos cotidianos que não revelam o questionamento reflexivo da situação social e/ou de condições estruturais das diferentes realidades das crianças. Trecho do relato:

A primeira canção trabalhada foi “A casa de Vinícius de Moraes”. A partir desta, interpretou-se a letra, que, segundo uma aluna do 2º ano F, a casa em questão fica na barriga de nossa mãe. Também foi destacada a estruturação das palavras e, através do alfabeto móvel, analisaram o número de letras, os fonemas e as sílabas e, de um modo geral, a construção do texto em versos, estrofes e os pares de rimas. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2010, p. 18).

Observamos que ao caráter interdisciplinar com as linguagens matemáticas, gramaticais e de alfabetização é dada a oportunidade para que as relações acerca das implicações políticas e sociais respeitem o universo infantil e as experiências de vida de cada um agregando a esta prática, ou seja, cada criança a partir de sua individualidade e realidade social tem uma ação dialética a partir de seus contextos. Como ressalta a Proposta Curricular do Município de São José (2010), “Os temas devem contemplar o interesse dos alunos, tornando a 'sua realidade' um campo de problematizações”. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2010, p. 191).

Projeto 3 (3º ano do Ensino Fundamental - Identificando o nosso município)

Ressaltamos a seguinte epígrafe

Estudar o município é importante e necessário, à medida em que ele está desenvolvendo o processo de conhecimento e de crítica da realidade que está vivendo, ali estão o espaço e o tempo delimitados, permitindo a análise de todos os aspectos de complexidade do lugar [...]. (CALLAI, 1999).

No trecho escolhido pela professora Helena Callai (1999), há uma pista de algo que ela desejava fazer com o projeto, porém no decorrer do relato não foi possível identificarmos a análise de todos os aspectos, e sim de continuidades sobre a história do município: as crianças aprenderam o hino, desenharam a bandeira, listaram os bairros, construíram maquetes com caixas de leite etc., mas em nenhum momento são registradas reflexões e/ou perguntas sobre eles.

No depoimento das crianças sobre o que aprenderam, identificamos os sentidos dados pelos assuntos trabalhados e o caminho de doutrinação trilhado:

Apreendi que a bandeira faz parte do nosso município (Julia).

A gente viu os símbolos do município e que é preciso respeitar (Lucas).

Ao se referirem aos bairros e respondendo à pergunta da professora sobre o que faltava nos bairros onde moravam e o que era necessário para melhorar a condição de vida deles, as crianças concluíram que:

É tudo igual, são os mesmos problemas (Lucas).

Tem muita falta de educação no trânsito (Lúcia).
É preciso bom ensino nas escolas (Hygor).

Revelando o senso comum dos alunos em relação aos problemas atuais, a abordagem realizada neste projeto não passou de coleta de dados e informações. Baseada na proposta interdisciplinar, a professora não se dá conta que assuntos fundamentais da realidade do município não foram trabalhados, e afirmamos que não se dá conta. Ela revela isto no trecho que conclui o relato: “Sendo assim, o objetivo que era fazer com que os alunos tivessem uma compreensão por inteiro do seu município, foi notoriamente alcançado”. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2010, p. 31).

O projeto reuniu diferentes conteúdos de português, artes, matemática, repassou as ideias prontas sobre a história do município, mas em nenhum momento provocou uma reflexão acerca dos movimentos sociais ocorridos no município e/ou quais os direitos que os cidadãos josefenses têm como sujeitos: direito à educação de qualidade, à saúde e ao atendimento, à democracia e ao movimento da qualidade de vida, lazer, segurança etc. Cabe perguntarmos então: se é assim, que papel resta à teoria, ao pensamento e à filosofia no processo de transformação social essência do pensar e da disciplina de Filosofia?

Projeto 4 (4º ano do Ensino Fundamental - Um novo olhar sobre as raízes africanas no Brasil)

A pergunta lançada para a turma foi “Quais as contribuições da África para o povo brasileiro?”. Para respondê-la, as professoras organizaram diferentes estratégias pedagógicas (livros, depoimentos, conexão com a Copa que aconteceria no ano do projeto, estudo das bandeiras, pesquisa para casa) e ressaltam:

O trabalho pedagógico se desenvolverá a partir de estudos interdisciplinares, que incluem conceitos fundamentados no campo da literatura, história, geografia, ciências, comunicação e artes, a fim de identificar as influências que permeiam a cultura brasileira, advindas da diversidade étnica e cultural do continente africano. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2010, p. 32).

As produções das crianças acerca da sensibilização e o contato com a história dos negros se deram pela via da saga da escravidão elucidada pelas poesias, pela religião a partir do candomblé, dos países africanos que estavam participando da Copa do Mundo em 2010 e da releitura do livro **Ilê Aiê**: um diário imaginário de um angolano, de Francisco Marques. Na releitura realizada, as crianças produziram desenhos e texto poético.

Segundo relato das professoras, o livro foi concluído com sucesso, o que podemos observar nos seguintes depoimentos:

Foi muito legal. Aprendi coisas que podem me ajudar no futuro. Aprendi coisas importantes sobre a vida dos negros. Tirei minhas dúvidas e conclusões. (Lucas, 4ª série 42)

Eu sinceramente aprendi o que os negros passavam desde a saída da África até a chegada no Brasil. Eu senti muita emoção. (Marcela, 4ª série 42).

O nosso livro **Ilê Aiê** é muito interessante. Porque todos que lerem e tiverem preconceito vão deixar de ter. Fala como os negros escravos há muitos anos foram maltratados. Não só os negros, pessoas brancas também. (Amanda, 4ª série 44).

Os escravos eram muito guerreiros, pois mesmo apanhando, não perdiam a esperança de viver

livre e de tanta esperança conseguiram. Mas tiveram que lutar. (Vinicius, 4ª série 44).
Os africanos trouxeram para o Brasil o samba. (aluno).

Isso demonstra que, apesar da boa intenção das professoras em promover a reflexão sobre o assunto, a forma como o processo foi conduzido e os assuntos que elegeram como prioridade pode muitas vezes acabar reproduzindo e reforçando, sem qualquer questionamento crítico, valores e noções preconcebidos (neste caso, o senso comum acerca da visão de negro, africano, escravo, coitado, mártir, futebol, candomblé e samba reproduzindo a mesma história, a mesma fala construída desde o fim da escravidão).

Como resultado do trabalho, as professoras destacam a poesia da aluna Cameron e destacam um progresso significativo a partir da apropriação de conceitos relacionados à cultura africana, pois em outros tempos era pouco pesquisada e ressaltam que na poesia escolhida para representar esta aprendizagem “aparecem” informações, como o preconceito, a racionalidade e a valorização cultural.

Quadro 5 - Poesia da aluna Cameron Lima Ventura da Silva

<p style="text-align: center;">O lugar onde vivo No lugar onde vivo Tem felicidade todos os dias. Somos unidos Para festejar e dançar No bairro onde vivo Tem compaixão e alegria E festa todo o dia. Somos uma família de Culturas diferentes, Na nossa família tem: Descendente de africanos, japonês, espanhol e italiano. No lugar onde vivo Não tem preconceito Todos são irmãos e unidos.</p>	<p style="text-align: center;">Em São José, São todos iguais, Principalmente nas escolas. Na minha sala Tem também descendente de judeu. O lugar onde vivo é assim... E o lugar onde você vive, É assim também, Todos unidos como uma família, Que se une até nas horas difíceis, Você é uma sortuda igual a mim.</p> <p style="text-align: center;">Autora: <i>Cameron Lima Ventura da Silva</i> <i>Afrodescendente - 4ª série</i></p>
--	---

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ (2010).

A poesia nos revela uma cultura do pensar romântica a qual a criança se apropria de um mundo que existe somente no mundo das ideias e não na vida real, típica de uma tradição filosófica hegemônica e que não chega sequer a ser explicitada e muito menos problematizada na discussão, ao contrário: é colocada no relato como modelo do ensino produzido nos alunos, reproduzindo e reforçando, sem qualquer questionamento crítico, valores e noções preconcebidos socialmente.

Precisamos reconhecer, no entanto, como relata Trentim (2001) que independentemente da vontade ou da consciência do professor já existe uma doutrinação pensando sobre a criança e também sobre ele, professor, e o seu silêncio em relação a isso contribui apenas para dissimulá-la, legitimá-la e reforçá-la. Desse modo, com o pretexto de não doutrinar, o professor acaba consentindo a continuidade da doutrinação em curso, na medida em que tem a oportunidade de refletir, de

investigar, de influenciar e não o fazer doutrina e ensinar a doutrinar. Na verdade, nós “endoutrinamos” os alunos tanto pelo nosso silêncio como pela nossa palavra, porque “[...] quando um professor não 'endoutrina' um aluno, ele deixa todo o lugar à ideologia dominante, a ideologia dos *media*, dos jornais de grande tiragem [...]. Não há possibilidade de escapar do 'endoutrinamento’”. (SNYDERS, 1984, p. 30).

Tanto a filosofia sem a prática quanto está sem a filosofia são alternativas inadequadas. Uma sem a outra dá um sentido ilusório de aprendizagem reflexiva e deixam de oferecer os conteúdos essenciais capazes de provocar no aluno as condições para análise crítica, que é a função do ensino de Filosofia, ou seja, instrumentos simbólicos com os quais o aluno pode refletir e analisar os objetos e fenômenos presentes em seu cotidiano para além das suas aparências.

A partir desta reflexão, percebemos uma contrariedade de ideias nas diferentes fontes teóricas divulgadas pela instituição da rede municipal de São José: a miscelânea teórica que encontramos nos diferentes documentos analisados e na rotatividade de professores acarreta uma lacuna, um esvaziamento de uma possível cultura do pensar reflexivo e transformador. Ou seja, as teorias produzidas e indicadas aos professores sobre o Projeto “Educar para o pensar” têm suas bases no programa de Lipman, e a assessoria do Centro de Filosofia “Educação para o Pensar” e a sua leitura da prática “interdisciplinar” (divulgada nas formações de professores como prática positiva e inovadora no campo da educação para o pensar e as orientações da LDB) contribuíram para construir uma cultura do pensar que distancia os alunos e os professores da capacidade de análise crítica, como requerida numa formação filosófica *stricto sensu* e, portanto, de transformação social. Tal cultura produziu nos professores uma concepção interdisciplinar romântica, na qual o professor é colocado como fonte de informação, reproduzindo uma metodologia de

projetos diretiva, com atividades prontas que atendem a respostas socialmente concebidas.

No entanto, sabemos que são inegáveis o empenho, o compromisso e o desejo que os professores e os especialistas da rede têm com a qualidade da educação oferecida. A este respeito, George Snyders (1984) traz uma contribuição. Para ele, o sonho de muitos professores de “criar simplesmente condições favoráveis ao desenvolvimento dos alunos” (SNYDERS, 1984, p. 29) sem, contudo, interferir nesse desenvolvimento é uma ilusão, já que há de reconhecê-lo.

Os nossos silêncios falam quase tanto como as nossas palavras. A voz do professor não é a única e nem a mais fortemente ouvida pelas crianças. Buscando compreender e superar tais culturas que se apropriam e doutrinam em um país, uma escola, uma rede, uma sociedade é o objetivo maior da pesquisa em educação.

O ensino oferecido neste projeto, portanto, está vinculado à ideia de que “com a função de instruir e adaptar, preparando a inteligência para resolver problemas concretos de uma realidade circunscrita às necessidades primárias de sobrevivência” (MARTINS, 2006, p. 55), e esta é uma função desnecessária para a formação escolar uma vez que, como comenta Martins (Idem),

[...] O homem já nasce inserido em sua cotidianidade, e seu desenvolvimento primário identifica-se com a aquisição das habilidades e conhecimentos necessários para vivê-la por si mesmo. Porém, a máxima humanização dos indivíduos pressupõe a apropriação de formas de elevação acima de sua vida cotidiana, e nessa elevação, a formação escolar exerce um papel insubstituível. (MARTINS, 2006, p. 53).

Quando afirmamos que os conceitos filosóficos são fundamentais para que este aluno possa pensar para além do seu cotidiano, tratamos do desejo de ter cidadãos críticos e que

possam pensar por si só e não influenciados pelo sistema e as condições modernas. Assim como afirma Horn (2002), este ensino pautado em temáticas extraídas do cotidiano do aluno sem estabelecer qualquer articulação com os conteúdos filosóficos propriamente ditos têm promovido experiências pouco filosóficas.

Analisando este contexto recheado de práticas pedagógicas, destacamos a apropriação da ideia interdisciplinar por parte dos professores do Ensino Fundamental na rede municipal de São José durante os anos 2000 até 2010. A essência interdisciplinar difundida fortemente a partir do projeto "Educar para o Pensar" e as novas exigências da LDB é revelada nas práticas escolares por meio dos projetos interdisciplinares realizados.

A escola reproduz literalmente a ideia de pesquisar o cotidiano incluindo o conceito de ética indicando, neste caso, uma pesquisa fundamentada em conceitos de cidadania, paz e sustentabilidade e assume no conteúdo e na forma uma postura interdisciplinar.

3.3 UMA AVALIAÇÃO SOBRE A CULTURA ESCOLAR NO ÂMBITO DO PROJETO "EDUCAR PARA O PENSAR"

Os planejamentos nos revelam a concepção filosófica da rede, bem como o desejo de realizar um trabalho interdisciplinar. A partir dos conteúdos elencados pelo Departamento de Filosofia da rede municipal de São José, os professores elaboram o planejamento e definem os conteúdos que serão trabalhados durante o ano letivo.

Nos planejamentos escolares analisados da escola CEMIA, identificamos a inspiração nos conteúdos indicados. No que diz respeito ao objetivo dos temas, percebemos uma fundamentação claramente normativa da proposta de Matthew Lipmann. A elaboração do planejamento parte de quatro

conceitos: filosofia, investigação, diálogo e educação democrática, bem como indica Lipman. Os conteúdos seguem esta lógica.

Segundo o autor (ano), a filosofia é feita quando se praticam regras que se definem pelos parâmetros lógicos e metacognitivos de um diálogo ou uma investigação. Lipman (1990) identifica como filosóficas as perguntas que questionam um tema comum (que tenha a ver com todos os seres humanos, e não apenas com alguns poucos, que tenha a ver com a "humanidade" dos seres humanos), vislumbra uma idéia central (que despreze detalhes ou particularidades sem maior significado, e coloque questões de importância para a vida, tais como: liberdade, vida, morte, amizade) ou controverso (capaz de gerar uma polêmica nunca esgotada pela investigação).

Na disciplina de Filosofia do Ensino Fundamental, os planejamentos registram em seu objetivo geral o desejo de construir uma comunidade de aprendizagem seguindo o ideal de Lipman. Podemos confirmar isso ao citar o objetivo geral do planejamento anual da professora de Filosofia do 2º ano (2006):

Desencadear situações em que os alunos sintam-se coautores para construir ideias sobre o mundo, sobre si mesmos e os outros, buscando que pensem, reflitam e tenham ações coletivas (= *práxis* filosófica) dentro da comunidade de aprendizagem investigativa que queremos seja construída em sala de aula em todos os momentos da aprendizagem escolar. (Objetivo geral do planejamento da professora I, 2006).

Assim, percebemos que a cultura proposta por Lipman estava presente dentro da escola e a encontramos nos detalhes dos planejamentos, tanto nos objetivos esperados pela professora quanto na estrutura e na organização dos textos. Os conteúdos elencados no planejamento da disciplina de Filosofia

do Ensino Fundamental revelam os conceitos e as categorias do programa indicado que de fato as professoras estivessem seguindo os preceitos dos livros didáticos vinculados ao programa “Filosofia para crianças”. Os textos da professora contempla os seguintes princípios do programa:

Filosofia: “filosofia e filosofar”; Investigação: "o ser humano e a natureza animal e vegetal"; Diálogo: "ideias e ideias"; Educação democrática: "o orgulho nacional e individual". (Planejamento anual, arquivo CEMIA, 2006).

As estratégias escolhidas nos planejamentos que analisamos ressaltam a participação dos alunos no diálogo e na pesquisa. Parece aproximar-se da cultura do pensar por procedimentos lógicos, articulados aos procedimentos de sintaxe, levando-nos a acreditar que as crianças precisam de regras lógicas para aprimorar o desenvolvimento linguístico (consequentemente, o raciocínio. O que o programa não dá indicativos de que a linguagem também é um produto da *práxis* social, ou seja, socialmente determinada não de forma mecânica, mas dialética, o que lhe confere, de certo modo, um caráter ideológico e de classe.

As referências bibliográficas indicam que os materiais didáticos publicados pela editora Sophos: “O menino e a caboré”, “Minha História no quintal” e “Novo espaço filosófico criativo” são de autoria do professor Silvio Wonsovicz, responsável pela assessoria e formação de professores durante a implantação do projeto.

No livro “O Menino e a Caboré, a organização dos conteúdos básicos elencados para o ano letivo dividida em bimestres revela a intencionalidade da professora e a adequação teórico- metodológica com o projeto "Educar para o Pensar", como podemos ler em seguida: 1º bimestre: a filosofia e o filosofar; a curiosidade como instrumento de saber; a razão e as habilidades de raciocínio. 2º bimestre: os sonhos; a

linguagem e os símbolos; a consciência. 3º bimestre: a pátria; as emoções; os vícios; a família. 4º bimestre: o homem e as plantas; o homem e os animais.

Assim, embora se reconheça que os materiais sejam indutores de possíveis reflexões, mas ao restringir a investigação apenas aos assuntos “filosóficos” catalogados no livro, de antemão acaba por compartimentar e empobrecer os assuntos, que, se tratados em outras abordagens, como a leitura e interpretação dialética seriam essencialmente criadoras.

Nos planejamentos que pesquisamos, foi dada ênfase aos conteúdos interdisciplinares ou transdisciplinares: meio ambiente, família, linguagem, drogas, valores, alimentação saudável, entre outros, tendo sido deixados num segundo plano os assuntos da tradição filosófica. Isto nos leva a acreditar que este planejamento não garante que o ensino da filosofia propriamente seja efetivado, e sim os demais temas, talvez abordados numa perspectiva mais analítica. A linguagem e superficialidade dos conteúdos indicados no livro impede que seja garantida a sua adequada apropriação pelos alunos. Para essa superficialidade, contribui, aliás, a não exigência de formação filosófica do professor, pois o professor apenas seguirá o manual, ainda que acompanhado pelo coordenador do projeto, conforme indica o relatório apresentado.

A materialidade expressa nestes planejamentos nos permitiu a aproximação dos conteúdos e das práticas na escola CEMIA, enquanto formas de utilização de um dispositivo pedagógico e características mais voltadas à aplicação em sala, ou seja, a implantação conforme os vestígios das apropriações dos professores acerca da teoria do programa “Filosofia para crianças” e a reprodução deste no Projeto “Educar para o Pensar”.

Confiando, pois, na potencialidade desses vestígios (THOMPSON, 1998) pretendemos levantar outras marcas do passado da escola para, por meio da decifração destes registros, entrever pistas para análises posteriores. Assim, na tentativa de

revelar mais vestígios, analisamos novamente os relatos orais dos professores das séries iniciais. Quando interrogamos a eles sobre as práticas realizadas e as continuidades do projeto "Educar para o Pensar", o professor I da 2ª série destaca a personagem "Coruja Filó", personagem que marcou, segundo ele, a identidade do programa e ficou como memória do sucesso do projeto.

Tal prática foi vivenciada por ele nos anos de 2004 a 2006:

Todo o início do ano nas aulas de Filosofia a coruja estava lá e até hoje é assim: os professores de Filosofia confeccionam um fantoche e despertam a curiosidade das crianças sobre por que a coruja é o símbolo da filosofia, promovendo o diálogo, levantando hipóteses sobre as corujinhas, pesquisando sobre corujas e conhecendo o texto paradidático. A Coruja Filó representa a reflexão noturna, e o galo Fi, a reflexão matutina. (Relato professor CEMIA, 2013).

Quanto ao aspecto dos vestígios, este relato nos remete ao conceito de critérios, ao seguimento de modelos prontos, à restrição de investigação e ao estímulo da criatividade.

A professora II relembra:

Tinha coruja de todas as cores e formas, ficavam decorando as salas, no quadro negro, nos corredores, elas estavam sempre por lá. De fato, a personagem marcou como um símbolo do projeto e da disciplina. Estava no CEMIA e também no Solemar, outra escola que ministrei aulas entre os anos 2003 e 2009. (Relato professora CEMIA, 2013).

A atividade relatada e que ficou na memória destes professores segue a prescrição feita no manual para o professor

e tem como objetivo refletir sobre os símbolos e sinais. A coruja é um símbolo valorizado nas atividades, uma vez que é também a logomarca do Centro.

Nesta atividade, fica-nos evidente que os professores passam a desempenhar a função de aplicar atividades, acompanhar e controlar o desempenho dos alunos, atuando como facilitadores e orientadores das discussões previamente previstas, denunciando um diretivismo pedagógico e uma desvalorização da função e da competência filosófica do professor.

No trecho a seguir retirado do planejamento, mostraremos o passo a passo para a aula inaugural de Filosofia, sugerido pelo Centro de Filosofia "Educação para o Pensar":

SUGESTÕES PARA AULA INAUGURAL

Providenciar dois bonecos (podem ser fantoches) que representem a Sofia e o Filo. Organizar uma brincadeira, tipo caça ao tesouro, para que as crianças encontrem os dois. Fazer uma leitura da capa levantando hipóteses sobre os personagens que nela aparecem buscando relações com os bonecos encontrados na brincadeira. Levantar hipóteses sobre as corujinhas que ilustram a capa. Refletir sobre a frase da contracapa. Os bonecos serão usados nas aulas seguintes, nas dinâmicas de apresentação, por exemplo, e poderão ficar sempre em sala de aula lembrando a importância do bem pensar. (Plano de curso filosófico pedagógico. Vamos filosofar? (Texto informativo do livro **A coruja Filó**).

Tal prática é também relatada na dissertação de Thomal (2004, p. 64) enquanto observação do acompanhamento da comunidade de investigação:

O professor chega na classe, os alunos estão todos ansiosos. Ele com sua parafernália (saco verde na mão, livros, porta-giz, que é também um apagador), cumprimenta os alunos. Coloca a mão no saco discretamente e tira o fantoche de uma coruja e com voz alterada manipula o fantoche cumprimentando as crianças. A coruja (fantoche) retoma o assunto que foi discutido nas aulas anteriores. As crianças respondem em coro, algumas perguntam e outras só respondem. Por exemplo:

Coruja – Bom dia!

Crianças – Bom dia!

Coruja – Dormiram bem esta noite?

Crianças – Dormimos.

Coruja – Quem se lembra do que falamos na última aula de filosofia?

Marco, Sabrina, Selma e Renato falam ao mesmo tempo:

Selma – Eu sei.

Renato – É sobre a minha carteira.

Sabrina – Não é carteira, é identidade.

Marco – Eu me desenhei na folha.

Coruja – Muito bem, mas vamos, lembram...

Renato – Coruja?

Coruja – Fala, Renato!

Renato – A professora nesta semana falou da carteira de identidade e nós fizemos uma. Eu até já colei a minha fotografia.

Cleber – Meu pai plastificou a minha. Olha aqui.

Coruja – Ótimo! A professora fez um belo trabalho.

O professor aproveita para fazer um exercício de levantamento de hipóteses com as crianças.

Coruja – Se Selma fez pela primeira vez a carteira de identidade isto significa que ontem ela...

Marcelo – Foi fazer a carteira!

Cris – Significa que ontem ela não tinha.

Coruja – Genilson tem uma identidade nova. Isto significa ...

Renato – Que ele já tinha outra identidade.
Lucas – Que ele perdeu sua identidade e precisou tirar outra.
Augusto – Mas nós só fazemos outra identidade quando perdemos?
Professor – Boa pergunta, nós já vimos sobre isto. Quem se lembra?
(Cinco alunos disputam a vez para falar e falam ao mesmo tempo).
Coruja – Não entendi nada. Todos estão falando ao mesmo tempo. Lembram a regra nº 1?
Renato começa falar – É que tiramos a identidade.
Marli – É só o Renato que fala! Eu também sei...
Coruja – Renato, vamos deixar a Marli falar agora, tá? Então fala, Marli.
Marli – Podemos tirar a carteira quando criança, mas quando crescemos temos que tirar novamente.
Professor – E agora prestem atenção! João Paulo é brasileiro, ele tem identidade. Cláudia é brasileira e tem identidade. Milena é brasileira, ela tem identidade?
Lucas – Ela tem identidade, sim.
Marli – Mas ela pede não ter identidade e ser brasileira como eu.
Fábio – Eu sou brasileiro e não tenho também ainda identidade.

Acreditamos que este diálogo não se construiu de um momento para o outro. Isto foi construído com alunos e professores. Isto prova que em outras aulas discorreram sobre outros assuntos, mas com a mesma metodologia: espaço para falar, liberdade de expressão, pouca interferência, mas com monitoração do professor, seja por ele ou por um personagem. A didática aplicada fica na criatividade de cada um.

Por isso, não raro encontrarmos classes mais desinibidas, outras mais retraídas: isso é devido à dinâmica do(a) professor(a). Há uma variação muito grande entre as

turmas e de professor para professor. Mas, como demonstramos na análise feita pelo coordenador do projeto (THOMAL, 2004), há uma crença pedagógica e as práticas indicadas por Lipman, são lidas neste contexto como ideais.

Nas turmas que tal prática não “funciona” é porque o professor não está aplicando corretamente. A nosso ver, no relato da prática da coruja, não há “postura crítica” nem pensamento crítico, que na realidade deveriam elucidar a essência da definição de filosofia. O professor-modelo atende ao perfil de professor esperado, colocado em pé de igualdade com a turma.

Atentamos ao fato de que este trabalho requer um professor que tenha a capacidade de utilizar corretamente a metodologia e o material didático adotado, além de certo conjunto de habilidades necessárias para que tenha êxito, e certas características relacionadas por Catherine Silva (1997) e também explicitadas por Silveira (2001):

A capacidade de ouvir atentamente o que as crianças dizem: saber identificar os padrões lógicos de sua narrativa e a dimensão filosófica de seus interesses, saber orientar as discussões e encorajar a criança a pensar por si mesma, ser capaz de abster-se de explicar posicionamentos filosóficos próprios, evitando assim, o risco de doutrinação, amar a disciplina que ministra, enfim, ter respeito pelas crianças e entusiasmo pela proposta. (SILVEIRA, 2001, p. 62).

Podemos inferir que o programa “Filosofia para crianças” é um programa que estimula outras habilidades e constrói uma teoria própria para o “pensar” mais próximo da construção de elementos de valores comportamentais. Ou seja, não é exigido do professor que exercite a crítica, mas tão somente seja um coordenador das atividades a serem desenvolvidas pelas crianças. Nesta prática, podemos observar a cultura que se gera em torno das crianças. A internalização

destas atitudes e posturas diante da realidade vai sendo absorvida pelos alunos, que têm respostas prontas e atendem aos estímulos desvinculados do mundo social, indicados pelos padrões de cultura já estabelecidos e que não exigem empenho criativo intelectual. Neste relato, ainda é possível perceber os rótulos generalizados de comportamento de “turmas mais tímidas” e “turmas mais desinibidas”.

Se filosofar é se envolver em diálogos investigativos e o que será investigado já foi previamente escolhido, não há possibilidade de escolha e/ou de questionamento das crianças, uma vez que todas as etapas da intervenção e ação do professor já estão decididas; cabe às crianças apenas a execução da atividade. A preocupação e a devoção com as regras da lógica retira das práticas realizadas a possibilidade de avanço cognitivo e lógico, pois não há necessidade de pensar.

A iniciativa do projeto "Educar para o Pensar" é um produto criado pela Secretaria e pelo Departamento de Filosofia de São José. Tal projeto foi apropriado pelos professores e levado para dentro das salas de aula a partir das técnicas, das orientações e dos recursos pedagógicos disponibilizados pela Secretaria, adquiridos como recurso didático pedagógico e tendo como fornecedora a editora Sophos, do Centro de Filosofia "Educação para o Pensar".

Figura 3 - Livros paradidáticos utilizados nas turmas de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental



Fonte: autora

Para construir um diálogo entre as crianças e a tradição ocidental da filosofia, em 1997, o Centro de Filosofia "Educação para o Pensar" se desvinculou do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças e lançou pela editora Sophos quatro novelas filosóficas seguindo os mesmos padrões de Lipman que apresentariam novas novelas filosóficas com uma linguagem e contexto considerados adequados para os seus leitores.

Instrumentos centrais dessa metodologia, as "novelas filosóficas" escritas por Matthew Limpan e seus colaboradores apresentam diálogos entre crianças, pais, vizinhos, professores, tentando simular situações com as quais as crianças-leitoras possam se identificar. As crianças-personagens (mascotes) representam modelos de "investigadores" que debatem questões significativas do seu cotidiano.

Para que os professores sem formação filosófica possam lidar com a proposta em sala de aula, Lipman também

elaborou manuais que propõem exercícios e planos de discussão a partir das ideias principais contidas nas novelas.

Depois de escolhidas as áreas filosóficas no planejamento, os professores receberam orientação sobre a dimensão prática e didática contemplada no mesmo material. O Ensino Fundamental I tem um encontro semanal de 45 minutos desde o início do projeto em 2000, e as novelas/cenas são trabalhadas seguindo a ordem didática, pois estão vinculadas com a ideia de lógica e construção do raciocínio lógico a partir do diálogo, da interpretação dos assuntos e da realização das atividades sugeridas no passo a passo.

Na escola CEMIA, os professores de Filosofia do Ensino Fundamental receberam o livro **O Menino e a Caboré - Filosofia no Ensino Fundamental I**, de autoria e elaboração do professor Silvio Wonsovicz, sendo inspirado¹² nos passos indicados por Lipman. O material conta a história da identificação de um menino com um animal que ele encontra em estado de abandono. O convívio com este animal o ajuda na superação de seus medos. Este livro traz em seu conteúdo orientações didáticas e metodológicas divididas por capítulos e cenas, e os tópicos divididos por ideias relevantes sobre o tema.

¹² Utilizamos o termo "inspirada", pois a obra faz uma miscelânea de ideias e orientações filosóficas sugeridas e indicadas como leitura para os professores que atuam no projeto "Educar para o pensar".

Figura 4 - Livro utilizado como recurso metodológico do 1º ao 5º ano



A história (as novelas) e as cenas são adaptadas para a realidade local, ou seja, as novelas utilizadas não são as originais traduzidas, e sim um texto inspirado nas adaptações. Isso é possível de percebermos logo no primeiro capítulo, que tem como proposta trabalhar três ideias relevantes: “1. Nome. 2. O que faz eu ser eu? 3. Morar.”

Capítulo 1 – O menino e a Caboré

Seu nome, ora, poucos sabiam, pois ele era chamado pelo apelido. Gustavo era um menino magrinho, loiro, com os cabelos espetados e meio ressecados pelo sol. Onde ele morava? Algumas vezes chegava a pensar que morava onde estava naquele exato momento. Mas a cidade era Desterro, localizada numa ilha, num certo ano. Isso parece tanto tempo... Gustavo morava num casarão antigo, nos arredores do centro da cidade, próximo de um campo cheio de capim alto e poças d'água, chamado manejo. Ali, a meninada costumava jogar o seu futebol aos domingos, uma pelada bem movimentada e cheia de brigas, empurrões e muitos tombos na lama. Ele nunca estava entre a meninada. Era um menino arredio, sem amigos, e seu apelido era Bocão, pois, por qualquer coisinha, ele abria

uma boca enorme e chorava. Colocava a boca no mundo. (WONSOVICZ, 1998, p. 29).

Os temas tomados na novela **O menino e a Caboré** não passam de pretextos para justificar o exercício das habilidades lógicas. Esse formalismo faz com que o pensar estimulado neste projeto não se constitui de fato, num pensar de ordem superior, muito menos no estímulo à criatividade e à criticidade.

A orientação para a dimensão prática é dividida em dois tipos de práticas: *Exercitando a mente (E.M.)*: exercita o uso das habilidades de raciocínio e *Trocando ideias (T.I.)*: apresenta uma série de perguntas que problematizam a questão e provocam a reestruturação do uso da linguagem por meio da discussão de conceitos das temáticas/ cenas indicadas.

As perguntas da dimensão prática estão todas elencadas no material para o capítulo 1, que tem como título "Nome". Na prática "Trocando Ideias" (momento de conversa designada por Lipman como comunidade de investigação), as perguntas estão prontas e definidas logo na sequência ao texto da novela e suas respectivas indicações de mediação. As novelas adaptadas não saem do senso comum, e as perguntas da dimensão prática "Exercitando a Mente" em nenhum momento saem do relativismo, o que de forma alguma nega a própria filosofia como reflexão exigindo uma nova estrutura de pensamento.

O livro traz ainda orientações teóricas, perguntas e exercícios prévios para serem realizados na prática da sala de aula. Alguns exemplos são identificados nos planejamentos e nas atividades xerocadas para os alunos. Não há produção autônoma nem criação, pois as ações/perguntas já estão prontas e postas logo abaixo do texto que deverá seguir a sequência lógica de prioridade na execução da mediação professor x aluno.

Dispomos a seguir de acordo com (WONSOVICZ, 1998, p. 30-33), as atividades planejadas como prática criativa crítica e que têm como objetivo principal estimular o pensar reflexivo nos alunos.

1. Todas as coisas têm nomes?
2. Existem coisas que não têm nome?
3. Uma cadeira é um objeto com um nome. Poderíamos dar outro nome a ela?
4. Uma invenção recebe um novo nome?
5. Você poderia, a partir de agora, dar outros nomes às coisas que estão à sua volta?
6. O que aconteceu? Quantos nomes surgiram? Seria possível entender as coisas e os outros, se a cada momento dermos outro nome ao mesmo objeto?
7. Podemos ter controle sobre uma coisa que não sabemos, que não tem nome? Por exemplo, uma doença ou uma dor?
8. Dar nomes às coisas significa ter controle sobre o mundo?

Na primeira orientação acerca da atividade prática "Exercitando a mente", o livro traz como proposta reflexiva o "Nome e identificação", e como sugestão orienta que cada aluno traga a sua certidão de nascimento (registro) para ser colocada no espaço denominado "Criativo" do caderno, e continua a orientação:

Com o registro na mão, podem ser feitas as perguntas:

- 1)O nome que recebemos ao nascer diz quem somos?
- 2)O registro de nascimento diz quem alguém é?
- 3)Se existissem na turma alunos com o mesmo nome seriam as mesmas pessoas?
- 4)Que coisas tornam as pessoas diferentes?

Na segunda orientação:

Depois com o seu registro de nascimento, cada um deverá ler seu nome completo:

- 1) Este é o seu nome?
- 2) É assim que você responde quando alguém lhe chama?
- 3) Quando sua mãe ou seu pai estão brabos com você, como eles o chamam?

Na terceira orientação:

Cada um deverá ler as características pessoais que estão no registro: data de nascimento, sobrenome etc.

- 1) Se fossem mudadas algumas destas características: horários de nascimento, cor da pele etc., você deixaria de ser você?
- 2) Se fosse trocado seu nome, você deixaria de ser quem você é?
- 3) Quem você seria?
- 4) Olhe agora o registro de algum colega e veja o que está escrito sobre ele.

Em seguida, lê-se o exercício proposto para a atividade "Exercitando a mente":

Procure encontrar outra palavra no lugar da palavra nome, nas frases abaixo. Peça ajuda da professora e dos colegas:

- 1) Alguns meninos da escola dizem *nome* feio no futebol.
- 2) Quando eu nasci me deram um *nome*.
- 3) Tenho o *nome* do meu pai.
- 4) Quando rezo, digo: Em *nome* do Pai.
- 5) No exército, as pessoas recebem um *nome* de guerra.
- 6) Por ser aluno brincalhão, seu *nome* é palhaço.

Continuando as orientações, há uma sugestão que é chamada de técnica ou pode ser considerada uma experiência:

TÉCNICA: A flor mágica

Material necessário: papel liso não brilhante, lápis, tesoura sem ponta e uma vasilha com água.

Como fazer:

1. Desenhe uma flor e pinte como quiser.
2. Dobre as pétalas para cima, uma sobre a outra.
3. Coloque a flor na água.

O que acontecerá? Quando você colocar a flor na água, as pétalas lentamente se abrirão.

Por que acontece? Por causa da ação capilar, a água sobe aos poucos, por minúsculos poros, entre as fibras de papel. O papel incha e as pétalas se abrem como uma flor de verdade. (Resposta para o professor e ou aplicador da atividade).

Tente também fazer flores de diferentes tamanhos e formas diferentes. As pétalas devem estar sempre para cima. Escreva dentro da flor textos e mensagens com uma letra em cada flor para que juntas formem uma palavra.

A materialidade histórica produzida por estes documentos possibilita o reconhecimento de suas especificidades, fazendo com que esta cultura específica não seja vista apenas como prolongamento das culturas em conflito na sociedade, mas como produtora de uma cultura própria que estabelece relação com as demais culturas.

Apesar da intenção filosófica, tais atividades poderiam ser realizadas por qualquer outra disciplina e não necessariamente pela “Filosofia”, uma vez que os conteúdos das atividades e das indicações são interdisciplinares, pois a discussão de um texto/uma história pode ser realizada na aula de Artes, História, Geografia, por exemplo: a aproximação com o assunto sobre o bairro, cidade e localização está contemplada

nos conteúdos de História e Geografia; a produção artística tem como objetivo central aproximar os alunos de diferentes matérias e recursos do currículo, conforme indicações para o Ensino Fundamental. Logo, a observação e o diálogo são elementos que devem estar presentes no processo de ensino-aprendizagem de todas as disciplinas e devem contribuir para a superação do senso comum.

A Filosofia possui certas características que de fato a aproximam mais dos ideais de uma comunidade de investigação dialógica, pois fornece os conceitos para um pensar que visa ao esclarecimento. Nas palavras de Lipman (1995, p. 32), “a Filosofia é a disciplina que nos prepara para raciocinar nas demais disciplinas”, mas o seu programa não oferece esta possibilidade, pois suas estratégias se mostram ineficientes por causa da ênfase aos procedimentos metodológicos e se distancia dos conceitos filosóficos.

O terreno sobre o qual o autor edifica sua proposta filosófica de formação de cidadãos críticos e criativos está no terreno da lógica e esta há de se ter em todas as disciplinas. Para este autor, o fiel do diálogo filosófico em uma comunidade de investigação é a lógica - que garantiria a sua condução e direção.

A lógica direcionaria o diálogo, não permitindo que ele se perdesse ou se tornasse confuso. Ela se apresenta no projeto lipmaniano como a metodologia implícita que conduz a investigação. Mais ainda: para Lipman (1995), a lógica é fundamental no raciocínio, possibilitando a descoberta do critério da verdade.

Um bom pensador, imagina o autor, precisa dominar alguns critérios, tais como: narração, descrição, análise de conceitos, tradução de significados, interpretações, inferências, capacidade para sínteses e se pôs no lugar do outro e seria lógica a garantia de aquisição de, pelo menos, alguns desses, senão de todos. Nos materiais recebidos pela rede municipal de São José, não encontramos estes elementos.

O “pensador” aqui está no autor do material aos alunos reservasse o papel de preencher, responder e não o de narrar, descrever, traduzir significados, pois o que não tem resposta explícita se remete ao senso comum e ao comportamento previamente esperado pela sociedade reguladora e homogênea em que vivemos.

Segundo Lipman (ano), a filosofia se revelaria na própria base da educação, à medida que se apresentasse como ferramenta para o desenvolvimento de todo o pensar - tanto aquele que denomina de "normal" (ou cotidiano) quanto o que define como "Pensar de Ordem Superior". O primeiro seria o pensamento acrítico e mecânico, enquanto que o segundo combinaria as três características máximas da reflexão: criticidade, criatividade e cuidado. Identificamos um formalismo intencional que privilegia o aspecto formal e reduz o conteúdo ao mínimo necessário para que ocorra algum pensamento.

Um dos desafios encontrados nesta dissertação, sem dúvida, foi o de nos debruçarmos sobre as produções e materiais produzidos pelos diferentes coordenadores e professores, que das mais variadas formas contribuíram e difundiram a ideia do projeto "Educar para o Pensar". Outra dificuldade foi compreender as interpretações, as apropriações e os diferentes caminhos escolhidos por todos os envolvidos: Secretaria Municipal de Educação, Centro de Filosofia "Educação para o Pensar", professores de Filosofia e professores regentes do Ensino Fundamental que contribuíram para construir a “Cultura do pensar” em São José.

Podemos observar no decorrer da pesquisa que a Filosofia no Ensino Fundamental na rede municipal, por meio do projeto "Educar para o Pensar", atendeu a um pensar que nem de longe podemos chamar de filosófico, devido às suas bases teóricas estarem vinculadas a um programa de “Filosofia para crianças” com conteúdos que transversalizam outras áreas do conhecimento e que certamente devem ser trabalhados em

suas especificidades. Acreditamos que a filosofia e o pensar crítico têm a função “libertadora”, e o projeto "Educar para o Pensar" foi uma tentativa da rede municipal de São José para tal objetivo. A certeza que podemos ter é que as ações que tentam modificar e trazer novas estratégias para ampliar as práticas de sala de aula trazendo conceitos da filosofia para melhorar a aprendizagem dos alunos, a vida social, intelectual e criativa das crianças, proporcionando mudanças significativas na forma de ensinar e integrar as crianças são bem-vindas, porém a vulnerabilidade intelectual da qual os conceitos filosóficos são elencados comprometem a o seu papel.

Por outro, ainda que tenhamos fortes críticas ao projeto, seus fundamentos e diretrizes, destacaria que o mesmo resultou numa cultura do pensar específica na rede, em específico na Escola Professora Maria Iracema Martins de Andrade, que imprimiu uma concepção de infância que valoriza as múltiplas linguagens e a interdisciplinaridade. Porém, apesar da boa intenção e de responder às orientações sugeridas pela Secretaria, a Filosofia não se tornou uma cultura na rede de ensino.

É fundamental delimitar os atendimentos para podermos nos situar em nosso objetivo, pois queremos entender o que é ensinar e aprender Filosofia no Programa Filosofia com crianças, adolescentes e jovens, perceber o processo e o produto resultante na escola e levantar para considerações alguns pontos, a partir dos quais possamos ter uma linguagem e conceitos que sejam pertinentes à análise de algumas matrizes filosóficas e epistemológicas deste programa. Por isso, examinaremos alguns conceitos que são necessários aos propósitos da filosofia com crianças, tais como: comunidade de investigação, diálogo filosófico, desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico, criativo e responsável (finalidade original deste programa); formação moral e

intelectual das crianças. Isto porque ao defendermos o programa filosófico-pedagógico “Educação para o pensar - Filosofia com crianças, adolescentes e jovens”, temos alguns pontos de vista diferentes da concepção de educação, ensino de Filosofia, conteúdos, objetivos e prática grupal após reflexões feitas pelos alunos. A defesa que fazemos é a de que o ensinar e aprender Filosofia oportunizará um pensar por si mesmo; em outros termos, uma autonomia intelectual. Por isso, vemos a preocupação inicial não ser ensinar às crianças o que é a mente, mas ensiná-las como pensar melhora a busca de ser um homem livre e reflexivo, um cidadão responsável, honesto e esclarecido (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2008, p. 96).

Neste sentido, o projeto traz à tona um desequilíbrio intelectual e evidencia conflitos pedagógicos. As lacunas e as divergências teóricas encontradas nos materiais produzidos ao longo desta década revela que o município se encontra em um momento de escrever sua história e precisa avançar em suas interpretações e construir uma base mais sólida em relação às suas orientações e aos seus materiais pedagógicos adquiridos.

Ao implantar um projeto e contratar uma assessoria pedagógica, a rede de ensino vincula-se a uma base teórica que tem em suas bases os riscos de seu sucesso ou não. Concordamos SILVEIRA 2001, quando diz que “O objeto analisado não deve ser tomado isoladamente, mas em sua relação com o contexto mais amplo em que está inserido e que lhe confere significado, caso contrário temos uma percepção parcial, distorcida e falseada” (SILVEIRA, 2001, p. 174).

Desta forma, o projeto se mostra como uma pedagogia idealista, como nos afirma Saviani: uma “teoria não crítica” da educação. Este empenho em inculcar os valores e padrões de comportamento até mesmo nos professores ditando as mediações e as falas é uma forma de conduzirem a ordem de

pensamento vigente, e não uma forma de transformação social a qual a Secretaria da Educação de São José diz ser em seu documento da Proposta Curricular.

Há, portanto o desejo de construir uma cultura do pensar e que pode se traduzir numa cultura escolar para a Educação de São José. Ou seja, uma rede jovem que está caminhando e buscando novos caminhos e traz para discussão de suas práticas as diferentes formas de compreender o processo de ensinar e aprender que se realiza no espaço escolar. Nesse caso, a cultura escolar poderá ser analisada na perspectiva da profissão docente, levando-se em consideração a possibilidade de que essa análise ocorra numa situação em que a “escola submete os saberes, e de uma maneira global, as práticas e as culturas, a um conjunto de transformações para os tornar ensináveis”, num movimento que vai desde a seleção do conhecimento, passando pela sua didatização, isto é, tornando-os ensináveis, até a “aprendizagem efetiva dos alunos” (PERRENOUD, 1993, p. 25).

Dentro dessa perspectiva, de espaço e tempo, a “Filosofia” na Rede Municipal de São José instiga os professores há um pensamento filosófico que se quer vivo, crítico, atuante e livre, e deve, por um lado, assumir essa tarefa; por outro, no tocante ao seu exercício pedagógico, topar com o desafio de substituir formas institucionalizadas de ação e organização de ensino que instauram servidões e acomodações, por formas que viabilizem, na medida do possível, seu pleno exercício.

Para propagar tal cultura a rede atua em diferentes frentes, organizando quatro linhas que configuram o projeto “Educar para pensar”, a primeira, refere-se ao ensino de filosofia; a segunda, à formação do professor; a terceira, à pesquisa e à produção de materiais pedagógicos; a quarta, à produção e à difusão de informações. Assim, na proposta curricular (2000, p. 189) da rede Municipal de São José, destacamos:

Num tempo de urgências onde, no extremo, a potência destrutiva desenvolvida pela tecnologia associada a exploração econômica de praticamente todos os setores da vida social põem hoje em risco a própria sobrevivência do planeta, resta a educação, se pensamos evitar a “barbárie” e a catástrofe que se evidencia, a difícil, essencial e ininterrupta tarefa de gerar sujeitos sociais capazes de atuar criticamente em relação ao modo de produção econômico imperante, aos valores estabelecidos, a tecnologia, as formas de sociabilidade e ao mercado simbólico. Um pensamento filosófico que se quer vivo, crítico, atuante, criativo e livre deve, por um lado, assumir essa tarefa; por outro, no tocante ao seu exercício pedagógico, topar com o desafio de substituir formas institucionalizadas de ação e organização de ensino que instauram servidões e acomodações, por formas que viabilizem, na medida do possível, seu pleno exercício.

[Modos de atuar]: Visando aproximar o ensino de filosofia ao campo de problematizações sócio culturais que se expressam nas indagações de crianças e adolescentes e considerando que a reflexão filosófica, exige para seu exercício, um tempo distinto do cronológico, apontamos para um modo de organização de ensino, que possa sofrer, em função da dinâmica cotidiana de ensino-aprendizagem, alterações tanto em relação aos conteúdos, quanto ao tempo a eles dedicado. A esse modo de organização e operacionalização de ensino denominamos temático.

No ensino fundamental, cabe ao professor de filosofia introduzir seus alunos ao exercício do pensamento filosófico; não se trata, neste nível, de formar filósofos.

A cultura escolar produzida na Escola Professora Maria Iracema Martins de Andrade, traz a perspectiva de um olhar para o interior da Escola, ou seja, para seu funcionamento

interno e das práticas vividas a partir das prescrições da Proposta Curricular de São José e de suas implicações práticas de uma visão que se amplia para a filosofia da infância e de ensino interdisciplinar.

Na trama de JULIA (2001, p. 13), pretendemos “compreender o que ocorre nesse espaço particular” já revelamos as normas, as finalidades que regem a escola, a profissionalização dos professores e os conteúdos ensinados e agora aprofundaremos as práticas escolares trazendo para a reflexão os atores da Escola Alunos e Professores.

Uma das maiores Escolas da Rede em números de alunos e de profissionais efetivos o Professora Maria Iracema Martins de Andrade realiza um trabalho interdisciplinar que destaca a importância da infância e das múltiplas linguagens a Escola e conta com projetos fixos para atender seus alunos nas mais diversas modalidades artístico – cultural.

A leitura das fotos abaixo nos permite identificar alguns traços da visão interdisciplinar adotada a partir do projeto "Educar para o Pensar" desenvolvida e comunicada nas imagens de diferente momentos da rotina escolar do CEMIA.

Logo na primeira imagem encontramos o prédio da Escola construído para atender o projeto de ampliação educacional do município. Isto ocorreu em cumprimento a normatização, Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996, aponta que os Municípios atuarão prioritariamente no Ensino Fundamental e na Educação Infantil, se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa, qualificação dos professores, obrigatoriamente.

3.4 A ESCOLA E SUA CULTURA: ATIVIDADES PEDAGÓGICAS REALIZADAS NO CEMIA

Figura 5 - Prédio da Escola CEM Maria Iracema Martins de Andrade



Fonte: autora

Trazemos para este texto recortes deste trabalho na tentativa de dar vida à cultura escolar. Mais do que atividades a Escola revela no registro destas práticas o que ficou das reflexões trazidas pelo projeto "Educar para o Pensar" e os caminhos da proposta interdisciplinar, trabalho com projetos e a visão de infância que na década pesquisada revela uma prática que se diferencia de anos anteriores. No Projeto Político Pedagógico do CEMIA é dada ênfase ao trabalho com projetos e

desta forma a proposta de ensino-aprendizagem da Escola é encaminhada direcionando-se o planejamento a partir de “Projetos de Trabalho” seguindo como referencial teórico os estudos de Fernando Hernández. Pensar o ensino com esta ênfase nos exige acerca do processo de formação de conceitos e da função do professor como mediador. (CEMIA, 2009, p. 11).

Mais do que atividades extras os diferentes “projetos” revelados nas imagens nos trazem a dimensão das práticas coletivas e a valorização das múltiplas linguagens e das muitas possibilidades oferecidas pela Escola para as crianças atendidas.

Nesse contexto, o PPP da Escola traz para a reflexão prática as discussões de infância e posiciona seus ideais em Vygotsky (apud BORBA, 2005), um dos principais representantes desta visão, que afirma que o brincar é uma atividade humana criadora na qual a imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. O brincar envolve complexos processos de articulação entre o já dado e o novo, entre as experiências, a memória e a imaginação, entre a realidade e fantasia. Os projetos institucionais estimulam e promovem o brincar no interior da Escola individualmente e coletivamente.

A Escola possui um Coral chamado de Vozes do CEMIA e este se apresenta sempre que há uma festa e ou evento na Escola, as crianças ensaiam na Escola no período oposto ao estudado e conta com uma professora especial. Os projetos não estão ligados ao Projeto de Filosofia porém revelam as evidências da influência das Propostas de Mathew Lipmann e da mudança da Cultura Escolar com tais inserções na Escola.

Figura 6 - Apresentação 2010 – IV Festa da Família



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA

Durante o recreio o professor de capoeira pratica com os alunos, no pátio da escola, alguns movimentos da capoeira oportunizando contato com diferentes culturas e desenvolvimento corporal.

Figura 7 - Aulas de capoeira no recreio escolar



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA

Destaque para as múltiplas linguagens: a música, o movimento, a dança e a pesquisa.

Para o desenvolvimento do "pensar bem", Lipman sugere a estimulação através da educação escolar, das habilidades cognitivas de pensamento e suas manifestações sejam elas artísticas ou culturais.

A Escola valoriza as habilidades dos alunos e proporciona momentos para que estes socializem sua arte; as alunas de Dança apresentam no Recreio suas performances. A equipe diretiva organiza Mostra de Dança reunindo outras escolas, pois o CEMIA conta com um auditório que comporta mais de 200 pessoas e por este motivo faz uma parceria com as demais Escolas do Município.

Figura 8 - Alunas do CEMIA ensaiando no recreio para a mostra de Dança



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA (2010).

A Fanfarra da escola já é uma tradição, por diversas vezes o CEMIA ganhou campeonatos em todo o estado de Santa Catarina, sendo uma atividade que participa de diversas apresentações especialmente no dia 7 de setembro.

Figura 9 - Fanfarra da escola CEMIA 2010 – Apresentação no pátio coberto da Escola – Ensaio para o 7 de setembro



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA (2010).

A música e a dança são linguagens que possuem um grande valor para o CEMIA. Além da dança, da fanfarra, capoeira a escola realiza aulas de flauta doce no recreio.

Figura 10 - Aula de flauta doce – recreio do CEMIA



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA (2010).

Eventos de socialização e investigação cultural que estimulam a prática de exercícios, raciocínio lógico são organizados pela equipe diretiva de forma recreativa levando em consideração a faixa etária das crianças atendidas seus desejos e contextos.

A Gincana Cultural e Esportiva faz parte do calendário escolar do CEMIA. Assim, fica evidenciado na organização do evento a participação das diferentes disciplinas, além da participação de todos no evento da área administrativa, pedagógica, docente e discente.

Nestes dias os alunos do Ensino Fundamental II, participam com suas turmas, muito bem organizadas e empenhadas na realização das tarefas culturais e esportivas.

No sábado, dia 18, houve o encerramento da gincana com a participação de nossos alunos e principalmente com a presença de muitos pais que prestigiaram nossa Gincana. A Coordenação Geral da Gincana ficou sob a responsabilidade do Professor Rogério M. Miguel - Diretor Pedagógico, as tarefas culturais realizadas no auditório, sob a coordenação da Orientadora Jacine, da Coordenadora Pedagógica Celly e da Coordenadora de turno Tânia. As tarefas esportivas, sob a coordenação Geral da Gincana ficou sob a responsabilidade do Professor Rogério M. Miguel - Diretor Pedagógico, as tarefas culturais realizadas no auditório, sob a coordenação da Orientadora Jacine, da Coordenadora Pedagógica Celly e da Coordenadora de turno Tânia. As tarefas esportivas, sob a coordenação dos Professores de Educação Física Antônio Ricardo, Hudson, Jarcí e Vanessa. Parabéns a direção, professores, alunos e equipe pedagógica, que conduziu o evento com muito sucesso”. Relato Blog do Cemia

Figura 11 - Fotos das apresentações da Gincana cultural unindo todas as disciplinas



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA (2010).

Lipman diz que é necessário “[...] converter a sala de aula em uma comunidade de investigação [...]” (2001, p. 31).

A Escola utiliza os Passeios de aprendizagem como uma oportunidade de integrar as disciplinas e oferecer novas possibilidades de ensino e troca de saberes.

No dia 11 de setembro, os alunos das 7^{as} séries, da escola, fizeram uma visita ao Eco do Avencal Resort Pedagógico, localizado em Urubici, Santa Catarina. Localizada A região atinge altitudes que chegam a 2 mil metros, e se registram as mais baixas temperaturas do país. O Eco do Avencal é um projeto pedagógico, ecológico e rural, no qual alunos e meio ambiente estarão em completa integração. Visa desenvolver conteúdos pedagógicos, estimulando a prática em um ambiente de vivência rural em harmonia com a natureza. Os alunos tiveram a chance de observar animais; conhecer a vegetação local; manipular a horta orgânica e hidropônica; frequentar o planetário; caminhar por trilhas; estudar o solo; os rios e as nascentes. Tudo isso transformou o passeio num aprendizado com prazer.

Figura 12 - Eco do Avencal



Fonte: blog do CEMIA

Figura 13 - Atendimento Educacional Especializado AEE- do Polo CEMIA



Fonte: Blog do CEMIA

As imagens ainda nos permitem identificar que a formação docente oferecida dentro da Escola e também no Projeto “Café com ideias” vinculado ao projeto "Educar para o Pensar", realiza cursos de capacitação profissional visando a educação inclusiva seguindo as normas para a Educação Inclusiva e também a linguagem digital, conforme as

orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação.

Para isto montou-se uma sala chamada Catis (Centro de Atendimento Tecnológico para a Inclusão Social), e este é um projeto da Prefeitura Municipal de São José, em convênio com a Caixa Econômica Federal. Os CATIS são espaços públicos dotados de infraestrutura de Tecnologia da Informação e Comunicação para promover a capacitação das pessoas e sua inclusão na sociedade da informação e do conhecimento, através do uso dos meios e instrumentos de informática que proporcionem a inclusão social e digital do indivíduo. No momento, a escola dispõe de uma sala informatizada, com uma lousa digital, usada diariamente pelos alunos, onde desenvolvem pesquisas e praticam exercícios de fixação, através de jogos educativos. Também está oferecendo, em períodos alternados, para alunos e comunidade o curso de Informática Básica. Para o ano de 2013, tivemos outro CATIS em funcionamento, otimizando a demanda da escola e atendendo a comunidade com a continuação dos cursos e em níveis mais avançados para quem iniciou este ano.

Figura 14 - Alunas explorando a tecnologia do CATIS



Figura 15 - Sala informatizada



Fonte: blog do CEMIA

Os alunos com deficiência que estão matriculados na escola CEMIA e frequentam o AEE-Atendimento Educacional Especializado, no contra turno, onde são desenvolvidas atividades diversificadas, favorecendo o desenvolvimento pedagógico e ajudando no seu processo educacional.

Figura 16 - Aluna brincando com os brinquedos pedagógicos da sala AAE



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA 2010.

Figura 17 - Especialistas atendendo os alunos do CEMIA



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA 2010.

As práticas lúdicas que envolvem o universo infantil estão presentes nas Séries Iniciais. “O teatro é uma linguagem utilizada pelo Cemia, conforme consta no relato e foto postado no blog escola”: “A turma do 2º ano - 22, da professora Roberta, apresentou na semana do dia das crianças a peça teatral “Emília no país das vitaminas”, para homenagear e presentear todas as crianças. E, também com o objetivo de repassar a importância de uma boa alimentação. Esta peça teatral faz parte do projeto que a turma vem realizando desde o início do ano letivo com o intuito de “aprender através de histórias literárias”. A peça é uma adaptação do livro “Amanda no país das vitaminas”, de Leonardo Mendes Cardoso”.

Figura 18 - Alunos apresentando o teatro "Emília no país das maravilhas"



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA 2010.

Figura 19 - Crianças atuando



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA 2010..

As práticas institucionais registram a valorização da infância e da ludicidade na culminância dos projetos.

As histórias para as crianças são mercadorias preciosas – bens espirituais. Constituem a

espécie de bens de que não despojamos ninguém ao torná-los nossos. As crianças adoram os personagens de ficção das histórias que leem: apropriam-se deles como amigos – como companheiros semi-imaginários. Dando às crianças histórias de que se apropriar e significados a compartilhar, proporcionamos-lhes outros mundos em que viver – outros reinos em que habitar (LIPMAN, 2002, p. 62).

Compreender a criança, seu jeito de ser e de atuar no mundo é respeitá-la e somente conhecendo as práticas realizadas é que conseguimos avaliar se esta se faz. Assim como Chervel (1990) defendemos que a especificidade de uma cultura produzida pela Escola, e ao fazê-lo, opera um distanciamento dos esquemas de explicação do saber escolar enquanto proveniente de outros saberes superiores. A escola segundo ele, não é um espaço de simples transmissão de saberes, ela é capaz de produzir o seu próprio saber, ou produzir um saber específico, portanto, escolar. Os seminários realizados no CEMIA tem por objetivo principal socializar saberes e experiências e travar um diálogo para além das práticas. Como revela a programação do evento.

Figura 20 –Programação de evento no CEMIA

Apresentação

A partir do desejo e comprometimento da Equipe Docente, Especialistas e Direção do CEMIA, buscamos promover o 4º Seminário de Socialização dos Trabalhos Pedagógicos realizados na Escola para dar maior qualidade ao processo de ensino e aprendizagem durante o ano letivo de 2012.

Objetivo:

Socializar as ações pedagógicas realizadas na Escola durante o ano de 2012.

Público Envolvido:

- Docentes;
- Especialistas e Gestores;
- Secretaria de Educação;
- Pais;
- Convidados;
- Estudantes.

EQUIPE DIRETIVA:
Diretor Geral: Geraldo Anderson Silva
Diretora Administrativa: Nanci de Rocco
Diretores Pedagógicos: Suziane Maria Gesser e Rogério Martins Alfeguel
Coordenadora da EJA: Neiva Maria
EQUIPE DE ESPECIALISTAS:
Orientadoras Educacionais: Claudia Maria Barbosa Vieira, Jacine Gomes Miranda
Supervisoras Escolares: Débora Klies, Raete da Silva
Coordenadora Pedagógica: Cely Garcia Geresimas da Natividade
Coordenadora de Turmas: Tânia Regina Martins Bitencourt Jacinto
ORGANIZAÇÃO:
 Ana Paula B. Battistotti Ferreira
 Geraldo Anderson Silva
 Nanci de Rocco

Programação:
08/11 – Noturno:
 19h às 19h15 – **Abertura**
 19h15 às 19h35 – **Fala do Secretário de Educação Domingos Bergamin**
 19h35 às 19h55
 Tema: **Coral Vozes do CEMIA**
 Turmas: 41, 42, 43, 44 e 45
 Profa Regente Flávia Cristina Sebold
 19h55 às 20h20
 Tema: **Fazeres e Saberes na Escola que Incluem e Transformam**
 Equipe Diretiva
 20h20 às 20h55 - **EJA**
 Tema: **Redescobrir a Cultura Açoriana através do tempo e espaço** Josefense
 Profa Adriana Kammers Goulart, Prof. Murilo Silveira e Supervisora Raete da Silva
 20:55h às 21h10
 Tema: **A Evolução Histórica da Cultura e Tecnologia**
 Turmas: 5º ano – 51,52,53 e 54
 Autoras: Profa Ana Claudia Brisola e Profa Simone Medeiros
 Apresentação: Profa Ana Claudia Brisola
 21h10 - **Coquetel**

09/11 - Matutino:
 08h às 8h20
 Projeto Capoeira
 Prof. Marcos Henrique de Souza
 08h20 às 08h40
 Tema: **Violências Geradas por Preconceito e Dominação**
 Turmas: 701,702,703 e 705
 Prof. Marcelo Spitzner
 09h40 às 09h
 Tema: **Rede Social**
 Turmas: 62
 Profa Márcia de Oliveira Bruno
 09h às 09h20
 Tema: **Violência nos Estádios de Futebol**
 Turmas: 6º ano à 8ª série
 Prof. Antonio Ricardo S. Ferreira, Hudson de Resende Moreira, Juci Antônio Ambrósio e Karen Carolo de Oliveira
 09h20 às 09h40
 Tema: **Violência no Ambiente Escolar – Reflexão, Discussão, Prevenção.**
 Turmas: 701, 702, 703
 Prof Nazareno D'Avila Pimentel
 09h40 às 10h – **Intervalo**



Fonte: CEMIA.

Figura 21 - Comunidades de Aprendizagem - Professora socializando suas práticas



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA 2010.

Formação continuada – Socialização de projetos-pesquisas – Comunidade de Investigação. "[...] o único modo de podermos chegar ao pensamento é chegar a sua origem, ou matriz, que é o diálogo" (LIPMAN, 1997, p. 34).

Figura 22 - Equipe organizadora do evento



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA 2010.

A prática de registrar os projetos realizados e a socialização destes em âmbito municipal

[...] a dividirem opiniões, com respeito, desenvolverem questões a partir das ideias de outros, desafiarem entre si para fornecerem opiniões até então não apoiadas, auxiliarem uns aos outros ao fazer inferências daquilo que foi afirmado e buscar identificar as suposições de cada um (LIPMAN, 1995, p. 31).

A socialização de Projetos Pedagógicos tem duas atividades a primeira que é a exposição dos trabalhos valorizando a cultura escolar produzida pelos alunos a partir de seus trabalhos, pesquisas, produções artísticas e teatrais que é organizada pelos professores que valorizam os trabalhos feitos pelos alunos e convidam a comunidade escolar para prestigiarem a exposição. A segunda focada na socialização de saberes, projetos e práticas vividas no ano letivo.

Figura 23 - Exposição dos trabalhos 2010



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA 2010.

Novas estratégias de avaliação – valorização do processo de produção – exposição dos resultados do projeto. O objetivo do processo educacional, nesse sentido, deixa de ser a

retenção de informações dadas e passa a ser “[...] a percepção das relações contidas nos temas investigados” (LIPMAN, 2001, p. 29), ou seja, a educação é compreendida como investigação problematizadora sobre os conteúdos de cada disciplina.

Figura 24 - Exposição das diferentes fases dos projetos, pesquisas e produções do decorrer do processo de aprendizagem



Fonte: Arquivos Públicos do Blog – CEMIA 2010..

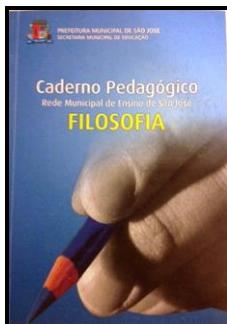
3.5 FONTES DOCUMENTAIS

As fontes documentais foram os materiais produzidos e utilizados pela rede municipal de ensino entre 2000 e 2010.

3.5.1 Prefeitura Municipal de São José

O caderno Pedagógico de Filosofia elaborado com o objetivo de orientar os Professores ao que se refere teoria e proposta didática do Ensino de Filosofia, revela as intenções da disciplina nos diferentes níveis de Ensino. Foi elaborado em 2006 logo após incluir a Filosofia na base diversificada do Ensino.

Figura 25 - Caderno Pedagógico – Filosofia



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ. **Caderno Pedagógico – Filosofia**. São José: Secretaria Municipal de Educação, 2006.

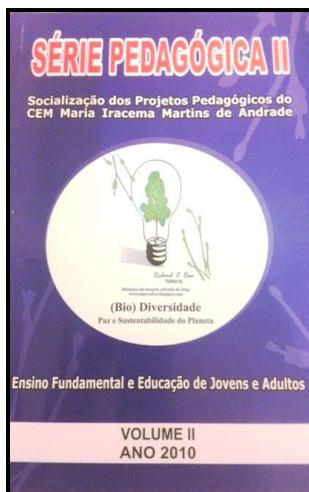
O Processo de Renovação da Autorização de Funcionamento de Instituição de Ensino Centro Educacional Maria Iracema Martins de Andrade foi elaborado para a Abertura do Colégio e constam as grades curriculares e a presença da Disciplina de Filosofia desde o 1º ano.

Figura 26 - Processo de Renovação da Autorização de Funcionamento de Instituição de Ensino Centro Educacional Maria Iracema Martins de Andrade



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ. **Processo de Renovação da Autorização de Funcionamento de Instituição de Ensino Centro Educacional Maria Iracema Martins de Andrade**. Secretaria Municipal de Educação: São José.

A Série Pedagógica faz parte do projeto de socializar projetos entre as diferentes unidades educacionais da rede municipal de educação de São José, os artigos são relatos de práticas que incluem todos os níveis de ensino este volume foi organizado pelo supervisor pedagógico e diretor do ano de 2010.



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ. **Série Pedagógica II:** socialização de Projetos Pedagógicos do CEM Maria Iracema Martins de Andrade. São José: Secretaria Municipal de Educação, 2010.

Os Livros de Atividades e Livro do Professor (Série Pedagógica, Caderno Pedagógico) foram adquiridos pela Secretária de Educação e todas as unidades de Ensino e alunos receberam o material para serem utilizados como proposta de atividades e leitura nas turmas do 5ª e 6ª ano do Ensino Fundamental.

Figura 27 - Novo Espaço Filosófico Criativo



Fonte: THOMAL, A. **Novo Espaço Filosófico Criativo**. 5ª e 6ª séries. Florianópolis: Sophos, 2002.

Os Livros de Atividades e Livro do Professor (Série Pedagógica, Caderno Pedagógico) foram adquiridos pela Secretária de Educação e todas as unidades de Ensino e alunos receberam o material para serem utilizados como proposta de atividades e leitura nas turmas do 7ª e 8ª ano do Ensino Fundamental.

Figura 28 - Novo Espaço Filosófico Criativo



Fonte: WONSOVICZ, S. **Novo Espaço Filosófico Criativo**. 7ª e 8ª séries. Florianópolis: Sophos, 2002.

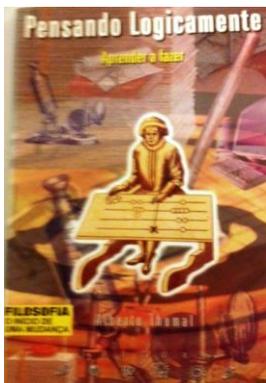
Figura 29 - Espaço Filosófico Criativo 1, 2, 3, 4



Fonte: WONSOVICZ, S.; SANTOS, A. F. **Espaço Filosófico Criativo 1, 2, 3, 4**. Florianópolis: Sophos, 1999.

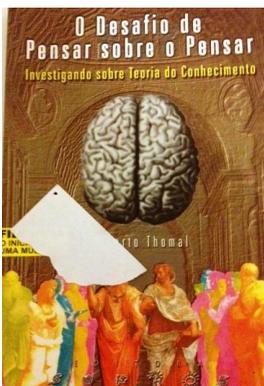
3.6 FONTES TEÓRICAS (UTILIZADAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO PROJETO EDUCAÇÃO PARA O PENSAR)

Figura 30 - Pensando logicamente: aprender a fazer.



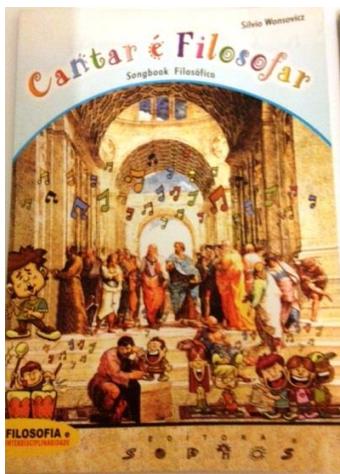
Fonte: THOMAL, A. **Pensando logicamente**: aprender a fazer. Florianópolis: Sophos, 2001.

Figura 31 - O desafio de Pensar sobre o Pensar: investigando sobre Teoria do Conhecimento.



Fonte: THOMAL, A. **O desafio de Pensar sobre o Pensar**: investigando sobre Teoria do Conhecimento. Florianópolis: Sophos, 2005.

Figura 32 - Cantar é filosofar: songbook filosófica



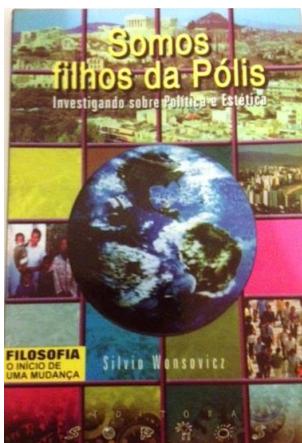
Fonte: WONSOVICZ, S. **Cantar é filosofar**: songbook filosófica. Florianópolis: Sophos, 2005.

Figura 33 - Aprendendo a viver juntos: investigando sobre Ética



Fonte: WONSOVICZ, S. **Aprendendo a viver juntos**: investigando sobre Ética. Florianópolis: Sophos.

Figura 34 - Somos filhos da Pólis: investigando sobre Política e Estética



Fonte: WONSOVICZ, S. **Somos filhos da Pólis**: investigando sobre Política e Estética. Florianópolis: Sophos, 2005.

De acordo com os registros localizados, essas práticas foram instauradas desde a inauguração da Escola, ampliando gradativamente a participação dos alunos, dos professores e adequação do espaço escolar para atender os projetos institucionais e os desejos da comunidade escolar. De 2002 a 2010, ocorreram mudanças significativas na organização do espaço físico: a sala de dança foi equipada com espelhos e barras, abriu-se espaço para atender o projeto “fanfarra”, a biblioteca foi equipada com estantes e livros, foi montada a sala de teatro, outra para jogos, educação física e artes marciais. Em 2007 foi adquirido o terreno ao lado e, em 2008, deu-se início a construção de uma quadra poliesportiva, concluída em 2010 para atender as aulas de Educação física.

Interessante percebermos que, segundo consta no PPP e também na Proposta pedagógica curricular de São José o CEMIA, esforça-se em sua organização e práticas registradas atender ao que a Proposta Curricular de São p. 21, traz em seu texto seus desejos: UMA VISÃO DE APRENDIZAGEM E

DESENVOLVIMENTO que os enxerga como processos que são dialeticamente articulados e se dão nas relações – interações sociais – impulsionados, mediados dialogicamente. A partir deste olhar, entendemos como os processos que devem ser intencionalmente desencadeados – organizados pelos sujeitos mais experientes (educadores) para que os menos experientes (educandos) se apropriem da Cultura (conhecimentos históricos e socialmente produzidos, acumulados e sistematizados). Ver que o trabalho educativo é o processo de ensinar-aprender que torna o desenvolvimento humano possível. Entender, então, que é na interação com os outros homens, apropriando-se e resignificando o patrimônio histórico-cultural da humanidade que o sujeito se faz homem.

O contato com as imagens do vivido na prática do CEMIA evidenciou aspectos diretamente ligados à prática difundida pelo projeto "Educar para o Pensar" tais como um olhar para a infância, uma prática interdisciplinar e a comunidade de investigação que foram sendo imbricados no cotidiano escolar e registrados nos documentos da Escola e do Município. Além dos documentos de cunho administrativos, que evidenciaram a importância dada a este projeto e ao desejo do município de ter em suas bases a “FILOSOFIA” em 2008 o então projeto, passa a ser disciplina escolar.

Entendemos disciplina escolar como um conjunto de conhecimentos, elaborado por especialistas, identificado e dotado de organização própria para o estudo. Esse conhecimento, ao vincular-se à escola, estabelece novas relações de saber a partir das atividades de seus agentes principais, ou seja, de professores e alunos.

André Chervel, em seu artigo História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa, publicado em 1990, mostra que, até o final do século XIX, o termo disciplina e a expressão “disciplina escolar” designavam tão somente a vigilância dos estabelecimentos e a repressão às más condutas. Depois, em 1870, o termo fez par com o verbo

disciplinar e passou a designar um sinônimo de ginástica intelectual a disciplinar a inteligência das crianças. No sentido de conteúdos de ensino, o termo está ausente dos 3 dicionários do século XIX, aparecendo somente nos primeiros anos do século XX quando “passa a significar matéria de ensino suscetível de servir de exercício intelectual”. (CHERVEL, 1990, p. 179).

O uso do termo nesse novo sentido firmou-se após as primeiras décadas do século XX, “quando a evolução da sociedade e dos espíritos permite contrapor à disciplina literária uma disciplina científica” (CHERVEL, 1990, p. 180). Chervel (1990) afirma que o termo disciplina se aplica tão somente às idades de formação, seja ela primária ou secundária, ligando assim disciplina ao aluno: “as disciplinas são esses modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos” (CHERVEL, 1990, p. 186); sua especificidade se encontra nos ensinamentos da “idade escolar” quando as crianças e os adolescentes estão imersos nos processos disciplinadores e evoluem aos ensinamentos cada vez menos disciplinares e cada vez mais científicos. Aplicadas nas idades de formação, “as disciplinas escolares fazem parte dos currículos e constituem saberes [...] que circulam no cotidiano das salas de aula” (BITTENCOURT, 2003, p. 9).

Refletindo sobre os escritos de Chervel, Bittencourt (2005, p. 40) afirma que é

fundamental conhecer a história das disciplinas para identificar os pressupostos que possibilitam entender os liames e as diferenças entre uma disciplina escolar e as ciências de referência, uma vez que cada disciplina possui uma história.

Para o pesquisador francês, a disciplina escolar deve ser estudada, considerando-se o papel histórico exercido pela escola. Portanto, não basta pesquisar a gênese, as finalidades e o funcionamento de uma disciplina por si só, mas, é essencial investigar sua integração na cultura escolar. Chervel (1990) adverte sobre a importância de relacionar o ensino das disciplinas com as finalidades para as quais estão determinadas e com os resultados concretos que elas produzem e aponta a história dos conteúdos curriculares como o componente central da história das disciplinas.

Sabendo que as disciplinas escolares fazem parte do currículo e que constituem os saberes, ou os conteúdos curriculares, que circulam nas salas de aula, há que se investigá-las em interação com a história dos currículos e com a cultura escolar.

Ao colocar em evidência o cotidiano da Escola e ao realizar o levantamento histórico do projeto "Educar para o Pensar" no município de São José acreditamos que foi possível identificar como os ideais de Matthew Lipmann, do Centro de Educação para o pensar, da Proposta Curricular, foram se transformando no interior da Escola e nas práticas dos professores em uma cultura escolar genuína. Ao colocar em evidência esses registros como fonte de análise da cultura escolar defendemos a importância de relacionar o ensino das disciplinas com as finalidades para as quais estão determinadas e com os resultados concretos que elas produzem favorecendo a memória e novas leituras acerca do passado deste projeto e do presente desta disciplina.

Assim como Chervel (1990), Julia (2000) vê a possibilidade de preenchimento dessa lacuna nas pesquisas no campo da História das Disciplinas que [...] tenta identificar, tanto através das práticas de ensino utilizadas na sala de aula como através dos grandes objetivos que presidiram a construção das disciplinas, o núcleo duro que pode constituir uma história renovada da educação.

Nessa perspectiva a avaliação sobre a cultura escolar no âmbito do projeto “Educar para o Pensar” no CEMIA revela que este influenciou não somente as aulas de Filosofia e sim o modo de se pensar, de se organizar e de aprender. A comunidade de investigação “ Café com ideais” recurso utilizado pelo Município para difundir sua proposta reflexiva, interdisciplinar e com enfoque nas discussões sobre infância deixou marcas em seus participantes “professores de todas as áreas” e estes internalizaram tais práticas das quais podemos avaliar como inovações pedagógicas na Rede Municipal de Ensino tendo em vista o início das práticas com projetos, a construção de uma Proposta Curricular, o trabalho interdisciplinar e a construção de uma comunidade de investigação.

Seguindo o referencial de análise escolhido abrimos metaforicamente, a “caixa preta” da escola, ao buscar compreender o que ocorre nesse espaço particular do CEMIA, aberta a “caixa preta”, descobre-se uma gama de elementos e possibilidades disponíveis para o exame da cultura escolar.

Conforme Julia (2001), a forma de examinar esses elementos pode levar a duas afirmações contrárias e igualmente falsas: uma, de que não há inovação pedagógica, já que sempre pode descobrir os antecedentes de uma nova ideia ou de um novo procedimento; outra, pelo contrário, ressalta a novidade das ideias de um pensador em relação a seus predecessores, concedendo-lhe originalidade absoluta. Julia (2001, p. 15) considera as duas afirmações simplistas e alerta para a necessidade de se recontextualizar as fontes tanto aquelas das quais dispomos quanto aquelas que podem ser encontradas se tivermos a tenacidade de ir procurá-las.

No entanto, a recontextualização proposta por Dominique Julia implica tão somente em analisar rigorosamente as fontes tendo por base a constituição da cultura escolar.

A constituição de tal cultura escolar se debruça sobre o programa de Matthew Lipmann, as releituras do Centro de educação para o pensar e os desejos políticos de renovação pedagógica para o Município de São José.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para não concluir ...

Utilizo a citação de finalização da Proposta Curricular de São José (2000):

Eu mesmo, o que sou?
O que foi que eu fiz?
Eu recolhi e utilizei tudo o que ouvi e observei.
Minhas obras foram alimentadas por milhares de indivíduos diversos.
Ignorantes e sábios, pessoas cultas e tolas.
A infância, a maturidade e a velhice vieram me oferecer suas ideias.
Suas faculdades, suas maneiras de ser.
Minha obra é a de um ser coletivo que leva o nome de GOETHE.
(PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2000, p. 209).

Esta pesquisa resultou em um longo trabalho, dado o desejo de apresentar um estudo de caso do projeto "Educar para o Pensar" nas séries iniciais implantado pela rede municipal de São José a partir do ano 2000, ancorada em Dominique Julia para analisar os saberes a inculcar e o conjunto de práticas que permitiram a transmissão destes saberes, revelando uma cultura do pensar próprio desta instituição. Além disso, definimos um recorte temporal do tempo presente, o que nos vinculou a sentimentos de pertencimento.

Assim, ao buscarmos responder à questão central: "Como se configurou a cultura do pensar segundo o projeto 'Educar para o pensar' na rede municipal de São José?", acabamos por adentrar nas representações sociais construídas antes da implantação e nos movimentos políticos ocorridos durante o recorte temporal.

Na sequência ao desejo de verificar as hipóteses, demos ênfase ao contexto histórico e educacional do projeto, identificando os percursos construídos e a introdução deste na base diversificada do currículo escolar, passando pelas prescrições e orientações iniciais quando ainda era um projeto "Educar para o Pensar", e depois quando tem a aprovação do Parecer em 09/12/2008 e a autorização para a implantação como disciplina de Filosofia da base diversificada seguindo as diretrizes e o currículo do Ensino Fundamental de 9 anos.

Finalmente, nos acercamos do histórico "Criar uma cultura do pensar", justificativa da solicitação emitida para o Parecer nº 0039/2008. Ressaltamos ainda o estudo de caso CEMIA e os vestígios desta cultura do pensar por meio de análise dos documentos e o que ficou na memória.

Diante dos resultados, acreditamos contar com elementos suficientes para afirmar que tentamos cumprir a tarefa de abrir a caixa preta do projeto, como nos orienta Dominique Julia (2001).

Acreditamos em uma proposta na qual as diferentes ciências possam participar e contribuir cientificamente em prol de uma educação de qualidade, inspirada nos países onde a educação tem níveis mais elevados do que no Brasil e onde diferentes áreas das ciências contribuem para que as escolas sejam centros de aprendizagem.

É urgente que as diferentes ciências assumam seu papel na formação e contribuição social deste país. Uma escola onde os conceitos da Filosofia possam de fato estar para todos, crianças, jovens, pais e professores com uma proposta de teoria crítica, e não de uma pedagogia idealista excludente e burocrata como a que temos.

Quanto ao aspecto conceitos filosóficos, infelizmente, o projeto "Educar para o Pensar" não conseguiu realizar. O projeto privilegiou o aspecto formal, reduziu o conteúdo ao mínimo necessário: não passou de pretextos para justificar as ações lógicas do projeto e preencher as atividades e apostilas

indicadas pelo Centro de Filosofia "Educação para o Pensar", instituição contratada para tal. Esse formalismo fez com que o Pensar estimulado com o Projeto não se constituísse de fato como um pensar de ordem superior, além de atribuir aos professores o servilismo aos livros e materiais prontos adquiridos como material do professor.

Reformas pedagógicas isoladas, como sempre têm ocorrido, não resolvem os problemas e seus resultados têm até mesmo contribuído para a deterioração do ensino, uma vez que abrandam as exigências que devem ser feitas às pessoas em processo de escolarização. Da mesma forma, reflexões e pesquisas isoladas visando desvendar os fatores sociais que influenciam a educação, sobre as funções sociais atuais do sistema de ensino para os diferentes setores da sociedade ou sobre quais competências sociais competem à educação, não ajudam a combater tal crise.

O mesmo é possível identificar na trajetória do projeto, o crescimento desordenado, a abertura de novas e muitas unidades educativas em São José. Devido às exigências políticas, influenciaram decisões em que a prioridade foi o atendimento do maior número de alunos e em contrapartida tivemos a queda na qualidade de formação dos professores, na organização, na elaboração de documentos oficiais e de orientação sobre a proposta educacional do município, além de justificar parcerias político-partidárias.

Essa educação não passa de um falso processo de socialização que se transformou, em verdade, numa semiformação, numa generalização do espírito de alienação. Educação para a emancipação como educação para a libertação, uma educação política baseada numa orientação para formação da consciência. (ADORNO, 1979, p. 93).

A cultura do “Pensar”, identificada nas práticas e nos relatos das práticas, evidencia a metodologia do programa

“Filosofia para crianças”, de Matthew Lipman, um pensar lógico que não atende às exigências do ensino de Filosofia nem aos conceitos filosóficos. Como nos traz Trentim (2001):

Ora, é evidente que não seria possível e nem desejável implantar no Ensino Fundamental ou Médio um curso completo de Filosofia. Mas isso não significa que, uma vez incorporada ao currículo escolar, a disciplina possa ser trabalhada apenas no nível do senso comum e isso por dois motivos: 1. Porque um trabalho desta natureza não seria propriamente filosófico, visto que a filosofia supõe necessariamente a superação do senso comum. A rigor, contentar-se com o senso comum implicaria negar a importância da Filosofia no currículo como disciplina. E não é a isto que conduz a proposta de Lipman? 2. Porque a escola não é lugar de senso comum, do saber espontâneo, mesmo porque esse saber não precisa da escola para ser assimilado. A escola é lugar do conhecimento científico, rigoroso, sistemático, crítico, e esse conhecimento, para ser aprendido, necessita de procedimentos pedagógicos adequados que somente ela, com professores devidamente qualificados e condições materiais específicas, pode assegurar. (SILVEIRA, 2001, p. 143).

Entrelaçando a cultura escolar produzida e a crítica de SILVEIRA, 2001, ao que se refere ao motivo 1 citado acima, observamos um servilismo às ideias de Lipman e, portanto, não se configura em uma cultura do pensar filosófico, podendo ser um pensar lógico e/ou interdisciplinar, mas não filosófico.

Ao que se refere ao motivo 2, no histórico do projeto isto já fica evidente:

A proposta tem como objetivo introduzir o aluno a um "Educar para o Pensar" através de exercícios de conceituação e que aplique estes conceitos no seu dia a dia. Criar uma cultura do pensar na Unidade Escolar e da sensibilidade e de respeito pela opinião dos outros. Valorização de cada ideia proposta eo resgate da autoestima. (2008, p. 53).

Tal proposta deve ser trabalhada em todas as disciplinas e faz parte da vida em sociedade, mesmo porque esse saber não precisa da escola para ser assimilado: deve ser oferecido por todas as instituições sociais. Para justificar a proposta por meio dos livros, novelas e recursos adquiridos no projeto, fizemos uma sistematização rigorosa e descontextualizada da realidade das crianças, como evidenciamos nas atividades demonstrativas nesta pesquisa.

Outro ponto é a formação de professores e as condições básicas para a realização de um trabalho adequado. Assim como outros municípios do Brasil, São José sofre com a defasagem de muitos professores, entre eles os de Filosofia, o que justificou a Assessoria do Centro de Educação para o pensar. A postura servil dos professores já revela o nível intelectual que podem assegurar. A LDB e a orientação em relação ao ensino de filosofia têm sua parcela de desorientação em relação à função da Filosofia ao vincular esta à Ética. Deixar isso livre interpretações faz com que o mínimo indicado, seja no mínimo “compreendido” pelos professores e especialistas.

O projeto "Educar para o Pensar" é uma releitura da apropriação do Centro "Educação para o Pensar", que é uma adaptação do programa “Filosofia para crianças”, de Matthew Lipman. Acreditamos que é um direito dos professores e especialistas escrever a sua própria história sem interferências políticas, mas para isso há de se libertar do processo de alienação.

A apropriação da cultura, das regras e das práticas do outro nos faz perdermos de nós mesmos e talvez por este motivo o projeto não se efetivou como uma cultura e nem foi incorporado como prática ancoradas no ensino de Filosofia, e sim como um tipo de “prática interdisciplinar”¹³, se é que podemos dizer isto de interdisciplinaridade que incorpora o ensino de Filosofia, porque não identificamos a essência do ensino filosófico em nenhuma das práticas observadas. Para que tal prática acontecesse com a qualidade teórica necessária, seria necessário um envolvimento de todos os professores e não foi o que ocorreu. Thomal (2004) nos dá pistas sobre as resistências identificadas:

Há professores que fizeram o curso, gostaram, se empolgaram e até projetaram alterar suas aulas, mas toda esta vontade esvaiu-se nas dificuldades da mudança que o programa exige. O projeto previa uma preparação dos professores com um curso de no mínimo 20 horas, mas devido à grade curricular, ao horário e à falta de tempo para realizar estes cursos tornaram-se inviáveis. (THOMAL, 2004, p. 56).

Para Adorno (2003), se o mundo visto por ele como danificada era consequência da falta de capacidade do homem para resistir ao processo de dominação, que alienava e massificava, desenvolver a capacidade de resistência era o antídoto (pensar por conta própria e não se curvar aos ditames

¹³ A filosofia não ocupa um lugar central entre as demais disciplinas, ela simplesmente quer manter uma relação interdisciplinar, isto é, de influência e de abertura com as demais disciplinas. Isto faz refletir que as demais disciplinas também não tenham um monopólio de supremacia sobre as demais e que todas estão neste processo de inter-relações. Esta proposta provoca uma mudança de atitude dos profissionais em educação. Uma nova postura está em jogo. É o preâmbulo da transdisciplinaridade.

da massificação são duas premissas que podem ser tomadas como lições para a pedagogia contemporânea).

A essência do projeto epistemológico de Adorno pode ser traduzida na sua certeza absoluta de que não existe uma vida correta num mundo falso¹⁴. Já os professores que realizaram a capacitação (doutrinação) completa, conforme indica o Centro de Filosofia "Educar para o Pensar", tiveram um outro desempenho como nos relata Thomal (2004):

Os professores que fizeram o curso tiveram uma forma de atuação bem mais efetiva e com mais eficácia. No caso de professores que não realizaram o curso, ficou comprovado que, apesar dos esforços de cada um, eles não tiveram a segurança necessária para a aplicação do projeto. O curso não é a solução de todos os problemas, mas é de uma grande ajuda para os profissionais da área.

O professor tem boa vontade, é assíduo, tem um desejo imenso de acertar, mas mesmo fazendo o curso preparatório, observamos que não foi o suficiente para mudar suas práticas pedagógicas. Alguns podem levantar a questão: então para que serve o curso? Longe de fazer um panegírico da importância do curso, apresentamos alguns depoimentos:

- “É imprescindível para o professor abrir mão do diálogo, pois as ideias fluem democraticamente e possibilitam modificações de atitudes e posturas”.
- “Sinto-me feliz e desafiado por estar envolvido nesta prática pedagógica. Não posso deixar de me transformar”.
- “Com certeza esse encontro nos levou a refletir nossos conceitos e práticas. Adquirimos

¹⁴ "Es gibt kein richtiges Leben in falschen". (ADORNO apud SCHWEPENHAEUSER, 2003, p. 160)

uma ferramenta que alimenta nossas esperanças e desejos de mudanças”.

- “Esta iniciativa é de extrema importância, tanto para troca de experiências como também para aquisição de novas ideias”.

“Com certeza a continuidade desses encontros nos proporcionará novas perspectivas de um trabalho mais dialogal e construtivo”. (THOMAL, 2004, p. 98).

De acordo com Chartier (1989), um mesmo texto pode ser lido, interpretado, ressignificado e apropriado de diferentes modos, por diferentes leitores e em diferentes conjunturas. Assim, estamos convictos de que é necessária aos gerentes municipais e de todos os envolvidos com a educação neste país uma reflexão sobre a quem e a que a escola pública e a Filosofia estão servindo.

Com isso, desejamos ter contribuído na construção da transformação das interpretações e de alguma forma ter desconstruído caminhos tão construídos ideologicamente, sobretudo acerca do projeto "Educar para o Pensar".

Por fim, o que nos anima e, portanto, nos dá vida, é pensar que essa dissertação pode muito mais anunciar perspectivas reflexivas sobre as práticas das quais nós mesmos acreditávamos e que servem a um sistema que despreza a filosofia justamente por ser ela uma das navalhas da liberdade da alienação do pensamento moderno escravista, preconceituoso e excludente.

Refletir e empenhar-nos no processo de construção de uma história que queremos, como consta na Proposta Pedagógica (2000),

Do ponto de vista da teoria pedagógica, fomos entendendo ao longo do processo de discussão que a PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA seria aquela, dentre as várias teorias, que mais nos capacitaria entender o trabalho educativo

no momento histórico em que vivemos, tendo em vista suas múltiplas determinações, ao mesmo tempo em que nos aponta possibilidades de transformação. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2000, p. 19).

O nosso desejo como professores é que a rede municipal de São José continue investindo intelectualmente nesta concepção de educação ampliando a teoria da Proposta Curricular para as práticas escolares, que invista cada vez mais na qualificação de seus docentes, que continue respeitando a infância, valorizando o pensar reflexivo e ampliando o seu olhar também para a Educação Infantil.

Concordamos com a conhecida ligação que Arendt (1961) fez entre educação e nascimento: há educação porque nascem seres humanos novos num mundo velho. O nascimento é a irrupção do novo: mundo e visitante são mutuamente estranhos; não há continuidade entre eles, mas ruptura. Cada nascimento é um início, um novo começo, um ser independente que se atualiza em cada ação e em cada palavra.

E aqui está a maior descoberta desta pesquisa: um novo saber, novas possibilidades encontradas no velho em relação ao novo a este velho que a partir deste novo também se renova.

Ancorada em Dominique Julia para analisar os saberes a inculcar e o conjunto de práticas que permitiram a transmissão destes saberes que nos revelou uma cultura do pensar próprio desta instituição focada no movimento interdisciplinar que tem muito a percorrer intelectualmente documentando suas escolhas e capacitando seus professores para tais práticas...e assim continuar produzindo a sua cultura escolar!

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Resume ueber kulturindustrie (apontamentos sobre a indústria cultural). In: ADORNO, T. W. **Kulturkritik und Gesellschaft I** (Crítica e Sociedade I). Suhrkamp Verlag: Frankfurt, 2003.

_____. **In Soziologisch Schriften I**. Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch, 1979.

ARENDT, H. The crisis of education. In: _____. **Between Past and Future: Six Exercises in Political Thought**. New York: Viking Press, 1961.

BENCOSTTA, M. L. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996** (1998).

BRANDÃO, C. da F. **Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARMINATI, C. J. **O Ensino de Filosofia no II grau: do seu afastamento ao movimento pela sua reintrodução** (A Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas – SEAF). 1997. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Ciências da Educação – CED, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 1997.

_____. **Formação do professor de filosofia: do saber disjuntivo às práticas significativas**. Anedsul, 2004.

CENTRO EDUCACIONAL MARIA IRACEMA DE MELLO.
Projeto Político Pedagógico. São José - SC.

CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. Maria Manuela Galhardo (Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHERVEL, A. A história das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Teoria & Educação**, Porto Alegre, v. 2, p.177-229, 1990.

_____. **El mundo como representación.** Barcelona: Gedisa, 1992.

DEMO, P. **A nova LDB ranços e avanços.** Campinas: Papyrus, 1997.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação.** Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

_____. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação.** SBHE, n. 1, jan./jun. 2001.

KOHAN, W. O.; KENNEDY, D. (Orgs.) **Filosofia e infância:** possibilidades de um encontro. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

KOHAN, W. **Infância:** entre Educação e Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LE GOFF, Jacques. In: _____. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LIPMAN, M.; SHARP, A. M.; OSCANYAN, F. S. **O Pensar na Educação**. Anna Mary Fighier Perpetuo (Trad.). Petrópolis: Vozes, 1995.

LIPMAN, M. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.

_____. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1990.

MAGALHÃES, J. Um contributo para a história do processo de escolarização da sociedade portuguesa na transição do antigo regime. In: **Educação, Sociedade & Cultura**. Lisboa, 1996.

MORIN, E. **A Educação do Ser e do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ. **Proposta Curricular do Município de São José**. Secretaria Municipal de Educação: São José, 2000.

RIFKIN, J. **Fim dos empregos** – o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. São Paulo: Makron Books, 1996.

SILVEIRA, R. J. T. **A filosofia vai à escola?** Contribuição para a crítica do programa de filosofia para crianças de Matthew Lipman. São Paulo: Autores Associados, 2001.

SHARP, A. M. Filosofia na Educação das Crianças. In: KOHAN, W. O.; WUENSCH, A. M. (Org.). **Filosofia para Crianças**. A Tentativa Pioneira de Matthew Lipman. v. I, 3. ed., Petrópolis: Vozes, 2000.

SHARP, A. Introdução. In: KOHAN, W. O.; WUENSCH, A. M. (Orgs.). **Filosofia para crianças**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOUZA, C. **Políticas públicas**: uma revisão da literatura. Porto Alegre: Sociologia, 2006.

SOUZA, R. F. de. Um itinerário de pesquisa sobre cultura escolar. In: CUNHA, V. M. da (Org.). **Ideário e Imagens da Educação Escolar**. Campinas: Autores Associados. Araraquara: Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000.

SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. L. A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. 2005.

THOMAL, A. **Relatório coordenador de filosofia de 2002**.

_____. **A produção de conhecimento na Educação Básica através do ensino de filosofia na escola pública municipal** (Dissertação em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2004.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VINÃO FRAGO, A. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. **Contemporaneidade e Educação**. Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), Rio de Janeiro, nº 7, 2000, pp. 93-110.

WONSOVICZ, S. **O Menino e a Caboré**. Florianópolis: Sophos, 1998.

ANEXOS

ANEXO A - PARECER Nº 0022/2007



ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ - COMESJ

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

PROCEDÊNCIA: SME – Secretaria Municipal de Educação – São José/SC

OBJETO: Autorização para Ampliação do Ensino Fundamental para NOVE ANOS juntamente com a MATRIZ CURRICULAR na Rede Municipal de Ensino de São José a iniciar no ano letivo de 2008.

PROCESSO: PCOMESJ 0020/2007

PARECER Nº 0022/2007.

Aprovado em 13/12/07

I – HISTÓRICO

A Ilustríssima Secretária da Educação do Município de São José, encaminha, através do Ofício nº 0707/07 SME, Processo em que solicita autorização para ampliação do Ensino Fundamental para 9 (nove) anos na Rede Municipal, a iniciar no ano letivo de 2008.

Em atendimento à legislação vigente sobre a obrigatoriedade da ampliação do Ensino Fundamental de nove anos, a SME, juntamente com Educadores da Rede Municipal, organizou durante o ano letivo de 2007, estudos, discussões, seminários, debates para a reorganização curricular e elaboração de Diretrizes norteadoras para o funcionamento, a partir de 2008, do Ensino Fundamental de 9 anos.

II – ANÁLISE

O processo em pauta foi analisado de acordo com o que determina a Constituição Federal, LDBEN, 9394/96, PCN, Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, Pareceres e Resoluções do CNE, Documento Ensino Fundamental de 9 anos: orientações para inclusão das crianças de 6 anos de idade, Propostas Pedagógicas das Secretarias de Educação, Projetos Político- Pedagógicos das Escolas, Pesquisas Educacionais, Literatura



ESTADO DE SANTA CATARINA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ - COMESJ

PARECER Nº 0022/2007 Fls.02 de 012.

pertinente e Debate realizado com os Educandos da Rede Municipal de São José. E, em específico, seguindo as diretrizes da Lei 11.114/2005 que torna obrigatória a matrícula das crianças de 6 anos no Ensino Fundamental.

Essa proposta estabelece a organização do Ensino Fundamental de 9 anos em Anos Iniciais do (1º ao 5º ano) e os Anos Finais do (6º ao 9º ano) que será implantada gradativamente. Paralelamente, a Rede Municipal de Ensino continuará oferecendo até 2014 o Ensino Fundamental de 8 anos aos alunos que ingressaram neste sistema até 2007, conforme quadro abaixo:

ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS		E. F. 8 ANOS
2008	1º ano	2ª a 8ª série
2008	2º ano (crianças que frequentaram o último ano da Educação Infantil e as que não atingiram o desempenho na 1ª série do Ensino Fundamental de 8 anos em 2007 – turma de transição)	
2009	1º ano	3ª a 8ª série
2009	2º ano	
2009	3º ano (crianças aprovadas no 2º ano e aquelas que não atingiram o desempenho na 2ª série – turma de transição)	4ª a 8ª série
2010	1º, 2º, 3º e 4º ano	
2011	1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano	5ª a 8ª série
2012	1º, 2º, 3º, 4º, 5º, e 6º ano	6ª a 8ª série
2013	1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º ano	7ª a 8ª série
2014	1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º ano	8ª série
2015	1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano	_____

As matrículas devem seguir as diretrizes abaixo:

Matrícula para 2008

- Para o 1º ano dos Anos Iniciais será oportunizada matrícula às crianças que completarem 06 (seis) anos até 03/03/08, conforme Edital de Matrícula da Rede Municipal de Ensino e para aquelas que têm 7 anos ou idade superior, sem experiência escolar anterior.
- Para o 2º ano dos Anos Iniciais será oportunizada a matrícula às crianças que completarem 7 anos no decorrer de 2008 ou com idade superior, que cursaram o último ano da Educação Infantil e às crianças reprovadas na 1ª série do Ensino Fundamental de 8 Anos. Pelo princípio do não retrocesso no Sistema Educacional, as crianças que já cursaram com 6 anos o último



ESTADO DE SANTA CATARINA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ – COMESJ
 PARECER Nº 0022/2007 Fls.04 de 12.

- No caso de transferência de outra rede que ainda não tenha implantado o Ensino Fundamental de 9 anos a análise para matrícula deverá respeitar os documentos enviados pela instituição de origem e, em caso de dúvida, a escola deve buscar orientação junto aos profissionais da SME.

QUADRO SÍNTESE DE MATRÍCULAS NOS ANOS INICIAIS

2007	SITUAÇÃO	2008
Sem matrícula	Crianças que não frequentaram a Educação Infantil e sem experiência escolar anterior	1º ano
CEI	Crianças que completam 6 anos até 03/03/08	
	Crianças que cursaram o último ano da Educação Infantil com seis anos completos	2º ano
	Reprovadas	
1ª série	Aprovadas	2ª série
2ª série	Reprovadas	2ª série
	Aprovadas	
3ª série	Reprovadas	3ª série
	Aprovadas	
4ª série	Reprovadas	4ª série
	Aprovadas	

2008	SITUAÇÃO	2009
CEI ou sem experiência	Crianças com 6 anos completos ou a completar até 03/03/09	1º ano
1º ano	Processo Inicial de Alfabetização Crianças do 1º ano com frequência igual ou superior a 75%	2º ano
2º ano	Reprovadas	2º ano
	Aprovadas	3º ano
2ª série	Reprovadas	3º ano
	Aprovadas	3ª série
3ª série	Reprovadas	3ª série
	Aprovadas	4ª série
4ª série	Reprovadas	4ª série
	Aprovadas	5ª série

E assim sucessivamente nas séries subsequentes



ESTADO DE SANTA CATARINA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ – COMESJ

PARECER Nº 0022/2007 Fls.03 de 12.

ano da Educação Infantil deverão ser matriculadas no 2º ano do Ensino Fundamental de 9 Anos, formando a turma de transição, o que não corresponde a 2ª série do Ensino Fundamental de 8 anos.

- Considerando que o 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de 9 anos deve ser um período privilegiado para o trabalho com as diferentes dimensões do Desenvolvimento Humano, tendo como referência a infância, fica estabelecido que as crianças que frequentaram a 1ª série do Ensino Fundamental de 8 anos, no ano de 2007 e que não atingiram desempenho esperado, serão matriculadas no 2º ano do Ensino Fundamental de 9 anos (turma de transição), sendo que as demais deverão ser matriculadas na 2ª série do Ensino Fundamental de 8 anos.

Matrícula para 2009

- Para o 1º ano dos Anos Iniciais a matrícula deverá ser oportunizada às crianças que tiverem 6 (seis) anos completos ou a completar até 03/03/09 e para aquelas com idade superior a 6 (seis) anos que não possuam experiência escolar (não considerar a experiência na Educação Infantil).
- Independentemente do desempenho, a criança de 6 (seis) anos de idade deverá ser matriculada no 1º ano do Ensino Fundamental de 9 anos.
- Para o 2º ano a matrícula será oportunizada às crianças que frequentaram o 1º ano e às reprovadas do 2º ano do Ensino Fundamental de 9 anos.
- Para o 3º ano a matrícula será oportunizada às crianças aprovadas no 2º ano e às reprovadas da 2ª série. A criança reprovada na 2ª série do Ensino Fundamental de 8 anos, em função da mudança curricular, deverá ser matriculada no 3º ano do Ensino Fundamental de 9 anos (turma de transição). As demais crianças aprovadas na 2ª série deverão ser matriculadas na 3ª série do Ensino Fundamental de 8 anos.
- As matrículas para as turmas de transição nos anos subsequentes (2010 a 2014) serão organizadas considerando as crianças aprovadas do Ensino Fundamental de 9 anos e as reprovadas da última série do Ensino Fundamental de 8 anos.

Transferências

- As crianças que cursarem em 2008 o 1º ano do Ensino Fundamental de 9 Anos, ao serem transferidas, no decorrer do referido ano, para outras instituições municipais, estaduais e particulares, deverão ser matriculadas na 1ª série/ano do Ensino Fundamental de 9 Anos.
- As crianças que cursarem em 2008 o 2º ano do Ensino Fundamental de 9 Anos, ao serem transferidas, no decorrer do referido ano, para outras instituições municipais, estaduais e particulares, deverão ser matriculadas na 2ª série/ano do Ensino Fundamental de 9 Anos.
- As crianças que concluírem em 2008 o 1º ano do Ensino Fundamental de 9 Anos, ao serem transferidas, para outras instituições municipais, estaduais e particulares, deverão ser matriculadas na 2ª série/ano do Ensino Fundamental de 9 Anos.
- As crianças que concluírem em 2008 o 2º ano do Ensino Fundamental de nove anos, ao serem transferidas, para outras instituições municipais, estaduais e particulares, deverão ser matriculadas na 3ª série/ano do Ensino Fundamental de 9 Anos.
- As crianças transferidas de outras instituições, durante o ano letivo, e que estavam matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental de 9 anos sem ter 6 (seis) anos completos, deverão continuar frequentando o Ensino Fundamental de 9 anos.



ESTADO DE SANTA CATARINA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ - COMESJ
 PARECER Nº 0022/2007 Fls.05 de 12.

Orientações Gerais

- Os estudantes que já se encontram matriculados no Ensino Fundamental de 8 anos não terão direito ao Ensino Fundamental com duração de 9 anos.
- O processo de transição na escola do currículo de 8 para 9 anos será de responsabilidade de especialistas, direção e professores, amparados pelo Setor Pedagógico da SME.
- Propõe-se também com a implementação do Ensino Fundamental de 9 anos, a oferta a partir do 2º ano de escolarização, de estudos paralelos no contra-turno, como meio de garantir o direito das crianças à aprendizagem.

**MATRIZ CURRICULAR do Ensino Fundamental de
 Rede Municipal de São José**

ENSINO FUNDAMENTAL
 REDE MUNICIPAL DE ENSINO SÃO JOSÉ/SC
 NÚMERO DE DIAS DE TRABALHO EFETIVO ESCOLAR: 200 DIAS
 NÚMERO DE DIAS LETIVOS SEMANAIS: 05
 NÚMERO DE AULAS POR TURNO: 05
 NÚMERO DE SEMANAS LETIVAS: 40
 DURAÇÃO HORA/AULA: 45 MINUTOS
 TURNO: DIURNO
 CARGA HORÁRIA MÍNIMA ANUAL PARA OS ALUNOS: 800 HORAS

MATRIZ CURRICULAR

	DISCIPLINAS (Aulas Semanais)	ANOS INICIAIS					ANOS FINAIS			
		1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	X	6	6	6	6
	Matemática	X	X	X	X	X	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	X	3	2	3	3
	Geografia	X	X	X	X	X	2	3	2	2
	Ciências	X	X	X	X	X	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Arte	X	X	X	X	X	2	1	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	X	1	1	1	1
PARTE DIVERSIFICADA	Filosofia	-	1	1	1	1	-	1	1	1
	Informática	-	X	X	X	X	-	-	-	-
	Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA	20/h	20/h	20/h	20/h	20/h	26	26	26	26

[Handwritten signatures and initials]



ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ – COMESJ

PARECER Nº 0022/2007 Fls.06 de 12

OBS.:

- Na Matriz Curricular do Ensino Fundamental de 09 anos, de 1º ao 5º ano (anos iniciais), não consta divisão de carga horária, pois o professor desenvolve atividades com os conceitos das disciplinas da base comum. Nas disciplinas de Educação Física e Língua Estrangeira, nos anos iniciais, as aulas serão ministradas por professores das disciplinas citadas, com carga horária de 03 (três) aulas de Educação física e 02 (duas) de Língua Estrangeira.
- Cabe ao aluno optar por uma Língua Estrangeira oferecida pela Unidade Escolar (Inglês/Espanhol).
- A disciplina Ensino Religioso será oferecida de forma optativa para os alunos, em horários extraclasse, a ser definido pela Unidade Escolar.
- A Informática será oferecida inicialmente no 2º ano à 8ª série (conforme matriz); gradativamente as aulas sairão da matriz curricular como disciplina e passarão a ser abordadas como trabalho regular no laboratório (projetos, gráficos, pesquisas, produção de vídeos etc).
- A informática a partir de 2011 será oferecida apenas do 2º ao 5º ano para assegurar as crianças o acesso aos conceitos básicos da área; como trabalho regular no laboratório de informática.
- Com a saída da Informática da Matriz Curricular como disciplina, aumenta 01(uma) aula na disciplina de Língua Portuguesa; até 2010 05(cinco) aulas, após 2010 06(seis) aulas semanais.

MATRIZ CURRICULAR 2008

	DISCIPLINAS (aulas semanais)	SÉRIE/ANO								
		1º	2º	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	X	5	5	5	5
	Matemática	X	X	X	X	X	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	X	2	3	2	3
	Geografia	X	X	X	X	X	3	2	3	2
	Ciências	X	X	X	X	X	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Arte	X	X	X	X	X	2	2	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	X	1	1	1	1
	PARTE DIVERSIFICADA	Filosofia	-	-	-	-	-	-	-	1
Informática		-	X	X	X	X	1	1	1	1
Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol		2	2	2	2	2	2	2	2	2
CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA		20/h	20/h	20/h	20/h	20/h	26	26	26	26

Handwritten signatures and initials, including a large signature on the left and several smaller ones on the right, likely representing council members or officials.



ESTADO DE SANTA CATARINA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ COMESJ
 PARECER Nº 0022/2007 Fis.07 de 12
MATRIZ CURRICULAR 2009

	DISCIPLINAS	SÉRIE/ANO								
		1º	2º	3º	3º	4º	5º	6º	7º	8º
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	X	5	5	5	5
	Matemática	X	X	X	X	X	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	X	2	3	2	3
	Geografia	X	X	X	X	X	3	2	3	2
	Ciências	X	X	X	X	X	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Arte	X	X	X	X	X	2	2	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	X	1	1	1	1
	Filosofia	-	1	1	-	-	-	-	1	1
	Informática	-	-	X	X	X	1	1	1	1
PARTE DIVERSIFICADA	Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA	20/h	20/h	20/h	20/h	20/h	26	26	26	26

MATRIZ CURRICULAR 2010

	DISCIPLINAS	SÉRIE/ANO								
		1º	2º	3º	4º	4º	5º	6º	7º	8º
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	X	5	5	5	5
	Matemática	X	X	X	X	X	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	X	2	3	2	3
	Geografia	X	X	X	X	X	3	2	3	2
	Ciências	X	X	X	X	X	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Arte	X	X	X	X	X	2	2	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	X	1	1	1	1
	Filosofia	-	1	1	1	-	-	-	1	1
	Informática	-	-	X	X	X	1	1	1	1
PARTE DIVERSIFICADA	Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA	20/h	20/h	20/h	20/h	20/h	26	26	26	26

Handwritten signatures and initials, including a large signature on the left and several smaller ones on the right, some with circled initials.



ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ COMESJ

PARECER Nº 0022/2007 Fls.08 de 12

MATRIZ CURRICULAR 2011

	DISCIPLINAS	SÉRIE/ANO								
		1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	5	6	6	6	6
	Matemática	X	X	X	X	4	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	2	2	3	2	3
	Geografia	X	X	X	X	3	3	2	3	2
	Ciências	X	X	X	X	3	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Arte	X	X	X	X	2	2	2	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	-	1	1	1	1
	Filosofia	-	1	1	1	1	-	-	1	1
	Informática	-	X	X	X	X	-	-	-	-
PARTE DIVERSIFICADA	Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA	20/h	20/h	20/h	20/h	20/h	25	26	26	26

MATRIZ CURRICULAR 2012

	DISCIPLINAS	SÉRIE/ANO								
		1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	5	6	6	6	6
	Matemática	X	X	X	X	4	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	2	3	3	2	3
	Geografia	X	X	X	X	3	2	2	3	2
	Ciências	X	X	X	X	3	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Arte	X	X	X	X	2	2	2	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	-	1	1	1	1
	Filosofia	-	1	1	1	1	-	-	1	1
	Informática	-	X	X	X	X	-	-	-	-
PARTE DIVERSIFICADA	Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA	20/h	20/h	20/h	20/h	20/h	26	26	26	26



ESTADO DE SANTA CATARINA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ COMESJ
 PARECER Nº 0022/2007 Fls.09 de 12

MATRIZ CURRICULAR 2013

	DISCIPLINAS	SÉRIE/ANO								
		1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	5	6	6	6	6
	Matemática	X	X	X	X	4	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	2	3	2	2	3
	Geografia	X	X	X	X	3	2	3	3	2
	Ciências	X	X	X	X	3	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Arte	X	X	X	X	2	2	1	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	-	1	1	1	1
PARTE DIVERSIFICADA	Filosofia	-	1	1	1	1	-	1	1	1
	Informática	-	X	X	X	X	-	-	-	-
	Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA	20/h	20/h	20/h	20/h	20/h	26	26	26	26

MATRIZ CURRICULAR 2014

	DISCIPLINAS	SÉRIE/ANO								
		1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	5	6	6	6	6
	Matemática	X	X	X	X	4	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	2	3	2	3	3
	Geografia	X	X	X	X	3	2	3	2	2
	Ciências	X	X	X	X	3	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Arte	X	X	X	X	2	2	1	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	-	1	1	1	1
PARTE DIVERSIFICADA	Filosofia	-	1	1	1	1	-	1	1	1
	Informática	-	X	X	X	X	-	-	-	-
	Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA	20	20	20	20	20	26	26	26	26



ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ - COMESJ

PARECER Nº 0022/2007 Fls.10 de 12

MATRIZ CURRICULAR 2015

	DISCIPLINAS	ANOS INICIAIS					ANOS FINAIS			
		1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	X	6	6	6	6
	Matemática	X	X	X	X	X	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	X	3	2	3	3
	Geografia	X	X	X	X	X	2	3	2	2
	Ciências	X	X	X	X	X	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	3	3	3	3
	Arte	X	X	X	X	X	2	1	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	X	1	1	1	1
	PARTE DIVERSIFICADA	Filosofia	-	1	1	1	1	-	1	1
Informática		-	X	X	X	X	-	-	-	-
Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol		2	2	2	2	2	2	2	2	2
CARGA HORÁRIA OBRIGATORIA		20/h	20/h	20/h	20/h	20/h	26	26	26	26

III - CONCLUSÃO

A Comissão Verificadora é favorável e torna regulamentada a implantação gradativa do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, a partir do ano letivo de 2008 na Rede Municipal de São José.

IV - VOTO DA RELATORA

Declaro voto *FAVORÁVEL* pela autorização da implantação gradativa do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos na Rede Municipal de São José, a partir do ano letivo de 2008.

V - DECISÃO DA COMISSÃO

A Comissão de Educação Básica acompanha, por unanimidade dos presentes, o Voto da Relatora. Em 13 de dezembro de 2007.



ESTADO DE SANTA CATARINA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ - COMESJ

PARECER N° 0022/2007 Fls.11 de 12

Ana Maria Laguna Schütz

Carlos Magno da Silva Bernardo

Fernanda Regina Luiz

Maria Cecília da Silva Correia

Maria de Fátima dos Santos

Maria Solange Coelho Borges

VI – DECISÃO DO PLENÁRIO

O Conselho Municipal de Educação de São José, reunido em Sessão Plenária, no dia 13 de dezembro de 2007, deliberou, por unanimidade dos presentes, aprovar o voto da Relatora.

Presidente: FERNANDA REGINA LUIZ

Secretária Executiva: Ana Maria Laguna Schütz

Artur Feijó Netto

Carlos Magno da Silva Bernardo

Gilberto Alexandre de Campos

Hilton de Souza Zeferino

Ison Elias

Jorge Lautert

Jorge Luiz Pereira

Maria Cecília da Silva Correia

Maria de Fátima dos Santos

ANEXO B - PARECER N° 0039/2008



ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ - COMESJ

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

PROCEDÊNCIA: SME – Secretaria Municipal de Educação – São José/SC

OBJETO: Autorização para Implantação da Disciplina de Filosofia na Rede Municipal de Ensino de São José a iniciar no ano letivo de 2009.

PARECER N° 0039 /2008.

Aprovado em 09/12/2008

I – HISTÓRICO

A Ilustríssima Secretária da Educação do Município de São José, encaminha, através do Ofício nº 0932/08SME, solicitação para implantação da Disciplina de Filosofia no Ensino Fundamental na Rede Municipal, a iniciar no ano letivo de 2009.

A proposta tem como objetivo introduzir o aluno a uma “Educação para o Pensar” através de exercício de conceituação e que aplique estes conceitos no seu dia a dia.

Criar uma cultura do pensar na Unidade Escolar e da sensibilidade e de respeito pela opinião dos outros. Valorização de cada idéia proposta e o resgate da auto-estima.

II – ANÁLISE

A proposta curricular de São José contempla, no programa de Filosofia, a implantação da reflexão filosófica desde os primeiros dias da vida escolar do Aluno.



ESTADO DE SANTA CATARINA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ - COMESJ

Parecer 0039/2008 Fls.02 de 04

O consenso dos Professores de Filosofia, Diretores, confirmam o Projeto e dão a sugestão de não só atender os Alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental como das demais séries/anos.

A Prefeitura de São José tem se destacado no cenário nacional por ter inserido a Filosofia no Ensino Fundamental e ainda ostenta a exclusividade de ser a única Instituição pública a implantar a Filosofia de uma forma sistemática (contratação de Professores, concurso público, inclusão da Filosofia Proposta Curricular...).

Há oito anos a Prefeitura Municipal de São José vem implantando a Filosofia no Ensino Fundamental com o Projeto "Educar para o Pensar", é um projeto para desenvolver a cultura do pensar na Rede de Ensino Municipal de São José.

Mais do que nunca precisamos ter proposta que norteie o processo educacional de uma maneira que possibilite a reflexão, a autonomia e interdisciplinaridade não só para Alunos como para Professores, Pais, e toda a Escola. Por isso a abrangência da educação para o Pensar.

A Filosofia já está contemplada como disciplina obrigatória na Matriz Curricular da EJA em todas as séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e também nas 7ª e 8ª séries do Ensino Regular da Rede Municipal de Ensino de São José, além de estar presente nos anos iniciais do Ensino Fundamental como Projeto da Secretaria Municipal de Educação desde 2001.

III – CONCLUSÃO

A Comissão Verificadora é favorável e torna regulamentada a implantação gradativa da Disciplina de Filosofia no Ensino Fundamental de nove (9) anos, a partir do ano letivo de 2009 na Rede Municipal de São José, conforme Matriz Curricular da Rede.



ESTADO DE SANTA CATARINA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ - COMESJ

Parecer 0039/2008 Fls.03 de 04.

IV - VOTO DA RELATORA

Declaro voto *FAVORÁVEL* pela autorização da implantação gradativa da Disciplina de Filosofia no Ensino Fundamental de nove (9) anos na Rede Municipal de Ensino de São José, a partir do ano letivo de 2009.

V – DECISÃO DA COMISSÃO

A Comissão de Educação Básica acompanha, por unanimidade dos presentes, o Voto da Relatora. Em 09 de dezembro de 2008.

Ana Maria Laguna Schütz (Relatora)

Carlos Magno da Silva Bernardo

Fernanda Regina Luiz

Lucia Zimermann

Jayne COSTA FILHO

Marco Aurélio da Silva

VI – DECISÃO DO PLENÁRIO

O Conselho Municipal de Educação de São José, reunido em Sessão Plenária, no dia 09 de dezembro de 2008, deliberou, por unanimidade dos presentes, aprovar o Voto da Relatora.



ESTADO DE SANTA CATARINA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ - COMESJ

Parecer 0039/2008 Fls.004 de 04.

Adriana Chagas

Artur Feijó Netto

Carlos Magno da Silva Bernardo

Geraldo José Hermenegildo da Rosa

Gilberto Alexandre de Campos

Hilton de Souza Zeferino

Ison Elias

Jorge Rogério Lautert

Jorge Luiz Pereira

Kellen Cristina da Silva

Maria Cecília da Silva Correia

p) Maria de Fátima dos Santos

Maria Helena Balthazar

Maria Solange Coelho Borges

Mirela Berendt Pinto da Luz

Saionara Oliveira Bello da Silveira

Relatora: Ana Maria Laguna Schütz

FERNANDA REGINA LUIZ

Presidente do Conselho Municipal de Educação de São José.

ANEXO C – PROJETO CAFÉ COM IDEIAS



Parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São José – SC

Projeto café com idéias

Agenda de atividades para o ano de 2009, 2010, 2011 e 20012.

I - O conceito:

Café com idéias, um encontro mensal que ocorre durante o ano e que reúne pensadores das diversas áreas de atuação tais como professores pais, estudantes e intelectuais interessados em problematizar e aprofundar as questões relacionadas a educação e outros aspectos que perfilam o cotidiano de uma vida cidadã.

II – Objetivo:

É preciso continuar garantindo à comunidade josefense (educadores, pais, educandos, formadores de opinião) e a quem mais possa interessar, um espaço público para o debate e a reflexão ,que permitam a apropriação e o amadurecimento de novas idéias perpetuando assim o espírito de exercício pleno da cidadania e da constante busca de uma educação emancipatória.

III- Público alvo:

- Professores da Rede Municipal;
- Diretores de escolas da grande Florianópolis;
- Pais;
- Estudantes universitários;
- Alunos do magistério;
- Administradores de escolas,
- Jornalistas
- Grande público em geral.

IV - Palestrantes:

Professores;



Pedagogos;
 Mestres;
 Doutores;
 Jornalistas;
 Administradores;
 Cientistas políticos;
 Mestrandos e doutorandos bem como especialista em educação e áreas afim.

VI - Assuntos e temas geradores.

- A educação em vários níveis; séries iniciais, ensino médio e ensino superior.
- A vida social nas suas várias dimensões, cultura, arte, religião economia, política, arte, lazer e etc.

VII- Ações planejadas:

Março de 2008

Primeiro café com idéias 28/03/09.

Tema: A educação na rede municipal de São José; Metas prioridades e estratégias.
 Palestrante: Secretaria da educação (Rosa Maria Schmidt).

Sala de espera: Coordenador do ensino de Filosofia na Rede Municipal

Tema: Traçando metodologias estratégias e encaminhamentos para o ano de 2009.

Abril de 2009

Segundo café com idéias 25/04/09.

Tema: A arte de administrar o bem público na esfera local considerando as tendências da política internacional.

Palestrante: Prefeito da cidade de São José Djalma Berguer.

Sala de espera: Professor de Filosofia da rede municipal, doutorando da universidade Federal de Santa Catarina.

Tema: O cuidado de si.

**Maio de 2009**

Terceiro café com idéias 30/05/09.

Tema: Ação social no contexto da educação do município de São José; desafios e metas.

Palestrante: Secretária da ação social Lurian da Silva.

Sala de espera: Professor e mestre em educação Sr Manuel.

Tema: O imaginário no processo de ensino e aprendizagem.

Junho de 2009

Quarto café com idéias 27/06/09.

Tema: Uma educação reflexiva.

Palestrante: Professor Dr. Silvio Wonsovicz

Sala de espera: Professor de filosofia da rede municipal;

Tema: Uma experiência de prática bem sucedida.

Julho de 2009

Quinto café com idéias 25/07/09.

Tema: Escola de pais.

Palestrante: Professora Neuza.

Sala de espera: Professor de artes da rede municipal.

Tema: A arte na compreensão do belo

Agosto de 2009

Sexto café com idéias 29/08/09.

Tema: A educação e o ensino superior no Brasil.

Palestrante: Professor doutor Pinto da Luz.

Sala de espera: Professor de matemática Rogério.

Tema: A matemática e o lúdico na educação.



Setembro de 2009

Sétimo café com idéias 26/09/2009.

Tema: A Ética e o espaço público.

Palestrante: Professor Dr Silvino.

Sala de espera: Professor da rede municipal com apresentação de painel de atividades desenvolvidas em sala de aula.

Outubro de 2009

Oitavo café com idéias 31/10/09.

Tema: Os vários tipos de lógica.

Palestrante: Professor Alberto Thomal.

Sala de espera: Professora Salomé e professor Vilmar.

Tema: A poesia no cotidiano.

Novembro de 2009

Nono café com idéias 28/11/09.

Tema: O jornalismo e o jornalista como agente formador da opinião pública.

Palestrante: Jornalista Rodrigo Cardoso

Sala de espera: Professor da rede falando sobre a escola do mar.

VIII - Agenda temática para os anos de 2010-2011-2012.

Março:

- Ecologia do corpo.
- O educador no processo de reinvenção da escola.
- A música na formação integral do sujeito.

Abril:

- A ficção e a realidade no discurso da esperança.
- O espaço público no exercício da democracia.

ANEXO D - PROGRAMA "EDUCAR PARA O PENSAR"

"PROGRAMA EDUCAR PARA O PENSAR" FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE SÃO JOSÉ

Uma história a ser contada

- 1987 - Ensino Fundamental Regular.
- 1990 - Primeiras tentativas de introduzir a filosofia no fundamental;
 - Substituição das aulas de IPT para metodologia científica;
 - Primeira apresentação do Projeto de Filosofia ao Secretário de Educação;
 - Ensino médio é introduzido no Município (Filosofia no 3º ano).
- 1991-1999 - Anos de espera.
- 1993 - Abertura para cursos de filosofia São Paulo e Florianópolis.
- 1996 - Cai o ensino religioso no Município;
 - A filosofia é implantada nas 7ª e 8ª séries;
 - Primeiro curso de capacitação para toda rede, filosofia participa com português e história.

A filosofia ganha espaço

- 1997 - Primeira tentativa de elaborar uma proposta curricular;
 - O número dos professores de religião são cinco.
- 1998 - Capacitação dos professores de filosofia agora acontece só com os professores de história.
- 1999 - Professor Alberto Thomal apresenta o projeto.

Filosofia na proposta curricular

- 2000 - Elaboração da proposta curricular. A filosofia está incluída na proposta.
 - Professores: Ana Nelia, Arlindo Giacomelli, Arnaldo Debiasi, Cleonice.
 - Curso de capacitação para professores em mais duas escolas: Albertina Hummel Maciel (Fazenda do Max) e José Nitro.

- 2001 - Quatro escolas se inscrevem para ter filosofia no primeiro anos (1ª séries).
Escolas Albertina Krummel Maciel – Fazenda do Max, José Nitro, Escola Docilício da Luz – São Luiz, Escola Altino Flores – Procasa.
- A filosofia está incluída na proposta;
- Primeiro concurso público.
- 2002 - A filosofia se expande. Mais sete escolas se inscrevem no projeto;
- Há necessidade de formar professores pois não estão preparados para aulas com alunos no ensino fundamental;
- Ainda a idéia de filosofia é de que é uma matéria como religião.

Epistemologia do professor

- 2003 - A intenção da Secretaria Municipal de Educação é que a filosofia esteja em todas as séries;
- Foi necessário formar os professores;
- Primeira participação dos professores no Congresso Nacional de Educação para o Pensar e Educação Sexual em Florianópolis.

Pesquisas

- 2004 - Monografia sobre o ensino de filosofia no município São José, professores Otilia Faustino Rosa, Luiz Valdecir, Doris. *a partir de 2004 uma cultura do permanente*
- 2005 - Mudanças de governo; *começa a aparecer nos livros da Brasil*
 - Apresentação da proposta da filosofia em São José e Maranhão;
 - A filosofia é o único projeto da educação que permanece na mudança de governo;
 - Inicia o Projeto Paidéia com o professor José Carlos Ferraz;
 - Proposta de elaborar o Recreio Legal no CEM Antonio Francisco Machado (Forquilhão) pelo professor José Emílio;
 - Professor Geverson inicia projeto com bonecos no Cem Vilson Kleinubing;
 - Surge a necessidade de mais um ajudante no departamento. É escolhido o professor José Emílio.

ANEXO E – APROVAÇÃO PELO CME SÃO JOSÉ – INCLUSÃO DA DISCIPLINA FILOSOFIA (FEV. 2009)

E-mail de Portal SER.net - Sistema de Ensino Reflexivo - SME_São... <http://mail.google.com/a/portalsr.net?ui=2&ik=211e85d774&view...>

 Prof. Dr. Sílvio Wonsovitz <silvio@portalsr.net>

SME_São José
1 mensagem

Prof. Dr. Sílvio Wonsovitz <silvio@portalsr.net> 11 de fevereiro de 2009 11:50
Rascunho para: silvio@portaldafilosofia.com.br

RELAÇÃO DE ALGUMAS MANIFESTAÇÕES DA DIVULGAÇÃO DA
APROVAÇÃO PELO CME_SÃO JOSÉ - INCLUSÃO DA FILOSOFIA

----- Forwarded message -----
From: [axe3182 <axe3182@terra.com.br>](mailto:axe3182@terra.com.br)
Date: 2009/1/28
Subject: Passos históricos da Filosofia no Ensino Fundamental
To: [secretaria <secretaria@portalsr.net>](mailto:secretaria@portalsr.net)
Cc: [ana <ana@totalidade.net>](mailto:ana@totalidade.net), [axe3182 <axe3182@terra.com.br>](mailto:axe3182@terra.com.br)

Ao Portalsr
Lendo o e-mail recebido fiquei feliz pela introdução da nossa disciplina já no ensino fundamental, e gostaria que voces me fonessem os trâmites legais para introdução da Filosofia a guisa de conhecimentos e duplicação dos mesmos nas minhas escolas e Diretoria Regional de Ensino.
Ficarei grata
Ana Maria Souza

----- Forwarded message -----
From: [manoelito soares <manoelito.soares@hotmail.com>](mailto:manoelito.soares@hotmail.com)
Date: 2009/1/28
Subject: inclusao do ensino de Filosofia no ensino fundamental.
To: secretaria@portalsr.net

Eu, Manoelito antonio soares filho: professor de Filosofia do ensino público da cidade de Suzano, SP e assessor da Camara Municipal da mesma, gostaria de saber quais foram os passos seguidos por vocês para que este projeto fosse aprovado e consequentemente colocado em pratica nesta cidade.

Date: Wed, 28 Jan 2009 12:45:44 -0200
Subject: importância da filosofia
From: mirocalmeida@gmail.com
To: jamilio10@hotmail.com

Quero parabenizá-los por essa iniciativa que reflete a preocupação de vcs com a busca do ensino reflexivo. Isso é de suma importância na era da tecnologia na qual esses futuros cidadãos farão parte não só como mais um na multidão, mas como membros da sociedade que terão uma postura critica e pró-ativa na busca de uma comunidade melhor e mais equanime.
Miro. Distrito Federal- Filósofo.

Date: Wed, 28 Jan 2009 10:54:36 -0200
Subject: CUMPRIMENTOS
From: elciopepp@ig.com.br
To: jamilio10@hotmail.com

Os maiores cumprimentos ao município de São José/SC pela implantação de Filosofia no Ensino

1 de 3 11/02/2009 11

ANEXO F - ALTERAÇÃO DA MATRIZ CURRICULAR - DISCIPLINA FILOSOFIA



ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ COMESJ
PARECER Nº 0022/2007 Fls.07 de 12

MATRIZ CURRICULAR 2009

	DISCIPLINAS	SÉRIE/ANO								
		1º	2º	3º	3º	4º	5º	6º	7º	8º
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	X	5	5	5	5
	Matemática	X	X	X	X	X	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	X	2	3	2	3
	Geografia	X	X	X	X	X	3	3	3	3
	Ciências	X	X	X	X	X	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	2	2	1	1
	Arte	X	X	X	X	X	1	1	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	X	-	-	-	-
	Filosofia	-	1	1	-	-	-	-	-	-
	Informática	-	-	X	X	X	1	1	1	1
PARTE DIVERSIFICADA	Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	CARGA HORÁRIA OBRIGATORIA	20/h	20/h	20/h	20/h	20/h	26	26	26	26

MATRIZ CURRICULAR 2010

	DISCIPLINAS	SÉRIE/ANO								
		1º	2º	3º	4º	4º	5º	6º	7º	8º
NÚCLEO COMUM	Língua Portuguesa	X	X	X	X	X	5	5	5	5
	Matemática	X	X	X	X	X	4	4	4	4
	História	X	X	X	X	X	2	3	2	3
	Geografia	X	X	X	X	X	3	3	3	3
	Ciências	X	X	X	X	X	3	3	3	3
	Educação Física	3	3	3	3	3	2	2	1	1
	Arte	X	X	X	X	X	1	1	1	1
	Ensino Religioso	X	X	X	X	X	-	-	-	-
	Filosofia	-	1	1	1	1	-	-	-	-
	Informática	-	-	X	X	X	1	1	1	1
PARTE DIVERSIFICADA	Língua Estrangeira: Inglês/Espanhol	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	CARGA HORÁRIA OBRIGATORIA	20/h	20/h	20/h	20/h	20/h	26	26	26	26

ANEXO G - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

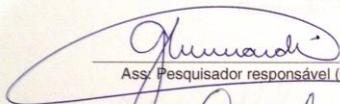


UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
GABINETE DO REITOR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS - CEPESH

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

Com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, os representantes legais das instituições envolvidas no projeto de pesquisa intitulado "FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: O PROJETO EDUCAÇÃO PARA O PENSAR NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ/SC (2000-2010)" declaram estarem cientes e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos pesquisadores que no desenvolvimento do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da resolução 466/2012 e 251/1997 do Conselho Nacional de Saúde.

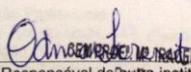
Local, 12 / 12 / 2013.


Ass: Pesquisador responsável (Orientador).

Ass: Responsável pela instituição de origem

Nome: Emerson César de Campos
Cargo: Diretor Geral
Instituição: FAED/UDESC
Número de Telefone: 33218546

Prof. Dr. Emerson César de Campos
Diretor Geral - FAED/UDESC
Matrícula 328866-8-02


Ass: Responsável de outra instituição

Nome: Odina Maria de Andrade
Cargo: diretora
Instituição: CEM Prof.ª Sracema M. de Andrade
Número de Telefone: 32576617

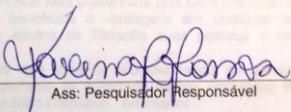
ANEXO H - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DO FIEL GUARDIÃO – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ

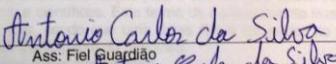
	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA GABINETE DO REITOR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS - CEPESH	

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DO FIEL GUARDIÃO

Com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, o fiel guardião, de acordo com as atribuições legais, declara estar ciente e de acordo com o desenvolvimento nos termos propostos do projeto de pesquisa intitulado "FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: O PROJETO EDUCAÇÃO PARA O PENSAR NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ/SC (2000-2010)", lembrando aos pesquisadores que no desenvolvimento do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da Resolução CONEP/CNS 466/2012 e suas complementares, em especial, sobre o acesso a banco de dados e/ou prontuários de pacientes e/ou participantes da pesquisa.

Florianópolis, 03 / 09 / 2013.

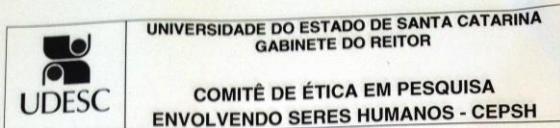

Ass: Pesquisador Responsável


Ass: Fiel Guardião
Nome: Antonio Carlos da Silva
Inscrição Profissional: 33978
Cargo: Professor de Comunicação e Projetos Educacionais
Instituição:
Número de Telefone: 48/33817425

Méiri Terezinha de Melo Hang
Secretaria Municipal de Educação
Decreto 1389/2013 - PMSJ

Avenida Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi, CEP 88035-001, Florianópolis, SC, Brasil.
Telefone/Fax: (48) 3321 8195 – e-mail: cepsh.reitoria@udesc.br

ANEXO I - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DO FIEL GUARDIÃO – DIRETOR DA ESCOLA CEMIA



DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DO FIEL GUARDIÃO

Com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, o fiel guardião, de acordo com as atribuições legais, declara estar ciente e de acordo com o desenvolvimento nos termos propostos do projeto de pesquisa intitulado "FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: O PROJETO EDUCAÇÃO PARA O PENSAR NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ/SC (2000-2010)", lembrando aos pesquisadores que no desenvolvimento do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da Resolução CONEP/CNS 466/2012 e suas complementares, em especial, sobre o acesso a banco de dados e/ou prontuários de pacientes e/ou participantes da pesquisa.

Florianópolis, 03 / 09 / 2013.

Ass: Pesquisador Responsável

Ass: Fiel Guardiã
 Nome: *Odimar Lorenset*
 Inscrição Profissional:
 Cargo: *Diretor*
 Instituição: *CEMIA*
 Número de Telefone: *3257-6617*

Odimar Lorenset
 Diretor Geral
 CEMIA

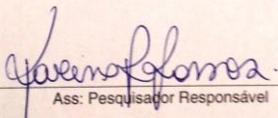
ANEXO J - DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DO FIEL GUARDIÃO – SECRETARIA DA ESCOLA CEMIA

	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA GABINETE DO REITOR
	COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS - CEP SH

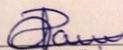
DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DO FIEL GUARDIÃO

Com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, o fiel guardião, de acordo com as atribuições legais, declara estar ciente e de acordo com o desenvolvimento nos termos propostos do projeto de pesquisa intitulado "FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: O PROJETO EDUCAÇÃO PARA O PENSAR NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ/SC (2000-2010)", lembrando aos pesquisadores que no desenvolvimento do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da Resolução CONEP/CNS 466/2012 e suas complementares, em especial, sobre o acesso a banco de dados e/ou prontuários de pacientes e/ou participantes da pesquisa.

Florianópolis, 12 / 12 / 2013.



Ass: Pesquisador Responsável



Ass: Fiel Guardiã
 Nome: Rosi Elaine R. Ramos
 Inscrição Profissional:
 Cargo: Secretaria Escolar
 Instituição: CEMIA
 Número de Telefone: 32576617

Rosi Elaine R. Ramos
Secretaria Escolar
Portaria 360/2012

CEM PROF. M^ª IRACEMA M. DE ANDRADE

Rua Otto Julio Malina, s/n^º
 Bairro Ipiranga - São José-SC

Fone: (48) 3257-6617

Avenida Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi, CEP 88035-001, Florianópolis, SC, Brasil.
 Telefone/Fax: (48) 3321 8195 – e-mail: cepsh.reitoria@udesc.br

ANEXO K - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

NOME DO PESQUISADOR PARA CONTATO: *Marlene Rodrigues*

NÚMERO DO TELEFONE: *(48) 84769322*

ENDEREÇO: *Desenvolv. dos Cumcint 05.*

ASSINATURA DO PESQUISADOR: *Marlene Rodrigues*

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UEDESC
 Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Fone: (48)3321-8195 – e-mail:
 cepsh.reitoria@udesc.br
 Florianópolis - SC
 88035-001

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso

Odimar Lorenset

Odimar Lorenset
 Diretor Geral
 CEMIA

Assinatura

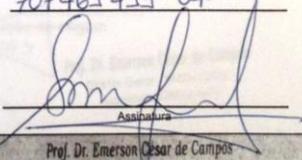
[Assinatura]
 03/09/13

Local:

São José de

Data:

ANEXO L - FOLHA DE ROSTO – COMITÊ DE ÉTICA – PLATAFORMA BRASIL

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS		
1. Projeto de Pesquisa: FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: O PROJETO EDUCAÇÃO PARA O PENSAR NA REDE MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ - SC (2000-2010)		2. Número de Participantes da Pesquisa: 8
3. Área Temática:		
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7, Ciências Humanas		
PESQUISADOR RESPONSÁVEL		
5. Nome: Karine Rodrigues Ramos		
6. CPF: 004.277.159-54		7. Endereço (Rua, n.º): Serviário Curumins Rio vermelho 005 FLORIANOPOLIS SANTA CATARINA 88060170
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (48) 3282-1440	10. Outro Telefone: 11. Email: karine32ramos@gmail.com
12. Cargo:		
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.		
Data: <u>12, 12, 2013</u>		 Assinatura
INSTITUIÇÃO PROPONENTE		
13. Nome: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC		14. CNPJ: 83.891.283/0001-36
15. Unidade/Orgão:		16. Telefone: (48) 3321-8170
17. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.		
Responsável: <u>Emerson Cesar De Campos</u>		CPF: <u>707461419-04</u>
Cargo/Função: <u>Diretor Geral</u>		 Assinatura
Data: <u>20, 03, 14</u>		
PATROCINADOR PRINCIPAL		
Não se aplica. <div style="text-align: right;"> Prof. Dr. Emerson Cesar de Campos Diretor Geral - UDESC Matrícula 328866-8-02 </div>		